

1

CADERNOS DE FORMAÇÃO CRITÉRIOS E LINHAS DE AÇÃO

PARA A PASTORAL COM JOVENS E VOCAÇÕES
NA FAMÍLIA CLARETIANA



fc⁵⁷

Foto de tapa de Ezequiel Takaya CMF | @Kekey
Copyright @familiacaretiana 2018

APRESENTAÇÃO



Em fevereiro de 2018, na Cúria Geral dos Missionários Claretianos em Roma, foi realizada uma primeira reunião de líderes da Pastoral Juvenil e Vocacional (PJV) da Família Claretiana (FC). Este encontro havia sido inicialmente programado pela Prefeitura Geral da Congregação CMF em resposta ao pedido do XXV Capítulo Geral, que solicitou ao Governo Geral que esclarecesse os "critérios e linhas de ação" para a pastoral juvenil e vocacional de seus respectivos Organismos (cf. MS 68.1). No entanto, a iniciativa foi transformada quase que imediatamente pelo interesse que despertou em outros ramos da FC, que pediram para fazer parte dela.

Amilbia Penagos RMI, Antonio Santillán CMF, Bobin Punnackapadavil CMF, Carlos Verga CMF, Elaine Lombardi MSAMC, Fernando Alves CMF, Frédéric Kpoumié CMF, Jorge Sánchez CMF, Jude Igba CMF, Julio Arvárez CMF, Nancy Burgos MSC, Philippe Varathan CMF, Priscilla Latela RMI, Robert Pyrka CMF, Thomas Paingottu CMF, Wilma Mancuello MIC e Yohannes Jeramu CMF. Todo o FC estava presente com suas mensagens de apoio à iniciativa, mesmo que não pudessem participar da reunião por vários motivos.

Durante quinze dias, os participantes trabalharam na preparação do conteúdo de um curso para os líderes da PJV da FC. Esse curso foi realizado durante os meses de setembro e outubro de 2018 e foi avaliado presencialmente durante a reunião de líderes realizada em novembro do mesmo ano. Com as contribuições recebidas naquela ocasião e após a publicação do documento final do XV Sínodo dos Bispos *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* e a exortação pós-sinodal *Christus vivit* do Papa Francisco, os conteúdos foram reformulados até chegar a esta versão final. Essa última versão foi traduzida do original em espanhol para o inglês, francês, bahasa, português e polonês.

Ao longo desses anos, de 2018 até o presente, a PJV da FC ofereceu o curso a seus referentes em um formato on-line, no início, graças à generosidade de nossos irmãos das Faculdades Claretianas de Batatais, Brasil. Depois, de forma mais simplificada, através do Google Classroom, com um novo design de Bruno La Hoz MSC e Carlos Verga CMF.

Na última reunião virtual dos líderes da PJV da FC, decidiu-se fazer circular esses materiais para que possam ser utilizados da maneira mais conveniente por todos os líderes e/ou agentes da PJV da FC nos diferentes níveis em que



trabalham, ou seja, em nível local de paróquias, escolas ou outras estruturas pastorais, bem como em nível jurisdicional de províncias, delegações ou regiões.

Somos motivados pelo interesse de chegar aos lugares onde isso não foi praticamente possível até agora devido a dificuldades de conectividade, como áreas rurais ou regiões sem boa conexão com a Internet, ou porque nem sempre temos a possibilidade de nos organizar de maneira adequada em meio à agitação das atividades diárias. Dessa forma, também tornamos os materiais mais acessíveis a todos os membros da FC que desejam conhecer a proposta do PJV na qual estamos trabalhando juntos nos últimos cinco anos, mesmo que não estejam diretamente envolvidos nesse serviço pastoral.

A pastoral juvenil e vocacional está se enraizando entre nós como uma dimensão fundamental da missão que compartilhamos a serviço da evangelização dos jovens e com os jovens. Compartilhamos com todos vocês estes materiais no interesse de que a PJV da FC continue a crescer entre nós com critérios e linhas de ação comuns nas diferentes geografias e para que a rede mundial de jovens claretianos Claret Way possa ser melhor compreendida e acomodada em nossas estruturas pastorais locais e jurisdicionais.

Confiamos seu ministério pastoral ao Espírito de Jesus que também animou Santo Antônio Maria Claret, nosso fundador e pai desta família evangelizadora.

Equipe de Líderes da FC: Amilbia Penagós RMI, Bruno La Hoz MSC, Carlos Verga CMF, Elaine Lombardi MSAMC, Genoveva Ngondi Asa MMI, Limpia Giménez MIC, Luisa Azor HICM, Priscilla Latela RMI e Virginia Flores MMC.

Roma, 24 de outubro de 2023.
Festa de Santo Antônio Maria Claret.



RESUMO DOS CONCEITOS-CHAVE

DESTA PROPOSTA DE FORMAÇÃO

O apelo para ser uma "Igreja em saída"

Os Capítulos e Assembléias da FC

Os jovens com suas realidades

O exemplo de Jesus e sua Palavra

O testemunho de Claret

INTERPELAN

NOSSA REALIDADE COMO DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS, A FIM DE

"Ir ao encontro dos jovens, especialmente nas periferias, caminhar com eles e possibilitar que eles ouçam os chamados de Jesus"

com

critérios comuns e linhas de ação conjuntas

uma PJV Claretiana planejada em missão compartilhada

desde

QUE

CONHEÇA os jovens para partir de suas realidades

COMPREENDA o que é a PJV e como realizá-la

MANIFESTE as características claretianas próprias

HABILITA o protagonismo dos jovens na evangelização da Igreja

PARA

Confrontar / analisar; discernir / esclarecer; transformar nossas práticas pastorais com os jovens e as vocações em nossas comunidades e Organismes

Responder pastoralmente como FC aos apelos de Deus, da Igreja, de nossos Capítulos e Assembléias e dos jovens em suas realidades e com eles





INTRODUÇÃO

À PROPOSTA DE FORMAÇÃO



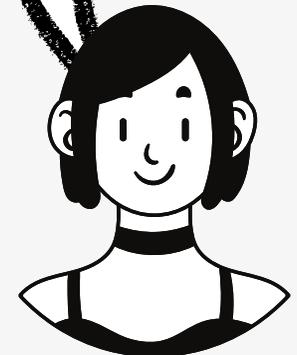
Nos últimos anos, a Igreja propôs um novo paradigma, um novo modelo para vivermos nosso batismo, consagração e missão. Nós, membros da Família Claretiana (FC), nos sentimos chamados a ir ao encontro dos jovens para compartilhar com eles a alegria que a Boa Nova de Jesus nos proporciona. Por isso, os membros da FC se propuseram a chegar a um acordo sobre os critérios, a unir forças e a trabalhar em uma missão compartilhada para a evangelização dos jovens. Para que toda ação pastoral com eles se torne um espaço de discernimento dos apelos de Deus.

Os jovens, com suas culturas e realidades diversas, nos evangelizam e, ao mesmo tempo, desafiam nossa ação pastoral, a maneira como estamos com eles e nosso modo de vida (SÍNODO DOS BISPOS, 2018). É o momento certo para repensar nossas práticas pastorais. Precisamos nos capacitar para ouvi-los, acompanhá-los e ir ao encontro dos mais pobres, dos marginalizados, dos excluídos e daqueles que estão longe da fé. Queremos que eles também se tornem atores da missão. Precisamos de novos evangelizadores para a pastoral juvenil e vocacional com uma marca claretiana.

Estes CRITÉRIOS E LINHAS DE AÇÃO PARA A PASTORAL CLARETIANA COM JOVENS E VOCAÇÕES são a primeira de várias iniciativas acordadas pela PJV da FC em Roma, em novembro de 2018. As outras são as seguintes:

- UM FOGO QUE ACENDE O CORAÇÃO. Chaves da pastoral vocacional para a pastoral claretiana com jovens.
- CLARET WAY, a rede mundial de jovens da Família Claretiana.
- Experiências de VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO para jovens de nossas comunidades em diferentes periferias.
- EQUIPES CONTINENTAIS para a articulação e animação da PJV da FC.
- PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS DE PJV para aprender e crescer com o testemunho de outros.
- JMJ CLARET WAY: Encontros da rede de jovens claretianos por ocasião das Jornadas Mundiais da Juventude.

Os termos "atores", "interlocutores" ou "protagonistas da missão" são tomados como sinônimos e significam que os jovens não são meros "receptores ou recebedores" de algo que lhes é dado de fora, mas que eles mesmos são convidados a participar ativamente da missão de Jesus e a encontrar sua vocação missionária na igreja.



A. OS OBJETIVOS

QUE PRETENDEMOS ALCANÇAR COM ESTA INTRODUÇÃO

- Compreender a proposta formativa no marco eclesial da “Igreja em saída” e como parte de um itinerário mais amplo.
- Formar os jovens no serviço evangelizador, prestando atenção às suas realidades.
- Escutar as palavras de Jesus e os apelos da Igreja para os discípulos-missionários de Jesus que trabalham com os jovens.
- Reconhecer-nos como família carismática nos traços identitários e nas buscas de nossas congregações, institutos e movimentos.

B. OS CONTEÚDOS

QUE LHE PROPOMOS AQUI

- Apresentação da proposta: Marco contextual e itinerário formativo.
- O ícone bíblico de Jesus caminho-verdade-e-vida que inspira nossa ação pastoral com os jovens e as vocações.
- Os chamados da Igreja: A missão, o encontro, a alegria, a confiança, o discernimento, a vida, o contato, a sinodalidade.
- Um ícone claretiano que explica as razões pelas quais trabalhar na missão compartilhada com os jovens e as vocações é uma opção para a família claretiana: Santo Antônio Maria Claret e os outros fundadores e fundadoras. As ênfases carismáticas comuns de nossos institutos e os discernimentos de nossos Capítulos e Assembléias.



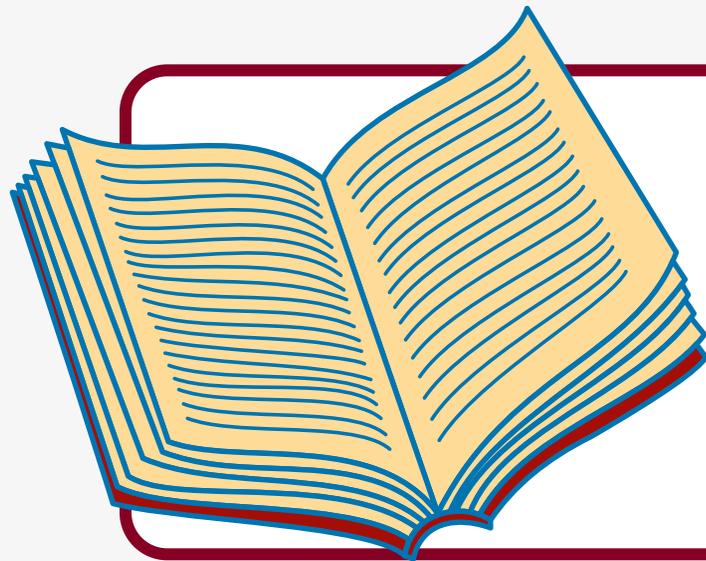
1. JESUS "CAMINHO-VERDADE-E-VIDA"

UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR

A Palavra de Deus, Jesus e sua mensagem, ocupam um lugar central no itinerário que nos propomos percorrer. Por isso, no início de cada módulo encontrarás uma imagem bíblica para contemplar e para que seja tua inspiração na ação pastoral.

Continuando, transcrevemos uma passagem do evangelho de João que faz parte dos discursos de despedida de Jesus durante a última ceia com seus discípulos (Jo 13-17).

O texto diz assim:



Disse Jesus a seus discípulos:
“Quero que onde eu estou, vós também estejais.
E vós conheceis o caminho para onde vou”.
Tomé respondeu: “Senhor, nós não sabemos onde vais.
Como podemos conhecer o caminho?”
Jesus lhe disse:
“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.
Ninguém vai ao Pai senão por mim”.
(Jo 14,2-5)



Em um contexto comunitário, marcado pela intimidade e o compromisso, Jesus ensina a seus discípulos o caminho da entrega que os conduz a Deus e aos demais. Em nossa experiência de discipulado de Jesus, em nosso seguimento, *Jesus continua sendo o caminho que nós queremos percorrer e propor o mesmo caminho aos jovens. A verdade que torna mais autêntica nossa existência e dá sentido à nossa missão. A vida que nos faz capazes de ser testemunhas no meio das realidades juvenis.* Sua presença entre nós lança-nos ao desafio e nos inspira confiança. Ele nos convida ao dinamismo, à participação, à alegria e à esperança.

QUE VOCÊ PENSA?

É JESUS O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA EM NOSSO MINISTÉRIO PASTORAL COM OS JOVENS?
COMO É NOSSO TESTEMUNHO VOCACIONAL NESSE SENTIDO?

2. OS CHAMADOS DA IGREJA

À PJV DA FC

Nos anos recentes, o Papa Francisco nos desafiou a recuperar o mais genuíno de nossa vocação: a saída missionária e a alegria do Evangelho. Nesse marco eclesial, os membros da família claretiana queremos assumir o compromisso de levar adiante uma nova evangelização com os e as jovens que contemple os seguintes aspectos:

QUE SEJA EM SAÍDA MISSIONÁRIA

A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que se adianta e toma a iniciativa sem medo. Sai ao encontro e busca os afastados. Chega nas

nas encruzilhadas dos caminhos e convida os excluídos. Oferece a outros a misericórdia experimentada com o Pai. A “saída missionária” é paradigma de toda a Igreja. Sua renovação passa pela missão. Se queremos ser fieis à nossa vocação, não podemos limitar-nos a ser só administradores nem deixar as coisas tais como estão. Para que o ardor missionário não se apague, precisamos converter-nos e transformar nossa ação pastoral.

QUE FAVOREÇA O ENCONTRO COM O AMOR DE CRISTO

Cada um de nós, na situação em que nos encontramos, somos convidados a renovar nosso encontro pessoal com Jesus Cristo, a tomar a decisão de deixar-nos encontrar



por ele ou ao menos o tentar sem descanso. Só quem se sentiu amado, olhado ou tocado por Cristo, experimenta a alegria que o move a anunciá-lo aos demais. Já o papa Paulo VI dizia que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus e não tê-lo conhecido, caminhar com Ele e caminhar tateando, escutá-lo ou ignorar sua Palavra, contemplá-lo, adorá-lo, descansar nele, que não poder fazê-lo. Se evangelizamos é porque temos a certeza de saber que Jesus caminha, fala, respira e trabalha conosco. Jesus vive no meio de nossa tarefa missionária (FRANCISCO, 2013, p. 266).

QUE NOS PERMITE EXPERIMENTAR A ALEGRIA DE SER POVO DE DEUS

O amor ao povo nos amadurece e nos faz mais felizes. Na missão experimentamos o gosto de ser manancial que transborda e refresca os demais, pois “há mais alegria em dar do que em receber” (Atos 20,35) (Cfr. Idem 271-277). Quando buscamos o bem dos demais, descobrimos algo novo de Deus, abrem-se os olhos para reconhecê-lo nos outros e nossa vida se transforma. O povo crente nos evangeliza e nos revela a presença de Deus na cotidianidade da vida. A missão é paixão por Jesus e paixão por seu povo (Cfr. Idem 274).

QUE NOS LEVA A CONFIAR NA AÇÃO DO ESPÍRITO

Em nossa missão temos o melhor de nós, sabendo que é Deus quem torna fecundo nosso esforço. O fervor, o entusiasmo e a audácia são frutos do Espírito Santo. Somos chamados a viver sem ansiedade, com paz interior. “Aprendamos a descansar na ternura dos braços do Pai na entrega criativa e generosa. Não há maior liberdade que deixar-se levar pelo Espírito, renunciar ao cálculo e ao controle de tudo, e permitir que Ele nos ilumine, nos guie e nos oriente” (Cfr. Idem 279-280). O Espírito nos renova, nos converte e nos ajuda a discernir os sinais dos tempos e lugares. Ser evangelizador com Espírito é abrir-se sem temor à sua ação (Cfr. Idem 35 e 259).

QUE NOS FAÇA VIVER A ALEGRIA DO EVANGELHO

A alegria do Evangelho é para todo o povo e não pode excluir ninguém. A tarefa missionária age por atração contagiando as pessoas pela beleza do que propomos. A pastoral do contágio, do “vem e verás”, nos enche de alegria e é autenticamente evangélica (VATICANO. FRANCISCO, 2017b).

Desde esta perspectiva, a evangelização dos jovens e o ministério para as vocações tal como estávamos acostumados a desenvolvê-los, enfrentam o impacto das mudanças sociais. Nas estruturas habituais, os jovens não costumam encontrar respostas às suas inquietações,



necessidades, problemáticas e feridas. Às pessoas adultas nos custa escutá-los com paciência, compreender suas inquietações ou suas reclamações, e aprender a falar-lhes na linguagem que eles compreendam. O Espírito abre novos caminhos para o anúncio gozoso de Jesus Cristo através do encontro, do diálogo e do serviço pastoral na Igreja (FRANCISCO, 2013, p.105).

QUE ESTEJA EM SINTONIA COM O SÍNODO DAS E DOS JOVENS E AS VOCAÇÕES

O Papa quis dedicar o Sínodo de 2018 aos jovens, à fé e ao discernimento vocacional. Na carta dirigida aos jovens diz: “Quis que ocupem o centro da atenção porque os levo no coração” (Francisco, Carta aos Jovens apresentando o documento preparatório ao Sínodo dos Bispos 2018. 13 de janeiro de 2017). Através deste Sínodo, a Igreja quer reiterar seu desejo de encontrar, acompanhar e cuidar de todos os jovens sem exceção, inclusive o documento preparatório insiste no direito de todos os jovens, sem exceção, a ser acompanhados em seu caminho (Cap. III, 2). Este é o grande desafio da pastoral ao conceber como sujeitos todos os jovens.

Acompanhar os jovens e caminhar com eles exige sair de nossos esquemas concebidos para encontrá-los ai onde estão, dequando-nos a seus tempos e ritmos. Se queremos decifrar a realidade nas qual vivem e transformar o anúncio

recebido em gestos e palavras, temos que levá-los a sério em suas dificuldades e alegrias. Para quem temos assumido o compromisso de ser sua referência pastoral é um desafio contribuir para que eles construam dia a dia sua própria história e encontrem o sentido de suas vidas.

**A pastoral do contágio,
do “vem e verás”
Alude à ação pastoral
transmitida pelo testemunho
da experiência vivida
(Cf. Jo 1,35-51).**



3. A OPÇÃO DE TRABALHAR A PJV

COMO FAMÍLIA CLARETIANA

Santo Antônio Maria Claret, movido pelo Espírito, foi dando respostas à situação da Igreja e da sociedade de sua época. Atento às injustiças e outros males de seu tempo, buscou responder criativamente para transformar os âmbitos viciados pela corrupção moral, a falta de educação e a desigualdade entre as pessoas. Com sua pregação incansável tentou colocar remédio à situação dos escravos, do povo pobre, das mulheres e das famílias.

O Padre Claret buscou diferentes formas de dissipar as trevas da ignorância e amalgamar as luzes do século com a luz do Evangelho. O Espírito o animou a sonhar com um corpo apostólico solidário para a evangelização do mundo que, no transcurso do tempo, se enriqueceu com o nascimento de novas congregações que partilham o mesmo carisma. À luz deste mesmo espírito, a opção que fazemos de trabalhar juntos, os diferentes membros da família claretiana encontram seu sentido mais profundo.

A família missionária da qual somos membros surge, por uma parte, das respostas de Claret ao chamado de Deus para o bem da Igreja, e, por outra parte, das respostas de outras pessoas que movidas por seu espírito criaram suas instituições em novos contextos.

A família claretiana, hoje em dia, está formada por sete institutos de vida consagrada e um movimento laical. A eles é necessário somar, além de inúmeros leigos e leigas associados às diversas obras apostólicas que os distintos membros da família levam adiante nos cinco continentes. Com o objetivo de que nos conheças, te apresentamos na sequência uma breve resenha cronológica:

1846



FILIAÇÃO CORDIMARIANA

Em 1846 Santo Antônio Maria Claret decide dar início a um pensamento “que o havia inspirado” e proporcionar “meios de santificação” a mulheres que não podiam ou não se sentiam chamadas a consagrar-se ao Senhor, segundo as normas da vida religiosa

de seu tempo. Fiel ao Espírito, escreve o livro “Las Hijas do Santíssimo e Inmaculado Corazón de María” (Filhas do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria), publicado em 1850. Isto pode ser considerado como a “ata fundacional” do Instituto Secular que conhecemos como Filiação



Cordimariana.

Sua existência, como grupo organizado na Igreja, tardaria quase um século, concretamente em 1943. No dia 21 de novembro de 1973 são reconhecidas como Instituto Secular de direito pontifício. “Consagração

1846

MOVIMENTO DE LEIGOS CLARETIANOS

Em 1846 o Padre Claret funda a Imprensa Religiosa, posteriormente reforçada pela Academia de São Miguel (Santo Antônio Maria Claret, Autobiografia 329-333). O Padre Claret começa a pensar a Academia em 1856, dias depois do atentado de Holguín (Aut 577-588) a elaboração dos estatutos e sua promulgação são de 1o de novembro de 1858 e impressos somente em 1959). Inspirados nesse projeto que suscita apóstolos evangelizadores leigos, surge em 1938 o atual “Movimento de Leigos Claretianos”, aprovado pelo Pontifício Conselho para Leigos.

Com sua presença, estes irmãos e irmãs querem contribuir na transformação do mundo de acordo com o evangelho e cooperar na construção da Igreja como comunidade de fé, esperança e caridade.

1849



MISSIONÁRIOS FILHOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Em 1849, junto a outros cinco sacerdotes, “animados pelo mesmo espírito”, o Padre Claret funda em Vic, os “Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria” (Autobiografia, 488-494). Os missionários membros da Congregação podem ser sacerdotes, diáconos ou irmãos. Todos eles se dedicam ao serviço missionário da Palavra, anunciando o mistério íntegro de Jesus Cristo. Seguem Jesus ao estilo dos apóstolos, isto é, em comunidade missionária e, pelos votos de pobreza, castidade e obediência, se configuram com

e secularidade, sob o influxo materno do Coração de Maria”, resumem em uma frase seu modo de ser Igreja e de realizar sua missão no mundo com o ardor apostólico de Santo Antônio Maria Claret. São chamadas a ser “fermento na massa”, inseridas plenamente na sociedade secular.



“Por carisma claretiano, que qualifica todo nosso ser, o Espírito Santo nos capacita e nos destina a um serviço especial na Igreja. Identificados por este dom com Cristo Missionário, continuamos, como leigos, a missão para a qual o Espírito Santo suscitou na Igreja a Santo Antônio Maria Claret. O Senhor nos chamou para ser evangelizadores, para anunciar e estender o reino de Deus entre os homens mediante a Palavra em todas as formas, o testemunho e a ação transformadora do mundo, levando assim a Boa Nova a todos os ambientes da humanidade para transformá-la a partir de dentro” (Ideário do Movimento, 5).

Cristo pobre, casto e obediente, para dedicar-se à pregação do Evangelho como esforçados colaboradores dos bispos.

A Congregação de Missionários quer alcançar um triplice objetivo: Buscar em tudo a glória de Deus, chegar a ser santos e buscar a salvação de todos em todo o mundo. Para conseguir, os Missionários se entregam ao Imaculado Coração de Maria para que Ela os configure com Jesus Cristo e para cooperar com seu ofício maternal na missão apostólica.



1855

RELIGIOSAS DE MARIA IMACULADA MISSIONÁRIAS CLARETIANAS

Em 1855, sendo arcebispo de Cuba, Santo Antônio Maria Claret, ao ver as necessidades de evangelização na Ilha e de educação das mulheres, funda, com Madre Maria Antônia Paris, a Congregação das “Religiosas de Maria Imaculada Missionárias Claretianas”. Nasce uma comunidade a serviço da missão evangelizadora, servidoras da Palavra, que busca o Reino e sua justiça e contribui para a renovação da Igreja em fraternidade e pobreza evangélica.

As Missionárias Claretianas RMI, em missão partilhada, querem tornar mais

1909



MISSIONÁRIAS DE MARIA IMACULADA

Em 1909 o Padre Armengol Coll CMF, primeiro bispo da Guiné Equatorial, junto com a Irmã Imelda Makole fundam a Congregação das “Missionárias de Maria Imaculada”, a primeira fundação religiosa feminina autóctone africana e uma presença missionária atual, viva e dinâmica.

As Irmãs orientam sua ação apostólica aos mais pobres e marginalizados,

1921

MISSIONÁRIAS CORDIMARIANAS

Em 1921 nasce no México a Congregação de “Missionárias Cordimarianas”, fundada pelo Padre Julian Collrell e Guix, CMF, e a Madre Carmen Serrano e Rugama, dedicada à evangelização. O carisma congregacional acentua três aspectos: a dimensão missionária, eucarístico-redentora e cordimariana, junto com três meios principais de evangelização: a catequese, a educação e os meios de comunicação.



As Missionárias Claretianas RMI, em missão partilhada, querem tornar mais fácil o caminho aos demais comprometendo-se com a realidade do povo. Promovem caminhos de humanização e esperança, privilegiam o anúncio do Evangelho entre os pobres, os que perderam a fé ou não conhecem a Cristo e denunciam situações de injustiça, contribuindo na busca de alternativas, a partir do diálogo e do discernimento. Maria Imaculada é o “sinal” para elas, modelo de fé e acolhida da Palavra de Deus. Sua vida é impulsionada a lutar pelo bem, em abertura à alegria e à esperança.

à promoção social da mulher africana e mulheres de outras latitudes, ajudando-as a sair de situações de marginalização. Orientam-se por critérios missionários e buscam sempre oferecer o melhor serviço à Igreja e aos interesses da evangelização através da catequese, centros de acolhida, centros educativos, ambulatórios, entre outras atividades. Fiéis ao estilo de vida de seus fundadores, as irmãs se distinguem por sua humildade, simplicidade, espírito de sacrifício e abnegação.



As Irmãs vivem com simplicidade e alegria a sororidade evangélica, partilhando o que têm para ser Evangelho vivente para elas e para os demais. Inspiradas no seguimento de Jesus missionário, que se oferece ao Pai para a salvação, levam em “odres novos” o Vinho Santo da redenção; anunciam que Deus é rico em misericórdia e



1951



MISIONERAS DE LA INSTITUCIÓN CLARETIANA

Em 1951, em Vic, o Padre Luís Pujol CMF e a Madre Maria Dolores Solá, inspirados em Claret, fundam a Congregação das “Missionárias da Instituição Claretiana” para viver o seguimento de Jesus Cristo ao estilo de

Santo Antônio Maria Claret. Como a M. Dolores, as irmãs escutam e experimentam a Palavra de Deus que lhes diz: “Com amor eterno eu te amei, te atraio e te sou fiel” (Jr 31,3). A Palavra de Deus introduz a cada missionária na graça de seguir a Jesus, configurar-se com Ele e deixar-se plenificar pelo Espírito. Segundo o próprio dom pessoal, as irmãs se empenham cada dia no anúncio libertador para que também nossos irmãos e irmãs sejam “muito felizes, verdadeiramente felizes, como diz a M. Dolores Solá, porque são filhos e filhas de Deus”.

1958

MISSIONÁRIAS DE SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET

Em 1958, em Londrina, Brasil, o Padre Geraldo Fernandes CMF, arcebispo da cidade, e a Madre Leonia Milito, fundam a Congregação das “Missionárias de Santo Antônio Maria Claret” ao serviço da evangelização, em simplicidade evangélica, humildade e caridade. A Congregação nasceu como resposta às necessidades de evangelização da América Latina. Atualmente ela está presente nos continentes, formada por pessoas dispostas a consagrar sua vida a Deus e aos irmãos, especialmente aos mais pobres.

aprendem os traços do discipulado e a missão pelo Reino, acolhendo a Palavra

A caridade fraterna é o distintivo da Instituição de forma que “a missionárias claretianas, em sua conduta, deve ostentar um traço vertical da cruz, com uma vida, levantado para Deus, enquanto que na horizontal estende os braços de seu amor a todas as pessoas”, como diz o Padre Pujol e as Constituições do Instituto. As missionárias continuam vivendo hoje este chamado em uma Congregação pequena, em comunidades fraternas, com uma presença de proximidade, na simplicidade, encarnada, entregues à missão do anúncio da Palavra por todos os meios. Professam um amor entranhável à Virgem Maria, primeira missionária; é contemplada aproximando-se ao seu Coração, do qual aprendem a seguir Jesus, de sua fé e afeto maternal. Cada manhã rezam com o coração agradecido: “Graças te damos, Mãe, pela vocação recebida; dá-nos a graça de ser fiéis a ela toda a nossa vida”.



Cimentada na Eucaristia e vivendo o lema “Bondade e Alegria, as Missionárias de Santo Antônio Maria Claret, reconhecem que sua vocação é colocar-se por inteiro a serviço da missão evangelizadora da Igreja, dar glória a Deus no cumprimento de sua vontade e assemelhar-se a Jesus em suas atitudes de doação aos irmãos. A fecundidade do carisma congregacional se manifesta, não somente na congregação das irmãs missionárias, como também na vida dos membros do Instituto Claretiano de Leigos Missionários (ICLEM) e das consagradas leigas da Fraternidade Eclesial Claretiana (FEC). Unidas no ideal comum, são no mundo uma especial presença de Jesus missionário do Pai e redentor da humanidade.



4. CARACTERÍSTICAS CARISMÁTICAS

COMUNS

Talvez você se pergunte se o único meio de se tornar membro dessa família é o fato destes Institutos terem sido fundados pelo Padre Claret ou por algum de seus missionários. Sem dúvida, isto é algo importante, porém também o são os traços carismáticos que nos definem como família missionária. Estas características comuns nos permitem reconhecer-nos como irmãos e irmãs, animados por um mesmo Espírito. As características são:

1. Jesus Cristo é o centro da própria vida e da ação missionária.
2. Maria é modelo dos missionários e missionárias com características principais complementárias:
 - Maria Imaculada na luta contra o mal em qualquer de suas expressões e
 - o Coração de Maria, como mãe e formadora, com sua ternura e misericórdia.
3. O anúncio missionário do Evangelho em comunidade, ao estilo de Jesus com os apóstolos.
4. A centralidade da Eucaristia e da Palavra de Deus.
5. O amor ao próximo e a predileção pelos mais pobres e necessitados.
6. O fazer com os outros em missão partilhada.
7. O amor à Igreja.
8. O trabalho pela justiça, a paz e a integridade da criação.

5. OS DISCERNIMENTOS

DE NOSSOS CAPÍTULOS E ASSEMBLEIAS GERAIS

No início deste caminho de estudo, apresentamos uma síntese dos principais discernimentos da família claretiana em relação ao tema que nos ocupa. Em ditas instâncias, pede-se aos membros dos Institutos

1. Contemplar, partindo da fé, a realidade dos jovens.
2. Aprender a comunicar com eles, através de suas linguagens e aproximação às suas famílias.
3. Crescer em fidelidade à missão recebida, sendo criativos nos métodos e expressões.



4. Oferecer formação humana, teológica, pastoral e espiritual aos agentes de evangelização das novas gerações.
5. Configurar nossa vida e missão como diálogo profético e expressão de compaixão.
6. Estabelecer processos de evangelização em chave de cultura vocacional.
7. Sair de nossos esquemas para ir ao encontro dos jovens.
8. Dedicar pessoas, tempo e recursos à pastoral dos jovens e vocações.
9. Trabalhar em equipe e em missão partilhada com a família claretiana e outros líderes pastorais.
10. Buscar, com os jovens, resposta a suas problemáticas e iniciativas.
11. Fazer que os jovens conheçam a Jesus através do diálogo com eles, de nossos gestos e palavras e da abertura de nossas comunidades.
12. Promover todas as vocações na Igreja e em nossa família carismática.

Leia as duas últimas mensagens dos encontros da Família Claretiana a seus respectivos institutos e movimentos no apêndice 1

RESUMO FINAL

Nesta introdução apresentamos nossa proposta formativa de PJV no marco da Igreja em saída e dos discernimentos de nossa família carismática. Realizamos um primeiro esquema das características para levar adiante uma PJV claretiana em resposta ao chamado da Igreja. Fazer juntos, como família, é uma opção na qual queremos crescer. Temos muitas coisas em comum para construir a partir daí uma rede de relações que nos vincule afetiva e efetivamente, e para empreender juntos uma tarefa evangelizadora partilhada. No próximo módulo, faremos uma introdução ao mundo dos jovens e às realidades a eles pertinentes ou nas quais eles vivem.



**OS JOVENS
E SUAS REALIDADES**
CAPÍTULO UM



A adolescência e juventude são cruciais para uma pessoa. O sentido comum, a prudência, a generosidade, a justiça, a laboriosidade, a autoestima, o otimismo se configuram entre os 13 e 18 anos. Durante a juventude estes valores, entre outros já adquiridos e interiorizados, configurarão o caráter dos jovens e suas decisões no futuro

O grupo de pares, as atitudes e valores da família, a sociedade ou seu entorno e as tendências estabelecidas pelo mundo adulto, entre outros fatores, influenciam os adolescentes e jovens que, por um lado, se sentem atraídos por elas, e, por outro, vivem situações que geram neles confusão. Eles devem optar entre os valores considerados corretos e os que escutam e veem nos demais; e com frequência se transformam em adultos sem dar-se conta de todo o seu potencial.

A vida humana em geral, e a juventude em particular, são comparáveis a um iceberg, do qual somente 11% de seu volume é perceptível sobre a superfície do mar, enquanto o 89% restante permanece submerso e oculto. Assim também acontece conosco: conhecemos nossas potencialidades e possibilidades somente em uma pequena proporção, enquanto a maior parte delas permanecem desconhecidas para nós mesmos e para os demais.

Como FC queremos forjar uma proposta pastoral que nos faça “sair ao encontro dos jovens” para estabelecer com eles um diálogo evangelizador e positivo. Enfrentamos o desafio de caminhar juntos favorecendo o diálogo e a escuta. Queremos oferecer-lhes uma pastoral que os ajude a crescer na consciência que têm de si mesmos e provoque uma abertura aos demais: A outros jovens, em primeiro lugar, porém também, e de modo particular, às pessoas pobres e excluídas.

Deus nos chama a ser protagonistas da transformação do mundo e à evangelização da Igreja, somando às e aos jovens como protagonistas. Neste módulo, queremos refletir com você sobre eles e as realidades em que vivem e crescem.



A. OS OBJETIVOS

QUE NOS PROPOMOS A ALCANÇAR NESTE CAPÍTULO

- Reconhecer os traços psicossociais mais sobressalentes dos e das jovens de nosso tempo e os dilemas que se lhes apresentam.
- Compreender o impacto psíquico e sociocultural da globalização nos e nas jovens que habitam o Continente Digital.
- Descobrir que o chamado do Papa Francisco ao protagonismo dos e das jovens na evangelização implica uma conversão em nossas práticas pastorais.
- Reconhecer nos desafios que nos apresenta a realidade dos e das jovens uma oportunidade do Espírito que nos chama à fidelidade criativa.

B. OS CONTEÚDOS

QUE PROPOMOS AQUI

- Dois ícones para contemplar: Jesus, que fica sem permissão em Jerusalém e Claret que muda o rumo de sua vida em Barcelona.
- Aspectos psicossociais da juventude em nosso tempo: Esclarecimento terminológico. A iGen, mudanças e características geracionais. Valores morais, dilemas sociopsicológicos e outras problemáticas juvenis.
- Os jovens e o Continente Digital: impactos positivos e negativos das redes sociais.
- O Papa Francisco e os jovens: O chamado ao protagonismo dos e das jovens na evangelização e a Igreja.
- Passos para uma espiritualidade pastoral com jovens da iGen e seus animadores.

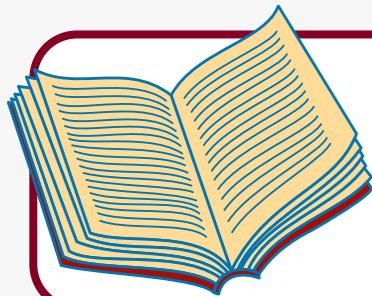


ORIENTAÇÕES**SOBRE COMO TIRAR O MÁXIMO PROVEITO DESTE CAPÍTULO**

- A descrição das realidades nas quais vivem os jovens e que lhe apresentamos tem um caráter pastoral, não científico; portanto, deve ser lida a partir da fé, como uma interpelação de Deus a nosso compromisso missionário.
- É impossível que abarquemos nesta descrição todas as realidades juvenis de todos os continentes. Estas variam de um contexto cultural a outro, inclusive dentro dos próprios países e continentes. Por isso, você deve confrontar o que aqui lhe oferecemos com o que vivem os jovens de sua comunidade e do seu entorno.
- É importante que complementes nossa descrição das realidades juvenis com o que dizem sobre ela os documentos do Sínodo dos Jovens; estão disponíveis na página web oficial: <<http://www.synod2018.va/content/synod2018/es.html>>. Acesso: 09 abr 2019.

1. JESUS FICA EM JERUSALÉM SEM PERMISSÃO**UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR**

Como dizíamos na introdução, no início de cada unidade apresentamos uma imagem bíblica para sintonizar com o tema em estudo. Para esta ocasião escolhemos o texto do evangelho de Lucas sobre Jesus adolescente:



Procure em sua Bíblia a passagem de Lucas 2, 41-52.
 Leia o texto duas vezes e tente imaginar a cena..
 O que você observa?



Lucas nos apresenta a primeira iniciativa de Jesus e que deixa deslocados os seus pais. Talvez lhe ajude saber que os doze anos de então eram uma idade de passagem comparável aos quinze ou aos dezoito em alguns dos nossos contextos atuais. A cena antecipa o que espera a seus pais com Jesus e adianta o que lhe acontecerá no futuro. Trata-se de uma narrativa teológica e cristológica antes de ser histórica. Por quê? Porque o evangelista retrocede ao último período da “infância” os acontecimentos futuros da vida de Jesus e de sua Páscoa. Os evangelhos foram escritos muitos anos depois dos acontecimentos e os “fatos” narrados estão marcados pela experiência de fé do evangelista que escreve para uma determinada comunidade, com o objetivo determinado e com acentos teológicos próprios.



DESDE A PERSPECTIVA DO TEMA QUE ESTAMOS TRATANDO, O DOS JOVENS E SUAS REALIDADES, O TEXTO NOS REMETE À NOSSA PRÓPRIA VIDA E EXPERIÊNCIA JÁ QUE, EM CERTAS OCASIÕES, AS RELAÇÕES FAMILIARES PODEM UTORAR-SE M TANTO TENSAS E DIFÍCEIS. TODOS TEMOS EXPERIÊNCIA DISTO. HÁ MOMENTOS NOS QUAIS NOS CUSTA ENTENDER O QUE ACONTECE CONOSCO OU JUSTIFICAR ALGUMAS ATITUDES DOS DEMAIS. O MESMO ACONTECEU COM A FAMÍLIA DE NAZARÉ; NESTE TIPO DE COISAS, ELES NÃO FORAM EXCEÇÃO À REGRA

O texto nos diz que Jesus cresceu em um ambiente piedoso e crente. Ele era estimado por todo o povo, respeitado por seus pais e querido por Deus. Além disso, era inteligente e esperto. Em nenhum momento se diz que Jesus fosse um rapaz rebelde; se tivesse sido, tanto Maria como José ou os parentes, a família ampliada de Jesus ou mesmo os amigos do povo que haviam ido com eles a Jerusalém lhe teriam prestado mais atenção. Se tivesse sido um jovem rebelde, sua ausência não teria passado despercebida. A narrativa nos dá a entender o contrário: que Jesus não era mais que um adolescente de perfil normal ou ao menos era assim na aparência, já que em um ambiente desconhecido como o dos escribas do Templo, sobressai como “alguém fora do comum”. (Os “escribas” eram estudiosos que se dedicavam ao estudo da Lei de Moisés e das Sagradas Escrituras de Israel. O texto diz que os que o ouviam estavam surpresos por suas intervenções). Até o final do relato Lucas destaca que Jesus era obediente; sem dúvida se trata de uma nota característica dele.



Jesus está amadurecendo sua escolha pessoal entre duas formas de obediência que para ele são importantes, porém seus pais não o sabem. Certamente esta é uma das causas que provoca tanta angústia a seus pais a ponto de regressarem a Jerusalém para buscar o “menino”. Porém, além disso, nessa época Jerusalém era uma cidade de aproximadamente cinquenta mil habitantes e é difícil calcular o número de peregrinos durante uma festa de Páscoa. Alguns estudiosos estimam que poderiam chegar a aproximadamente cento e vinte mil, isto quer dizer que a cidade se encontra literalmente transbordante de gente. Imagine o que deve ter passado pela mente de seus pais até que Jesus aparecesse.

Quando finalmente o encontram, Maria lhe fala desde o seu papel de mãe, porém Jesus não se cala, ao contrário, esclarece o motivo pelo qual ficou sem sua permissão em Jerusalém. (Acaso os adolescentes não teriam sempre motivos de sobra para fazer o que desejam e argumentos para tudo?). José e Maria não chegam a entender o que acontece na cabeça e no coração do seu filho, porém tampouco parece que isto já não lhes importa muito. A angústia passou, agora já o encontraram são e salvo. Quando retornam à vida cotidiana, tudo parece estar em seu lugar. Maria, contudo, fica pensando no assunto.

Que coisas você encontra em comum entre a experiência de Jesus e seus pais e os jovens e adolescentes que você acompanha e suas famílias? Que lições é possível tirar deste texto para o trabalho de liderança pastoral? Em que o faz pensar?



2. A EXPERIÊNCIA DE CLARET JOVEM EM BARCELONA

Também Claret, sendo jovem, tinha oportunidade de converter-se em técnico de desenho têxtil a nível industrial. Porém, enquanto estudava em Barcelona, aconteceram alguns casos que acabaram mudando sua vida para sempre.

3. OS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA JUVENTUDE

EM NOSSO MUNDO

Pouco a pouco vamos entrando em cheio no tema e nos perguntamos: Quem são os jovens atuais aos quais nos referimos? Em que pensamos quando falamos da juventude? Pode-se falar de “juventude” ou seria mais adequado falar de “juventudes”? Nesse ponto, a primeira coisa que devemos fazer é definir o que entendemos por “juventude” e, depois, apresentaremos algumas características das novas gerações e suas realidades.

OS JOVENS E A JUVENTUDE: ESCLARECIMENTO DOS TERMOS

Para definir a “juventude” é necessário ter em conta a idade das pessoas e suas características físicas e



Clique aqui para visualizar o vídeo!

fisiológicas, juntamente com outros aspectos de caráter psicológico e social. Existem numerosas definições sobre o termo “juventude” e, contudo, pode ser que nenhuma delas corresponda às realidades juvenis nem o que indica esta expressão nos diferentes contextos nos quais nos encontramos.

Como quer que seja, definir uma realidade, ou ao menos tentar definir, nos permite objetivá-la e conhecê-la melhor, dar-lhe entidade, nomeá-la adequadamente e caracterizar alguns de seus aspectos. Ajuda-nos a entender a complexa realidade com a qual nos enfrentamos em nossa tarefa evangelizadora.



Há os que sublinham que o termo “juventude” se refere mais a um estado social do que à questão da idade em particular. Para essas pessoas, a “juventude” é uma etapa da vida na qual uma pessoa depende total ou parcialmente de outros, geralmente da própria família, de quem obtém apoio material e emocional que necessita. Outros acentuam o caráter provisório da idade. Se, por exemplo, tomarmos o Dicionário Oxford (2010), a “juventude” é “...o tempo em que uma pessoa é jovem, especialmente o tempo prévio ao qual uma criança se transforma em adulto”. Durante o “Ano internacional da Juventude” (1985), a Organização das Nações Unidas (ONU) também propunha sua própria definição do termo:

A juventude é entendida melhor como o período de transição que vai desde a dependência da infância à independência da vida adulta. A juventude, como categoria, é mais flutuante que outros grupos de idade fixa. Contudo, a idade é o modo mais fácil de definir os jovens, particularmente em relação à educação e emprego, porque com frequência está referida a uma pessoa situada entre as idades em que se deixa a educação obrigatória e se encontra o primeiro trabalho (UM.ORG,2018).

Segundo a ONU, a “juventude” se limita à faixa que vai dos quinze aos vinte e cinco anos. Somente em termos

jurídicos e legais é possível distinguir claramente a adolescência da vida adulta.

Para a Igreja, os “jovens” são “... as pessoas de idade compreendida aproximadamente entre 16 e 29 anos, sendo conscientes de que este elemento exige ser adaptado às circunstâncias locais”. E adverte que “...é bom lembrar que a juventude mais que identificar uma categoria de pessoas, é uma fase da vida que cada geração reinterpreta de um modo único e irrepetível” (VATICAN, 2018).

“Os padres sinodais pediram que se destacasse as numerosas diferenças entre contextos e culturas, inclusive dentro de um mesmo país. Existe uma pluralidade de mundos juvenis, tanto é assim que em alguns países a tendência é utilizar o termo “juventude” no plural. Além do mais, a faixa de idade considerada por este Sínodo (16-29 anos) não representa um conjunto homogêneo, mas está composta por grupos que vivem situações peculiares” (FRANCISCO, Christus Vivit, n. 68).

Se bem que o desenvolvimento cronológico não coincida necessariamente com o desenvolvimento psicossocial, não é idêntico em todos os contextos nos quais trabalhamos pastoralmente, nós também queremos firmar posição em relação ao conceito “juventude”, de



modo que todos entendamos o mesmo quando falamos de jovens.

4. MUDANÇAS GERACIONAIS: DA GERAÇÃO Y À GERAÇÃO I

A descrição das realidades dos jovens nos leva a constatar tendências globais que caracterizam as novas gerações nas diversas partes do mundo. Contudo, existem diferenças relevantes relacionadas à diversidade e pluralidade de mundos juvenis. Estas diferenças têm sua origem em dinâmicas geográficas, demográficas, históricas, de cunho religioso e das diferenças de gênero com suas consequências de domínio, exclusão e discriminação (VATICANO, OFICINA DE PRENSA, 2018).

As pessoas nascidas entre os anos 1980 e 1995 são conhecidas como missennials ou Geração Y. Muitos de seus contatos sociais se dão no âmbito virtual (através de seminários ou vídeo-aulas ou utilização de outras mídias sociais). Trata-se de uma geração mais apegada às suas famílias, segura de si mesma, ambiciosa e que não tem medo de questionar ou de desafiar a autoridade. Os missennials amam a tecnologia, os telefones celulares (móveis), os computadores... Eles gostam de realizar tarefas múltiplas e variadas, participam em diversos tipos

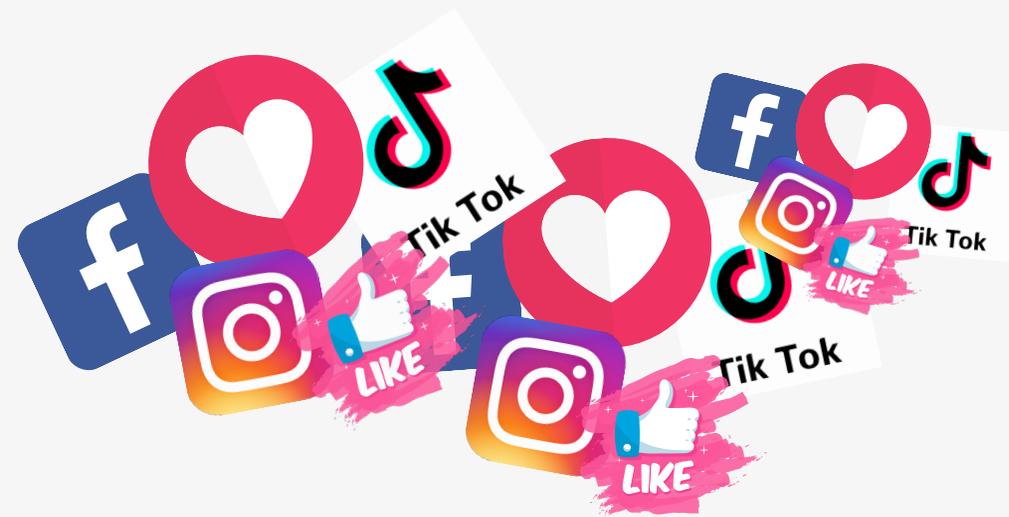


PARA A FAMÍLIA CLARETIANA "[...] UM JOVEM É UMA PESSOA DE APROXIMADAMENTE DEZOITO A TRINTA ANOS DE IDADE, CUJO DESENVOLVIMENTO VITAL SE ENCONTRA ENTRE A ADOLESCÊNCIA E A IDADE ADULTA". ALÉM DISSO, DE ACORDO COM A CARACTERIZAÇÃO CLÁSSICA DE ERIK ERIKSON (1902-1994), RETOMADA E AMPLIADA POR HAVIGHURST (1972) E FATHERMAN, SMITH E PETERSON (1990), QUEREMOS DESTACAR QUE A TAREFA PRÓPRIA DA ETAPA VITAL DA JUVENTUDE É DESENVOLVER A CAPACIDADE DE AMAR E TRABALHAR, ASSUMINDO SUAS PRÓPRIAS DECISÕES COM RESPONSABILIDADE E AUTONOMIA (CF. ANEXO 2).



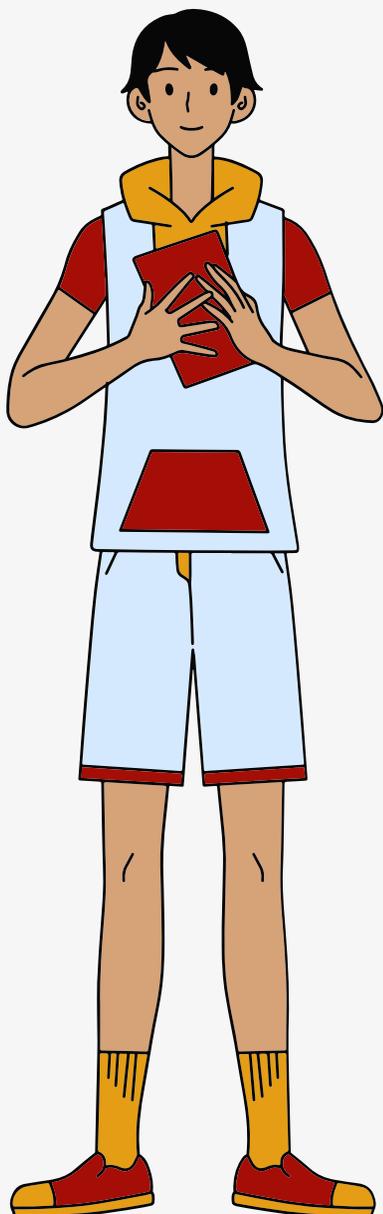
de atividades online (videojogos, música, filmes, outros entretenimentos), aproveitam ao máximo as redes sociais e devoram enormes quantidades de conteúdo multimídia.

A Geração I (*iGen*, em Inglês) é uma subcategoria da Geração Y. As crianças e adolescentes desta geração nasceram entre o ano de 1995 e 2013. Atualmente se encontram estudando no ensino básico, médio ou na universidade. Esta geração “... se define por sua tecnologia e pelo uso que faz dos meios, seu amor pela comunicação eletrônica e sua necessidade de realizar diversas tarefas” (ASCD.ORG, S018; ISSUU,2010). Passam seus dias imersos em uma “dieta midiática”, devorando entretenimentos, usando redes de comunicação e qualquer outra forma de meios eletrônicos. São mestres no ofício de levar adiante tarefas múltiplas em redes sociais. São comunicadores eletrônicos e os primeiros a irem atrás de qualquer novidade tecnológica. Nasceram rodeados de tecnologia e ano após ano acrescentam mais ferramentas a seu vasto repertório eletrônico. Colecionam amigos no Facebook, MySpace ou Second Life; se mostram no Instagram e enviam mais mensagens de texto e WhatsApp ou Messenger do que falam por telefone. Tweeteiam durante toda a noite e com frequência dormem com seus celulares vibrando a seu lado.



5. TRAÇOS E CARACTERÍSTICAS DA JUVENTUDE ATUAL

Os traços característicos dos jovens nos permitem conhecer, em parte, os motivos pelos quais fazem certas coisas e se comportam de determinada maneira, nos revelam seus esquemas mentais e, ainda que não se trate de uma descrição exaustiva nem coincidam com todas as realidades juvenis que conhecemos, nos ajudam na tarefa pastoral:



EXUBERÂNCIA JUVENIL

As novas gerações têm o coração jovem e a cabeça cheia de ideias. Mostram-se pensativos e se fazem perguntas a respeito do como e do porquê pensam. Às vezes acham que a realidade é o que eles pensam e creem. São impacientes, querem tudo na hora e imediatamente (megalomania do desejo). Querem que tudo aconteça com pontualidade automática, inclusive nas respostas aos questionamentos que perturbam sua mente.

AMBIÇÃO E AUTOAFIRMAÇÃO

Os jovens anseiam por muitas coisas e são audazes. Querem aproveitar todas as oportunidades que se lhes apresentam. Buscam modelos para seguir e imitar, com frequência são facilmente atraídos por oradores carismáticos, líderes eloquentes ou estrelas do espetáculo. Os jovens desejam e aspiram ser como eles, ainda que na maioria dos casos suas ambições sejam desordenadas, irracionais ou desmedidas, a menos que sejam positivamente orientadas ou apoiadas.

ENERGIA - VIGOR - AGILIDADE

A maioria dos jovens é, essencial e genericamente, saudável, forte e ágil. Sua vitalidade os impulsiona a querer uma coisa e outra, de um momento a outro e sem descanso, continuamente e, na maior parte do tempo, são inquietos. Em algumas ocasiões são levados a uma solidariedade que nasce da compaixão pela situação que vivem outras pessoas ou da consciência adquirida ante os problemas ecológicos do planeta. Muitos se entusiasmam com a ideia de construir um país, uma sociedade, uma Igreja ou um mundo melhor e trabalham para consegui-lo.

COMPROMISSO

Os jovens se comprometem com aquilo que, segundo seu critério, vale a pena. Esta característica pode ser tão positiva como a anterior e complementá-la. São características positivas que todos os que, de uma ou de outra maneira, os acompanhamos, devemos ter presente. Em nosso caso, se torna necessário que reconheçamos seus dons e os confirmemos em seus aspectos positivos; de modo que possam tirar o melhor de si mesmos. O reconhecimento recíproco e a valorização mútua nos ajudam na busca do bem comum que lhes propomos, a partir





do Evangelho (KAYODE,2018).

DESEJO DE SEREM RECONHECIDOS E POPULARES

A maioria dos jovens quer ser vista e escutada. Os jovens apreciam que suas opiniões sejam respeitadas e tidas em conta. Também tendem a ser egocêntricos e o expressam de várias maneiras: pensam muito e discutem ainda mais, vivem pousando para as selfies à socapa (a pretexto) de aparente felicidade. Eles querem estar sempre no centro da cena chamando a atenção de uma ou de outra forma.

6. JOVENS COM VALORES MORAIS

NUMA SOCIEDADE EM MUDANÇA

O mundo atual está transformado e não é o mesmo em relação às gerações anteriores. As mudanças econômicas e as conquistas sociais influem em nossos desejos, necessidades, sensibilidade e no modo de nos relacionarmos com os demais. Se determinados contextos locais e diversas peculiaridades culturais e institucionais afetam o processo de socialização e a construção da identidade nos jovens, tudo é diferente do que era apenas dez anos atrás (VATICAN,2018).

A globalização tem um efeito que iguala os jovens, os faz parecidos ou homogêneos em diferentes partes do mundo. Devido ao contínuo desenvolvimento, as sociedades se movem rapidamente ao ritmo que marcam as tendências dos avanços tecnológicos, sociais, culturais. Para os jovens é importante apegar-se ao ensino e aos valores positivos aprendidos durante a infância. “Se instruis a criança no bom caminho, nem quando envelhecer se apartará dele” (Pr 22,6). O aforismo vale, tanto para as crianças como para os jovens que levam em seu interior o poder de provocar as mudanças que as sociedades necessitam (ISOR, 2018, p. 43). São

ensinamentos que lhes permitem diferenciar o bem do mal, o justo do injusto, o correto do incorreto e que podem provocar uma mudança de impacto positivo na sociedade, segundo o modo em que os jovens escolhem viver.

O mundo celebra homens e mulheres de grandes ideias, pessoas com valores inegáveis e verdadeiros. O ex-presidente sul africano Nelson Mandela, por exemplo, é celebrado por mudar o rosto e as condições de vida de



seus compatriotas sul-africanos, dobrados pela experiência do apartheid, quando ainda era jovem. Mandela defendeu a verdade, a justiça, a liberdade, e é considerado um ícone do seu povo, um herói. Seus concidadãos negros, que atualmente vivem em condições de igualdade em relação ao resto da sociedade sul-africana, se orgulham dos jovens que o tornaram possível.



Em nossos dias, Mandela Yousafzai, do Paquistão, se destaca como ícone dos jovens com valores. Sua ação a favor dos direitos civis, particularmente os das mulheres, na província Khyber Pktunkhwa, ao Nordeste do Paquistão, é conhecida em todo o mundo. Ainda hoje, ela continua advogando a favor dos mais necessitados e enfrenando o perigo, porque toda escolha pessoal tem suas consequências.

Para fazer a diferença na sociedade atual, os jovens devem saber que não é necessário escolher a vida da destruição e da violência. Daí só pode sair mais violência e morte. O caminho verdadeiro, o que perdura, é consequência de fazer o que é devido de modo livre, consciente, adequado e responsável, segundo as circunstâncias. A vida sempre nos oferece a possibilidade de escolha e as pessoas somos o produto do que escolhemos com todas as consequências. Quem vive com integridade, consciência, conhecimento, competência (habilidades) e as atitudes corretas pode deixar um legado duradouro para o futuro em qualquer sociedade e na Igreja. Valores como a honestidade, o respeito, a gratidão, a lealdade, a tolerância, a solidariedade, a generosidade, entre outros, continuam sendo válidos em nossos dias.

É necessário que quem assume a tarefa de acompanhar pastoralmente os jovens vivamos o que pretendemos ensinar, para que eles também o ponham em prática. O



testemunho da própria vida é o modo mais significativo de propor-lhes que se convertam em agentes de mudança em um mundo que coloca a economia acima das pessoas, dos povos e do cosmos, nossa casa comum (VATICANO, 2018). É a diferença de viver o compromisso que pregamos em uma sociedade moralmente em bancarrota, evitando ser arrastados ou vítimas das mudanças sociais



7. DILEMAS SOCIOPSICOLÓGICOS DA JUVENTUDE ATUAL

Todas as etapas da vida têm suas crises e seus desafios de crescimento (Cfr. Ver Anexo 2). Crescer significa resolver com sucesso as crises que a vida nos apresenta e avançar positivamente no desenvolvimento. Quando uma pessoa alcança a juventude deve ter superado exitosamente várias etapas prévias. Ao passar à juventude se espera que a pessoa se conheça e tenha confiança em si mesma. Contudo, às vezes, sob a pressão das perguntas sem resposta ou das crises psicológicas não resolvidas, os jovens podem sentir-se desafiados a ter a sensação de deslocamento. Isto afeta sua autoestima e a imagem que têm de si mesmos.

Vemos, na continuação, uma série de dilemas sociopsicológicos que afetam a vida dos jovens:

A ACELERAÇÃO DA INFÂNCIA

É um fenômeno cuja tendência vai se impondo a nível sociocultural moderno. As crianças crescem rapidamente e se transformam em adolescentes e jovens, porém assim permanecem longo tempo nessa etapa. Isto faz com que se saltem algumas tarefas psicológicas próprias de sua idade e se transformem em desvantagem na hora de adquirir autonomia.

AUTOIMAGEM E CONFIANÇA EM SI MESMOS

Formar uma imagem adequada de si mesmos ou adquirir autoconfiança também é uma dificuldade para os jovens em nossos dias. As pressões do meio para que cresçam e sejam adultos podem provocar e reativar ansiedades e inibições que, algumas vezes, estão associadas a um sentimento de impotência e de temor de não ser capazes de enfrentar as demandas da realidade. Estes sentimentos de inadequação e impotência podem transformar-se em impulsos de autoagressão ou agressividade dirigida aos adultos afetivamente significativos.

VULNERABILIDADE EMOCIONAL

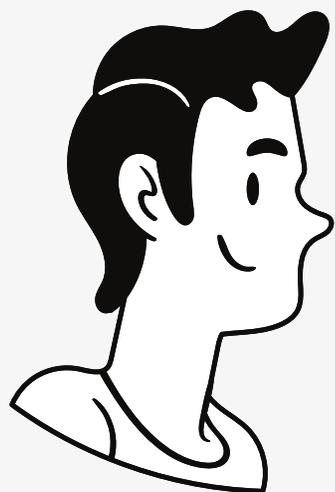
O modo como vivem suas emoções revela suas dúvidas pessoais, sua confusão a respeito da identidade sexual e a falta de confiança em si mesmos. Às vezes a educação coloca demasiada ênfase na vida emocional dos jovens, porém não os ajuda a usar o conhecimento, a memória e a capacidade de reflexão racional. Isto não os ajuda, pelo contrário, os torna pessoas emocionalmente imaturas do tipo: “Sinto, logo existo”.



NARCISISMO

O narcisismo é um fenômeno que aumenta constantemente entre os jovens. A desigualdade de ingressos econômicos cria uma profunda insegurança entre aqueles que pertencem à iGen. Preocupam-se por ter êxito financeiro, às vezes se definem pelo que possuem, se transformam em “ter” e escolhem “ter”. Estas e outras muitas influências do mesmo estilo distinguem a Geração I de todas as gerações prévias. Torna-se evidente no modo em que os jovens passam o tempo, à maneira como se comportam e nas atitudes em relação à religião, à sexualidade e à política.

NÃO GOSTAM DA ESCOLA



Não é que não queiram aprender, mas aprendem de modo diferente. Passaram os dias nos quais os estudantes se sentavam em silêncio na sala de aula para ler um livro ou fazer um exercício de matemática. As mentes dos jovens foram reformatadas, literalmente mudadas (rewired, como se diz em inglês); funcionam com um novo sistema. A tecnologia que consomem acentua a necessidade de educação.

Os conteúdos educativos não são o problema e sim a didática de ensino, isto é, o modo de absorver educação e seu formato.

REJEITAM SER CONTROLADOS

Os e as jovens da iGen não admitem ser controlados, ainda que demonstrem pouca sabedoria, sentem confiança em si mesmos. Andam preocupados com sexo e outras atividades que lhes dão prazer. A respeito da vivência da iniciação sexual, provavelmente a iniciação acontece mais cedo que as gerações anteriores. Rompem as regras, se metem em problemas, estão preocupados pelo modo como as outras pessoas os veem e pelo que dizem deles. Têm opiniões liberais a respeito da própria orientação sexual ou a de outras pessoas, assim como sobre os modos de expressar a sexualidade. Seus pais os respeitam e lhes dão liberdade suficiente para que atuem de maneira independente e sem ser observados.

O MITO DA ETERNA JUVENTUDE

A sociedade de nossos dias idealiza as etapas da infância e da adolescência. Isto leva à falsa convicção de que não há prazer em crescer ou em transformar-se em adultos; que o melhor é permanecer como Peter Pan, no mito da eterna juventude. É assim como a maioria dos jovens prefere postergar o desafio do crescimento



estancando-se em uma forma de vida provisória. Vivem o momento presente sem saber se algum dia serão capazes de passar a prova de converter-se em adultos e assumir as responsabilidades da própria vida em suas mãos.

IMATURIDADE RELACIONADA COM A DIMENSÃO TEMPORAL

É outra questão com a qual os jovens lutam atualmente. A temporalidade da vida permite aceitar o passado, desfrutar o presente e preparar-se para o futuro. Porém, alguns jovens são incapazes de conectar suas vidas no presente com as dimensões do passado e o futuro. Simplesmente vive em um “aqui e agora” que perdura. Vão de um momento a outro, de um episódio a outro, de uma atividade a outra como se esse permanente salto no presente fosse a única realidade possível. Esta dificuldade pode provocar neles situações indesejáveis ou levá-los a escolhas decididas no último minuto.

A contingência do presente se transforma em uma armadilha que os prende e não lhes permite ver a vida como um evento histórico que se desenvolve no tempo. Em casos extremos, podem chegar a perguntar-se se existe algum tipo de conexão entre as experiências vividas no presente com um passado e um futuro. Tornam-se incapazes de lidar com o futuro, falta-lhes a imaginação e as habilidades necessárias para projetar-se

a si mesmos. Ter que planejar um futuro incerto os faz sofrer, sua capacidade de antecipação se vê seriamente comprometida e se converte em uma grande desvantagem psicológica.

8. OUTRAS PROBLEMÁTICAS QUE AFETAM AS E OS JOVENS

A Igreja adverte sobre alguns desafios que provêm, podemos dizer assim, “de fora”, do ambiente cultural, social ou econômico e que têm que ver com o mundo da exclusão. A multiculturalidade, a vivência “de fato” que se dá entre pessoas de diversas culturas, é vivida na própria carne, por exemplo, pelos filhos de pais imigrantes. São jovens que crescem e enfrentam a vida em sociedades e culturas diversas às da sua família de origem. Outro exemplo deste tipo são os filhos de casais étnica, cultural ou religiosamente “mistos”.

Por outra parte, a dureza das condições em que vivem alguns jovens faz com que não encontrem espaços mínimos de liberdade ou condições de possibilidade para poder optar pela vida. São jovens em situação de pobreza, de rua ou de exclusão, sem educação, largados à sua própria sorte. Jovens que crescem sós, abandonados, migrantes, desempregados, vítimas da exploração ou do tráfico de pessoas que passam da infância à idade adulta



em situações que não escolheram. Entre eles, as mulheres jovens são as que mais sofrem ou que devem enfrentar as maiores dificuldades (VATICAN, 2018).

9. OS JOVENS

E O CONTINENTE DIGITAL

As redes sociais revolucionaram o mundo. Jornais, rádio, televisão, Internet, telefones celulares (móveis), aplicações sem fio estão mudando os modos, estilos e vida do povo jovem. A “iGen” usa os meios cibernéticos e o ciberespaço como se se tratasse de sua própria casa. As grandes multinacionais da comunicação em cadeia, as estratégias agressivas de marketing, as telenovelas ou programas de entretenimento (música, vídeos e os produtos da moda, saúde, beleza) não somente oferecem passatempo, mas que transmitem novos e diferentes modos de pensar, de comportamento e de relacionamento. “A influência dos meios tem sido alta ao formatar a mente do povo, os valores e as condutas dos consumidores, etc.” (KARAN, 2000, P.1-2).

Já o Papa São João Paulo II advertia a respeito de uma “nova linguagem, nova psicologia e novas técnicas” da nova cultura em que vivemos (João Paulo II, Redemptoris Missio, 37c).

O uso da Internet aumenta dia a dia em todo o mundo, com uma tarifa à medida das possibilidades de cada um. Os jovens se deslocam rapidamente aos meios eletrônicos e as redes sociais como telespectadores ou radiouvintes.

O assunto é importante. Por isso, convidamos você a ler no Anexo 3 os "impactos positivos e negativos da mídia social".





10. O PAPA FRANCISCO E OS JOVENS

A Igreja de nossos dias demonstra grande interesse pelos jovens. Cada crise séria dos

valores religiosos afeta sempre e em primeiro lugar as novas gerações de modo que os jovens são para a Igreja motivo de esperança e, ao mesmo tempo, um grande desafio, mesmo não sendo algo novo. Já S. João Paulo II, em sua carta apostólica *Dilecti Amici*, dirigida aos jovens por motivo do ano internacional da juventude (1985) lhes dizia: “Em vós há esperança porque pertenceis ao futuro e o futuro vos pertence”. Para João Paulo II, a formação cristã das novas gerações é um assunto sério que tem a ver também com o futuro da Igreja.

O Papa Francisco, porém, entende que os jovens, não somente têm a ver com o futuro, mas sobretudo e muito especialmente, com o presente da Igreja. Os jovens são o “agora” de Deus na família, na sociedade e na Igreja (FRANCISCO, *Christus Vivit*, 2019. Cf. n. 64; 178). Seu olhar de fé encontra motivos de esperança em realidades que, às vezes, provocam em nós certo pessimismo. Somos chamados a recriar a certeza de saber que não estamos sós; o Senhor comprometeu-se estar sempre conosco, até

o final dos tempos, e é seu Espírito Santo quem guia e fortalece a vida da Igreja enchendo de alegria nossa tarefa de discípulos missionários do Evangelho.

O SONHO DA EVANGELIZAÇÃO EM MÃOS DAS E DOS JOVENS

Desde o início do pontificado, o Papa Francisco percebeu claramente o potencial dos jovens. Ele os escuta, lhes presta atenção e coloca em suas mãos a tarefa da evangelização. Na carta que lhes dirige convocando-os ao Sínodo sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional (2018), escreve: “Queria que vocês ocupassem o centro da atenção porque os levo em meu coração”.

Requerem-se grande humildade e sabedoria para escutar pessoas muitas vezes consideradas “sem experiência”. Porém, o Papa cita São Bento que recomendava aos abades de seus mosteiros que, antes de cada decisão importante, consultassem também aos mais jovens porque “muitas vezes o Senhor revela ao mais jovem o que é melhor” (SÃO BENTO, REGRA, III, 3). Também São Paulo escreve a Timóteo animando-o em seu ministério: “Que ninguém te menospreze por tua juventude; de tua parte trata de ser um modelo para os que creem, por tua palavra, por tua conduta, teu amor, tua



fé e pureza” (1Tm 4,12). Bem sabemos quão difícil é na prática escutar o outro, especialmente se é jovem e inexperiente.

Se conseguirmos que os jovens se encontrem com Deus, de modo que participem com convicção na vida sacramental da Igreja, se converterão em autênticos protagonistas da evangelização e atrairão a outros ao encontro de Jesus. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas por um encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com ela, uma orientação decisiva. Jamais deve substituir-se esta experiência gozosa de encontro com o Senhor por uma sorte de “doutrinação” (FRANCISCO, Christus Vivit, 2019, n. 129; 214).

Na exortação apostólica Evangelii Gaudium 105-109, o Papa reflete sobre a pastoral juvenil e aprofunda o tema em Christus Vivit 202-247. Diz que o modo em que estávamos acostumados a desenvolver esta pastoral na Igreja já não serve mais porque não responde às inquietações, necessidades, problemáticas e feridas dos jovens. Além disso, também não respondem às estruturas habituais da Igreja, escutar os jovens, compreendê-los, falar-lhes de um modo que nos entendam e dar-lhes lugar para que participem na pastoral de conjunto da Igreja é

um grande desafio (Cfr. FRANCISCO, Evangelii Gaudium, 105; Christus Vivit, 202).

Encontramos um exemplo que corrobora esta percepção do Papa no congresso sobre a Nova Evangelização dos Jovens, celebrado recentemente na Polônia. Ao serem perguntados por que os jovens poloneses se afastam da Igreja, as respostas foram inquietantes: Para os jovens Deus é um conceito, uma ideia, não uma pessoa, Alguém; eles não encontram espiritualidade na Igreja (80% das respostas). A comunidade eclesial não foi ponte para que eles tenham uma experiência de encontro com Deus (VATICANO. FRANCISCO, 2018).

Além disso, o Papa Francisco adverte a respeito da proliferação de associações e movimentos juvenis existentes atualmente no mundo. E considera a possibilidade de que seja o Espírito Santo quem está abrindo novos caminhos, adequados às expectativas e buscas de espiritualidade profunda dos jovens, com um sentido de pertença mais concreto. De qualquer modo, reconhece que a Igreja cresceu na consciência de que é toda a comunidade eclesial quem evangeliza e educa os jovens e que é necessário um protagonismo maior de jovens na Igreja.



O Papa valoriza a solidariedade e generosidade com que os jovens respondem ante os males do mundo. Reconhece que muitos deles participam em grupos de serviços e iniciativas missionárias da Igreja. Convida-os a que sejam

“caminheiros da fé” e lhes pede que não deixem que lhes roubem o entusiasmo missionário, que se sintam felizes de levar Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada recanto da terra.

“Onde há vida, fervor, ânsia de levar a Cristo aos demais, surgem vocações genuínas”, diz o Papa. Os batizados e consagrados não podemos viver timidamente nossa vocação; é necessário que vivamos com alegria, entregues, fraternos com os irmãos e irmãs de nossas comunidades, apaixonados pela evangelização e orantes. Devemos vencer os complexos e falar abertamente do que dá sentido às nossas vidas e nos plenifica, com atrevimento convidar e propor aos jovens caminhos de especial consagração ou de compromisso autenticamente evangelizador para suas vidas.

Os jovens que chegam às nossas comunidades não precisam de inovações tecnológicas, eles podem comprar tudo que necessitam nas lojas. Precisam, sim, de testemunhos críveis do Evangelho e isso é o que lhes podemos oferecer: um encontro com Jesus que é quem dá sentido ao melhor de nossas vidas. Não se pode oferecer catequese se não lhes anunciarmos antes a Jesus Cristo e seu Evangelho. “Jamais deve ser substituída a experiência gozosa do encontro com o Senhor por uma sorte de “doutrinação” (Cf. FRANCISCO, Evangelii Gaudium, 105-109; Christus Vivit, 214). Pretender fazê-lo será como “querer semear sobre o cimento” (Mons. Edward Dajczak).

**Leia as mensagens do Papa para os jovens na última JMJ
no anexo 4!!!**



11. SETE PASSOS DE UMA ESPIRITUALIDADE PASTORAL

COM OS JOVENS DA IGEN E SEUS ANIMADORES

O Senhor Jesus nos legou sete sacramentos, oito bem-aventuranças (Mt 5, 1-10) e o mandamento do amor para alcançar a plenitude da vida (Jo 10, 10). Unir e integrar as diversas dimensões da vida em uma espiritualidade do seguimento missionário de Jesus com característica claretiana nos permite consolidar nossa identidade pessoal a partir de uma chave que dá sentido ao que somos e fazemos. Mais adiante, no módulo quatro, vamos estudar os traços que não podem faltar em nossa pastoral se quisermos que seja de verdade claretiana. Enquanto isso, lhes oferecemos a seguir sete passos de uma espiritualidade pastoral com os jovens das novas gerações e os animadores da pastoral.



1. INFORMAR E EXPERIENCIAR

A distância entre ricos e pobres de informação aumenta em nossa sociedade. O uso das novas tecnologias pode ajudar a reduzi-la oferecendo, através delas, informação sólida, válida e relevante aos jovens. Os conteúdos da catequese, porém também outros como o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural podem se tornar significativos. Somos convidados a revisar e

explorar, não somente conteúdos, mas também novas metodologias e oportunidades para que os jovens conheçam a Deus e se encontrem com Ele. Um nível experiencial que favoreça o encontro no cotidiano e que por sua vez os abra à transcendência.



2. INSPIRAR-SE E INSPIRAR

Os jovens buscam modelos que os inspirem e acompanhem na vida. Por isso o testemunho da própria vida é melhor que lhes podemos oferecer, junto com nossa proximidade e disponibilidade. É algo que podem compreender quase sem explicar. Na Igreja encontramos muitos modelos positivos e ensinamentos que inspiram no serviço pastoral. As páginas do evangelho, o encontro com os pobres, os caminhos da missão... A convicção e alegria da própria vida e vocação contagiam a outros, a transparência e honestidade com que vivemos e nos deixamos conhecer pelos demais. Os adultos que chegam a ser referenciais e guias dos jovens, os animam e inspiram em um nível que podem entender. A própria vida se transforma em parábola do que anunciamos e de suas histórias juvenis.





3. VER E DAR-SE CONTA (INSIGHT)

Os jovens apreciam o intercâmbio profundo e pleno de sentido. Suas buscas pessoais nos mostram os ideais que os inspiram e seus modelos de vida. Parte de nosso trabalho de líderes, comunicadores, animadores é propor a eles modelos de vida que lhes permitam confrontar-se a si mesmos para crescer, como também nós nos confrontamos com Jesus e sua palavra para crescer. Nosso desafio é encarnar a fé e o estilo de vida que lhes propomos: Um seguimento de Jesus honesto, coerente, alegre, fraterno, vivido com misericórdia e paixão. Encarnar os jovens do Evangelho que anunciamos permite confrontar o verdadeiro e genuíno de nosso discipulado com a verdade de suas próprias vidas e buscas. Trata-se de um nível de juízo crítico e de confrontação.



4. ACOMPANHAR E COMPROMETER-SE

Os jovens costumam usar frases do tipo “fazer ou morrer”. As ações e os fatos falam mais que mil palavras porque são o fruto da participação comprometida em causas nobres: a busca da justiça, a missão evangelizadora, a luta pelos direitos humanos, os esforços pela inclusão das pessoas e o desenvolvimento dos povos. Os jovens estão prontos para envolver-se ... E nós?

Estamos prontos para acompanhá-los? É um nível de decisão. Chegados a esse ponto, os jovens vivem seu compromisso criticamente sabendo-se acolhidos por Deus. A mística da ação tipicamente claretiana deve ser a chave que lhes oferecemos em nosso acompanhamento.



5. INTEGRAR-SE E INTEGRAR

A espiritualidade claretiana, em suas distintas expressões vocacionais-laicais (solteiros, casados, consagrados) e ministeriais (diáconos e presbíteros) – nos oferece a chave a partir da qual se pode viver nosso batismo na Igreja, adquirir unicidade e consistência pessoal e abrir-nos aos demais como comunidade missionária. É a chave holística a partir da qual podemos viver nosso discipulado missionário de Jesus e o que temos para oferecer aos jovens de nossas comunidades. Um modo concreto e diversificado de viver nosso discipulado missionário que dá consistência às nossas vidas e nos abre à dimensão comunitária e social da fé.



6. FAVORECER A COMUNHÃO

A comunhão familiar, eclesial ou social é possível e é o horizonte para o qual devemos encaminhar nossas metas e objetivos pessoais e pastorais. O Papa S. João Paulo II a considerava “a fonte e a alma da atitude apostólica para as necessidades da Igreja”. Criar âmbitos



de comunhão implica favorecer um processo gradual de descentramento pessoal que coloque no eixo da própria vida a Cristo Jesus e inclua aos demais. Operar este descentramento em nossa proposta pastoral com os jovens da iGen é todo um desafio para eles, porém também para nós e nossas estratégias pastorais.



7. SALVAR - RESGATAR - LIBERTAR

São sinônimos que expressam a ação de Deus na Bíblia e na história. A páscoa de Israel somente se consegue cruzando o mar e vivendo no deserto, a páscoa de Jesus, por sua paixão e morte, se consegue pela doação total da vida. Já todos sabemos que as dificuldades, as periferias, o sofrimento e a morte fazem parte de nosso discipulado missionário; que não há seguimento de Jesus sem cruz. Jesus nos diz claramente nos evangelhos. Se quisermos que nossa ação pastoral continue sendo uma proposta de salvação, redenção e liberação para os e as jovens, temos que aventurar-nos e sair ao seu encontro para transitar suas periferias, com equipagem leve e dispostos à escuta. Velhos modos de fazer pastoral devem morrer e é uma experiência dura e difícil. Porém, é necessário morrer para dar vida.

RESUMO FINAL

Nestas páginas foi possível contemplar algumas realidades juvenis: a história de Jesus adolescente, a crise de discernimento de Claret em Barcelona e alguns aspectos dos jovens de nossos dias. Além disso, refletimos sobre o impacto das redes sociais nos jovens, escutamos o Papa Francisco falando aos jovens e deles à Igreja e, finalmente, partilhamos os sete pontos de um itinerário espiritual para ser percorrido pelos jovens e líderes (referentes) pastorais em nossa saída missionária em direção a eles.

Nestes anos, a formação e o acompanhamento dos jovens se transformaram em uma prioridade de nossas opções missionárias. A animação vocacional, unida à pastoral de jovens, tem como objetivo “que eles se encontrem com Jesus e escutem seu chamado” para ser protagonistas da evangelização e da transformação do mundo.

A entrega e testemunho da própria vida são fundamentais para a pastoral do “vem e verás”; dar o exemplo é fruto da ação de Deus em nós, porém também de nosso esforço por ser melhores a cada dia. As palavras de São Paulo aos Filipenses se aplicam também a nós: “Estou convencido precisamente nisto: aquele que começou a boa obra em vocês, a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus” (Flp 1,6).

Só falando às e aos jovens com “a linguagem do amor autêntico” podemos caminhar com eles e acompanhá-los confiados na ação de Deus em suas vidas (VATTAMATTAM M., Chamados a irradiar a alegria do Evangelho em nosso mundo de hoje).



**A PASTORAL DOS JOVENS E A PASTORAL
DE VOCAÇÕES COMO PASTORAIS
MISSIONÁRIAS ESPECÍFICAS DA FC**

CAPÍTULO DOIS



Depois de estudar algumas características dos jovens e suas realidades, propomos abordar o tema da PJV da FC como pastorais missionárias específicas; suas interconexões, recursos e desafios relacionados com os contextos. Começamos com uma passagem dos Atos dos Apóstolos que inspira nosso empenho de “sair ao encontro dos jovens”. Indicamos as necessidades explícitas dos e das referenciais (responsáveis) da PJV da FC e nos concentramos no núcleo da unidade: O objeto e as características das pastorais claretianas de jovens e de vocações. Finalmente, analisamos os âmbitos nos quais encaminhamos nossa proposta pastoral.

A. OS OBJETIVOS

QUE NOS PROPOMOS A ALCANÇAR NESTE CAPÍTULO

- Entender “a saída missionária ao encontro dos jovens” como uma oportunidade para a conversão pastoral e como abertura ao discernimento das situações e à ação do Espírito.
- Tomar consciência das necessidades explícitas dos referenciais (responsáveis) de PJV da FC na missão.
- Aprender o que é a pastoral claretiana de jovens, a pastoral claretiana de vocações e suas características principais.
- Analisar as plataformas evangelizadoras de que dispomos para a “conversão pastoral” da PJV da FC.



B. OS CONTEÚDOS

QUE PROPOMOS AQUI

- Filipe e o Etíope (Atos 8, 26-40): Um ícone bíblico para sair ao encontro dos jovens.



- As necessidades explicadas dos referenciais (responsáveis) de PJV da FC: Ponto de partida e horizonte de nosso itinerário formativo.
- A PJ e a PV como pastorais claretianas específicas: Definição e características. Pedagogia e critérios do processo vocacional.
- Condições e indicações operativas. Plataformas, contextos e interconexões para uma PJV eficaz. A PJV em contextos culturais particulares.

C. ORIENTAÇÕES SOBRE COMO TIRAR O MÁXIMO PROVEITO DESTE CAPÍTULO

- A “conversão pastoral”, não só requer a compreensão conceitual do que é estudado, mas que exige, além do mais, relacionar o que é estudado com as práticas pastorais para transformá-las.
- Os conteúdos apresentados são fundamentais (nem sempre são novidades) para a PJV da FC e nos permitem falar uma mesma linguagem e unificar critérios pastorais.
- É preciso esforço por relacionar, consciente e humildemente, o que é estudado com a pastoral realizada para iluminar, discernir, transformar e animar a PJV e para conseguir alcançar a “conversão pastoral”.

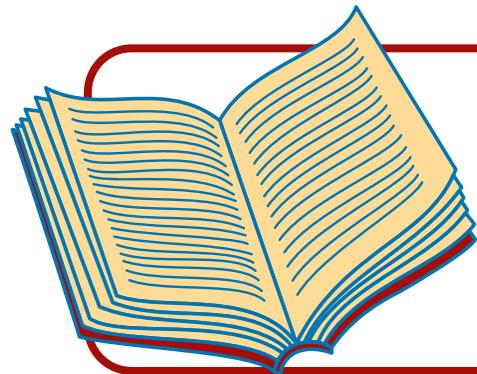


1. FILIPE SE ENCONTRA COM UM FUNCIONÁRIO ETÍOPE

UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR

A PJV da FC se propõe “sair ao encontro dos e das jovens, particularmente nas periferias e dos afastados da fé, para caminhar com eles e fazer com que escutem o chamado de Jesus”. Para conseguir este objetivo, queremos colocar em andamento os processos de “conversão pastoral”, cujo ponto de partida seja “a saída missionária”

Partindo desta perspectiva, é paradigmática a passagem dos Atos dos Apóstolos que propomos abaixo:



Procure em sua Bíblia a passagem de Atos dos Apóstolos 8, 26-40

Leia o texto duas vezes e tente imaginar a cena em todos os seus detalhes...

O que você observa?

Com a morte de Estêvão se desata uma perseguição contra a Igreja de Jerusalém que abre novas possibilidades ao anúncio do Evangelho (Cf. Atos 7,54–8,4). Fugindo da Samaria, Filipe encontra uma oportunidade para a missão.

Qualquer situação, inclusive a mais dura e difícil, pode ser uma ocasião propícia para o anúncio de Jesus Cristo. Temos refletido muito sobre as

FILIPE E O EUNUCO

Então Filipe, encontrando no caminho um eunuco que lia as escrituras, passou a lhe explicar acerca do que ele lia e a falar a respeito de Jesus! Atos 8. 27 ao 40



condições atuais, as diferentes realidades que vivemos e o modo como nos condicionam, abrindo ou fechando caminhos, ao nosso anúncio missionário de Jesus. Contudo, há ocasiões nas quais o momento de passar às ações, à saída propriamente dita, à programação concreta, ao desenho da pastoral se posterga indefinidamente porque supõem um salto ao desconhecido.

 *Filipe se deixa guiar por Deus e se coloca em movimento. Levanta-se para percorrer um caminho deserto que não lhe é alheio, ao que conecta Jerusalém com Gaza. Não sabe o que o espera, porém, uma vez que se põe a caminho permanece atento ao que Deus lhe inspira e leva a sério essa inspiração. Aproxima-se de um carro, que é de um funcionário etíope, e presta atenção. Escuta o que o etíope está lendo. Começa um diálogo sobre a dificuldade na compreensão do texto e se deixa levar pela situação. O etíope o convida a subir e a conversa entre ambos vai ganhando profundidade. Toda a passagem é movimento e ação: Filipe se levanta, caminha, se aproxima, sobe, partilha a viagem.*

 *Ser “Igreja em saída” para as periferias, “sair ao encontro dos e das jovens e caminhar com eles para dar-lhes a oportunidade de escutar o chamado de Jesus” é uma indicação de Deus para todos e cada um de nós. Nossos Capítulos e Assembleias Gerais o repetem com frequência. Porém, passar do slogan ao movimento efetivo pelo qual fazemos o que dizemos, priorizando as ações do Espírito na Igreja, requer pessoas bem dispostas. Gente que se coloque em pé e que efetivamente saia, que se encontre com os outros e dialogue, que aproveite as oportunidades e anuncie a Jesus Cristo. A fecundidade missionária não acontece tanto na comodidade do escritório nem na espera, por mais que tenhamos as portas abertas, mas no sair permanentemente para um encontro significativo e transformador com os e as jovens.*

 *As estruturas de que dispomos para a evangelização continuam sendo válidas, ainda que tenham seus limites para a PJV de nossos dias (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, *Misionarii summus*, 30; FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 105 e *Christus Vivit*, 202). Precisamos estar atentos para não confundir presença e proximidade física com proximidade afetiva dos jovens e conhecimento de suas realidades. Devemos estar vigilantes em nossas práticas para não confundir as boas intenções, o desejo que temos de acompanhá-los e caminhar com eles, com a condição de estar de fato dispostos e realizar efetivamente, dedicando-lhes nosso tempo, companhia, escuta e afeto; não*



confundir tudo isso com o trabalho concreto e sua preparação cada dia, os recursos econômicos e humanos, o silêncio da oração, o discernimento comunitário da pastoral e as portas abertas de nossas famílias e comunidades.

Entre Filipe e o etíope o texto é um “pretexto” para o anúncio de Jesus Cristo. Este anúncio desperta a fé do funcionário e o desejo explícito do batismo, sinal e fruto da evangelização.

Há coisas pequenas que mudam tudo de uma vez e para sempre, como se não fizessem falta grandes projetos porque Deus age em coisas simples. Os pretextos são desculpas para a comunicação, ninguém pode se comunicar sozinho na vida. Temos milhares de oportunidades para falar do que levamos no coração, só precisamos dar entidade à pequenez, como o fazia Jesus. Para Ele, as situações cotidianas adquiriam um estatuto comparável ao do ‘Reino de Deus’, seus interlocutores o entendiam e compreendiam sua mensagem.

Voltando à narrativa dos Atos, pouco se sabe do que aconteceu depois. “O Espírito sopra onde quer” e, ao que parece, continuou guiando a vida de Filipe. O etíope, por sua parte, prosseguiu seu caminho cheio de alegria pelo encontro e por sua adesão a Jesus Cristo.



‘Não nos deixemos roubar a força missionária’, diz o Papa. Não fiquemos satisfeitos nem cómodos ante os e as jovens que concluem sua formação acadêmica e saem de nossos centros educativos. Não fiquemos de braços cruzados ante os que se aproximam de nossas paróquias, os que recebem o sacramento da confirmação e depois já não voltam, o se o fazem, é só para casar ou batizar os filhos e filhas. Não nos conformemos em educar bem nossos filhos e filhas e providenciar tudo para eles sem privilegiar espaços para que se encontrem com Jesus Cristo.

O universo dos jovens, com suas diversas constelações, é um cenário no qual nossa iniciativa missionária age na sua totalidade: Nossa pertença eclesial, a fidelidade criativa



à própria vocação, o mandato missionário de Jesus. Como os acompanhamos na passagem vital para o amadurecimento e o compromisso? Que proposta temos a fazer para eles? Devemos colocar em prática o que somos e o que fazemos. Somos mulheres e homens que temos encontrado o sentido da vida e plenitude em Cristo Jesus, queremos que também os jovens encontrem o Jesus-Vida que lhes dê plenitude e os encha de alegria. O que temos para oferecer-lhes é o melhor de nós mesmos, “o tesouro” de nossas vidas.

Que mais podemos fazer nós pelos e pelas jovens? Que somos chamados a fazer hoje com eles e por eles?

Os líderes da PJV da FC explicitaram suas necessidades, em vários fóruns e reuniões. Veja se você concorda com eles lendo o que eles dizem no anexo 5.



2. A PASTORAL COM JOVENS E A PASTORAL DE VOCAÇÕES COMO PASTORAIS MISSIONÁRIAS DA FAMÍLIA CLARETIANA

Chegados a este ponto é preciso perguntar o que é essencial na PJV da FC. Trata-se de uma pergunta simples, porém muito importante. Uma PJV claretiana tem de especial a característica peculiar do nosso carisma que a configura como tal. É uma PJV cristocêntrica, mariana, missionária, comunitária, eucarística, ouvinte e servidora da Palavra, a partir da perspectiva dos pobres e excluídos, em missão partilhada, inserida na pastoral da Igreja, que busca a justiça, a paz e a integridade da criação.

2.1. A PASTORAL CLARETIANA “COM JOVENS”: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

A PASTORAL CLARETIANA COM JOVENS É O CONJUNTO DE AÇÕES QUE A FAMÍLIA CLARETIANA REALIZA, ANIMADA PELO ESPÍRITO DE DEUS, EM MISSÃO PARTILHADA E A PARTIR DA COMUNIDADE ECLESIAL, PARA SAIR AO ENCONTRO DOS JOVENS, CAMINHAR COM ELES E ACOMPANHÁ-LOS PARA QUE CONHEÇAM A JESUS CRISTO, O SIGAM E NELE ENCONTREM VIDA PLENA E ESPERANÇA, POSSAM DISCERNIR O CHAMADO DO SENHOR E SE TRANSFORMEM EM PESSOAS ADULTAS NA FÉ, PROTAGONISTAS DA EVANGELIZAÇÃO (TONELLI, 2007, P. 17).

Já havíamos apresentado estas características na Introdução, porém é conveniente que as recordemos e as tenhamos presentes. No próximo módulo analisaremos cada uma delas em profundidade. Porém, agora é o momento de definir qual é a pastoral dos jovens e a pastoral vocacional da FC e quais as suas características.



10 CARACTERÍSTICAS OU CRITÉRIOS DA PASTORAL CLARETIANA DE JOVENS

1 Nasce de uma opção pelos e pelas jovens. A PJ da FC nasce de um amor preferencial pelos jovens e suas famílias, tanto na comunidade eclesial como na sociedade. Conhece os jovens por seus nomes e conhece as realidades onde vivem, abre-lhes espaços de discipulado missionário e os inclui em seus programas e ações, reconhecendo a presença ativa de Deus em suas vidas e em suas culturas.

4 É kerigmática e vocacional. Porque a PJ da FC anuncia que Jesus Cristo, morto e ressuscitado, está vivo e sua presença vivifica a vida dos jovens e do mundo. Desperta deste modo a consciência crênte dos jovens para que descubram a ação de Deus em suas vidas e em toda a criação. Aprofunda e celebra o encontro com Jesus Cristo e com o povo de Deus, com os sacramentos e com o amor caritativo e fraterno.

2 É missionária. Porque assume a perspectiva da encarnação de Jesus e, como a comunidade apostólica, “sai ao encontro dos jovens, particularmente nas periferias, para partilhar Jesus com eles, convidá-los ao seu seguimento em comunidade e a proclamar a Boa Notícia”. Para conseguir isso, a PJ da FC aprende as metodologias, linguagens e atividades mais eficazes e examina suas práticas determinando como e em que medida inclui os jovens em sua vida-missão-trabalho.

3 É profética e libertadora. Porque age com misericórdia ante os jovens, vítimas da pobreza e da exclusão, da falta de educação, do desemprego, das dependências de todo tipo, da ausência de Deus e do sem sentido da vida, das desigualdades de gênero, o abandono e outros males que ameaçam suas vidas. A PJ da FC enfrenta os sistemas que obstaculizam a dignidade dos jovens e, junto com outros, trabalha para superar suas ameaças com imaginação profética.

5 É sinodal e experiencial. Porque parte da experiência do encontro com os jovens para enriquecê-lo no diálogo, na experiência de Deus, no encontro com Cristo, na participação na vida da comunidade, no serviço, na abertura aos demais e a outros mundos, a amizade, a fraternidade, a oração, os sacramentos, o discernimento, o trabalho em equipe e a missão partilhada. Nela os mesmos jovens são agentes da pastoral, acompanhados e guiados, porém livres para encontrar caminhos sempre novos com criatividade e audácia.



6 É comunitária e participativa. Porque constrói comunhão e harmonia em um ambiente de amor, apoio, apreço e aceitação da diversidade, não isento de desafios e dificuldades. Dá testemunho do Evangelho aprendendo a praticar a compaixão, o perdão, a generosidade, a paz. Implica "caminhar juntos", sem excluir ninguém e sem que ninguém se autoexclua. Aprendendo uns com os outros a ser Igreja de Jesus, oferece oportunidades para uma participação social e eclesial aberta e inclusiva.

7 Acompanha, forma e educa. Porque ajuda a que os jovens se conheçam a si mesmos, assumam a sua história e provoca neles o desejo de buscar e encontrar o sentido de suas vidas. Acompanha-os em seu processo de crescimento pessoal, comunitário e social. Orienta a quem enfrenta decisões de vida e os sustenta em seu caminho de fé e compromisso. Apoia políticas e programas que empoderam os jovens e suas famílias.

10 É multiplicadora de líderes e evangelizadores. A PJ da FC suscita, confirma e consolida os dons, talentos e habilidades dos jovens para a liderança. Para isso faz aliança de colaboração com as famílias, avalia e celebra as conquistas e inova o que é necessário em uma atmosfera de grandes expectativas. O voluntariado claretiano para jovens pode ser uma clara mensagem de que a comunidade necessita deles e, ainda mais, o ponto de partida para um itinerário vocacional.

8 Se compromete. Porque a PJ da FC se deixa transformar à imitação de Jesus, missionário da misericórdia do Pai, para iniciar-se num ministério de presença compassiva, especialmente para com os jovens feridos e necessitados. Promove o desenvolvimento destes com estratégias positivas e preventivas e "cuida" de maneira especial de quem se encontra em crise; escuta-os, oferece-lhes apoio ou os remete a organizações apropriadas para que se recuperem e cresçam.

9 Cuida e promove a vida. A PJ da FC nutre a consciência e o compromisso social dos jovens, a busca da justiça e o cuidado da criação. A partir da fé, dos ensinamentos sociais da Igreja e dos valores humanos, busca empoderar os jovens e os acompanha no trabalho concreto de buscar a paz, defender a vida e a dignidade das pessoas, os direitos humanos e dos povos e combater as causas do sofrimento humano.



2.2. A PASTORAL CLARETIANA “DE VOCAÇÕES”: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

A PASTORAL CLARETIANA DE VOCAÇÕES É A AÇÃO PROMOVIDA PELA FAMÍLIA CARISMÁTICA PARA SUSCITAR E ACOMPANHAR AS VOCAÇÕES QUE O SENHOR LHE CONCEDE, A ELA E À IGREJA. IMPLICA FAVORECER UMA CULTURA VOCACIONAL PRÓPRIA, A PROPOSTA INICIAL DIRETAMENTE CLARETIANO E O ACOMPANHAMENTO DE QUEM SE SENTE CHAMADO OU CHAMADA ATÉ QUE CHEGUEM A UMA OPÇÃO VOCACIONAL PESSOAL POR ALGUMAS DAS FORMAS DE VIDA CRISTÃ: LAICAL-CONSAGRADA-MINISTERIAL (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, N. 71-72, P. 72-73).

7 CARACTERÍSTICAS OU CRITÉRIOS DA PASTORAL VOCACIONAL CLARETIANA

1. SEMPRE ENGENDRA VIDA

Porque passa de uma PV momentânea, ocasional e que atua por impulsos, a uma PV intencional, progressiva e gradual; expressão normal e contínua da maternidade da Igreja, que sempre engendra vida e que, por obra e graça do Espírito Santo e por sua planificação responsável, proporciona vida.



2. CUIDA DE TODAS AS VOCAÇÕES

A PV da FC passa da preocupação obsessiva pelos números, pelo afã de encher nossos espaços vazios e ao pesadelo das necessidades dos nossos institutos e Movimentos, a um cuidado eficaz de todas as vocações. Na Igreja comunhão-missionária e na Família Claretiana ou crescemos juntos ou não cresce ninguém. Este interesse e cuidado de uns para com os outros é testemunho de amor fraterno e de família.

3. CHAMADO A TODOS E TODAS

Porque passa de ser uma pastoral vocacional que só trabalha com os que estão perto (os integrados na comunidade, “a única ovelha que cuidamos até o cansaço”, “os bons”) para ser uma proposta dirigida a todos e todas (também os empobrecidos e excluídos vocacionalmente, “as noventa e nove ovelhas perdidas”, “os Levi e Zaqueu de nossos dias”), porque o Senhor, que ama a todos do mesmo modo, chama a quem Ele quer, como quer e onde quer.

4. É ALEGRE PORQUE TEM CERTEZAS

A PV da FC passa de uma atitude de meio e inibição a uma atitude de alegria e convicção. Temos uma certeza no

coração: Se Deus nos chama é porque nos ama e porque ama a seu povo, sua fidelidade é fecunda. Deus projeta alegria e a contágia em todas as etapas da vida, toda a vida. A alegria do Evangelho é um direito de todos, incluídos os jovens. Todos somos escolhidos, chamados e enviados. Nossa vida é uma missão.

5. SABE ACOMPANHAR E RESPEITAR

A PV da FC passa de ser um mero recrutamento a uma pastoral vocacional que acompanha, com proximidade e respeito, as pessoas para que adquiram consciência, realizem experiências e assumam decisões vocacionais fundamentais. Porque a PV da FC entende que as experiências por si só não mudam os compromissos, é necessário que haja consciência e fundamento vocacional para que as experiências se encaminhem a um compromisso florescente.

6. SE COMPROMETE EM COMUNIDADE

A PV da FC passa de uma pastoral vocacional levada só por uma pessoa ou por alguns a uma pastoral assumida como compromisso de todos e todas, mesmo quando sejam poucos os que se dedicam exclusivamente a ela. O referenciais (responsável), animador ou animadora vocacional não é um “Cirineu que carrega a cruz” de



todos. Todos somos responsáveis por esta dimensão constitutiva de nossas vidas e missão, ninguém está excluído dessa responsabilidade.

7. DÁ TESTEMUNHO

A PV da FC passa do cansaço, da acídia, e da “mística” desolação a um testemunho crente, credor, inovador e esperançador. No encontro com Jesus Ressuscitado e sua Palavra o discípulo, a discípula, todos os implicados na PV voltamos a sentir-nos amados e chamados por Ele, confirmados em sua misericórdia para estar com Ele, segui-lo em comunidade de discípulos e discípulas e anunciar sua Boa Notícia (Jo 21, 15-17)

Os sete critérios pastorais ou características da PV da FC que assinalamos podem ser resumidos em um só: “Passar da pastoral vocacional, sem descartá-la nem dela descuidar, a uma animação vocacional das pastoral e da espiritualidade” (CELAM, 2011, p. 41). O compromisso da FC com a PV supõe que nos demos conta de nossa condição de discípulos e discípulas; que estamos conscientes de ter sido ou ser chamados e chamadas para ser felizes e para colaborar com a felicidade de outros, evitando, tanto invadir as consciências ou coagir a liberdade das pessoas com propostas forçadas, como não propor a novidade de vida por um respeito exagerado e mal entendido.

Os responsáveis ou referenciais da PV da FC devemos encontrar a harmonia entre a liberdade de outro, que precisamos respeitar, e a formação da consciência vocacional, que temos de propor com a luz e a força do Evangelho de Jesus. A pastoral vocacional claretiana deve “suscitar, acolher, acompanhar e proporcionar a adequada formação das vocações. Para que isso crie condições através das quais cada cristão possa optar, com maturidade e liberdade, por uma forma específica de seguimento de Jesus, segundo a vontade de Deus em sua vida” (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, n. 49, p. 65).

Por isso dizemos que toda ação pastoral, entre as quais se encontra, muito especialmente, a pastoral de jovens, é chamada a ser uma pastoral de vocações, porém nem toda pastoral vocacional é pastoral juvenil porque a transcende.

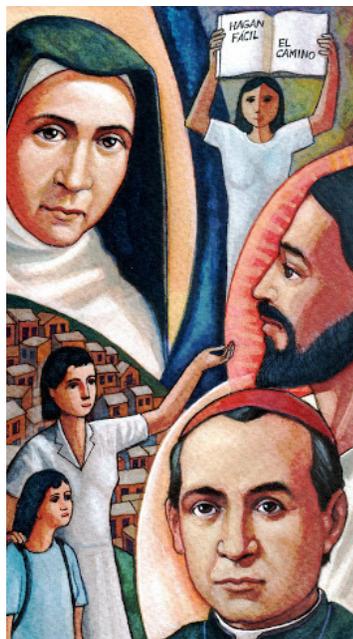
Para que a PV da FC seja efetivamente uma pastoral “em saída missionária”, é urgente que produzamos as mudanças necessárias em nossas práticas pastorais. As características resenhadas anteriormente estão inspiradas no Documento do Congresso Continental para as vocações na Europa, “Novas Vocações para uma nova Europa” (NVNE, 1997). Trata-se de um documento transcultural e inspirador, que seguiu o Primeiro Congresso Continental Latino Americano de Vocações de Itaici (Brasil, 1994) e



que ainda tem sua atualidade (SUÁREZ, 2017; CENCINI, 2012).

Os critérios indicados, tanto para a PV da FC foram iluminados pela recente reflexão sinodal dos jovens e pelos documentos derivados da mesma.

2.3. NÍVEL PEDAGÓGICO DO PROCESSO VOCACIONAL



A vocação é a resposta compassiva de Deus às necessidades do seu povo, um dom de Deus que é necessário pedir com insistência. Toda vocação é um chamado para uma missão, “toda vida é uma missão” (Cf. FRANCISCO, *Christus Vivit*, n. 254) com características próprias, consequências determinadas e condições irrenunciáveis, uma vez que leva consigo o peso de um preço infinito (Cf. Mt 9, 36–10,42).

O nível pedagógico do processo vocacional claretiano apresenta três fases de interação entre os referenciais (responsáveis) da pastoral e seus interlocutores, tal como se pode ver no quadro a seguir.

**SUSCITAR
PARA
DESPERTAR**

A primeira fase tem que ver com iniciar os jovens no mistério da vida cristã e despertar neles a vocação; propor explicitamente uma novidade de vida. Trata-se de favorecer as condições que despertem nos jovens a pergunta vocacional. O ponto de partida é o anúncio (kerigma) de que Deus nos ama e nos chama em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo, a uma grande verdade da vida e que nos apresenta os relatos vocacionais dos evangelhos: “Quem quer ganhar a vida deve entregá-la”. É uma verdade contracultural, que supõe entusiasmo e valentia.

**ACOMPANHAR
PARA
ESCLARECER**

A segunda fase propõe oferecer aos jovens a possibilidade de dilucidar suas buscas, discernir suas motivações e identificar sua vocação-missão. Desatando um processo pessoal-psicológico-espiritual-comunitário-social favorece que os jovens descubram os sinais vocacionais em suas histórias de vida e em seus contextos; que discirnam o que os move e atrai interiormente a Jesus provocando-lhes um gosto espiritual que os anima a desejar algo mais. Trata-se de discernir os sinais do chamado, auscultar suas vozes e distinguir seus caminhos; entendendo que o sentido da vida é um dom e uma tarefa, chamado e missão, discipulado e anúncio.



**AJUDAR
PARA
DECIDIR**

A terceira fase oferece oportunidades para que as pessoas cresçam humanamente e amadureçam sua decisão vocacional como discípulos e discípulas de Jesus; de modo gradual e progressivo, respeitando o ritmo pessoal de quem discerne e segundo o que seja mais conveniente para quem decide.

Fonte: Missionários Claretianos, n. 97-104, 2000.

Em geral, para estas duas últimas fases, os Institutos da FC propõem aos jovens uma experiência de acolhida vocacional. É um modo de acompanhar pessoalmente a quem apresenta indícios vocacionais e de continuar seu processo de discernimento até o momento da decisão vocacional. Tal experiência tem características próprias e se realiza de modo institucional ou não institucional.

O trabalho conjunto na FC, o conhecimento mútuo e o caminho percorrido que fazamos nestes itinerários formativos ou nas ações que planejamos juntos, nos ajudam a crescer em uma pastoral de jovens e vocações em missão partilhada que supere as boas intenções (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2000, p. 171-191).

2.4. TRÊS DINAMISMOS DE PEDAGOGIA VOCACIONAL**2.4.1. O ACOMPANHAMENTO PESSOAL**

É um dos principais dinamismos para ajudar a que as novas gerações personifiquem seu projeto de vida cristã. Tem como finalidade que os jovens disponham de si mesmos e de sua própria vida com liberdade e responsabilidade, que aprendam a caminhar na fé interpretando as vicissitudes da vida a partir da chave do Evangelho. Busca que os jovens descubram que o seguimento de Jesus é o núcleo da vocação cristã e que, seguindo Jesus, percebam seu chamado e lhe respondam com coerência interna.

Trata-se de um ministério próprio do Espírito e, como tal, requer que os que acompanham as pessoas se capacitem e formem para saber caminhar com outros como o fez Jesus com os discípulos de Emaús: pelo mesmo caminho e na mesma direção das pessoas acompanhadas. Quem exerce este ministério deve acompanhar os jovens na escola de Jesus Cristo que chama, no encontro com eles com Cristo nos pobres,



na convocação da comunhão eclesial e no caminho de sua projeção vocacional por meio da entrega (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, n. 163-166, 2000).

2.4.2. O PROJETO PESSOAL DE VIDA

1. Assim como Ananias ajudou a Saulo a converter-se em Paulo, fazendo que pudesse ver de novo, o projeto pessoal de vida é um instrumento que ajuda o jovem a sustentar o olhar crente da própria vida.

O projeto pessoal de vida é um mapa do caminho, uma carta de navegação elaborada pelos próprios jovens, que os ajuda a confrontar a própria vida com quem os acompanha. Neste projeto se faz uma descrição da situação pessoal, das aspirações humanas e evangélicas, os interrogantes e as lutas que se dão no interior de cada pessoa, as dimensões nas quais é necessário crescer e os

meios oportunos par alcançar o objetivo. No cotidiano da vida, as luzes e chamados mantêm em tensão e distância saudável a situação atual e o horizonte que se vislumbra como o sonho da própria vida (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, n. 167-168, 2000).



2.4.3. O DISCERNIMENTO VOCACIONAL

Toda vocação é um chamado que interpela e espera uma resposta. Há acontecimentos inesperados, gratuitos e imerecidos na história pessoal, que são sinais vocacionais. Neles Jesus se faz presente convidando os jovens ao seguimento e à amizade com Ele. O discernimento vocacional é um processo psicológico-espiritual-crente que é oferecido aos jovens para que possam compreender sua vocação pessoal e dar uma resposta segundo os princípios que o orientam e guiam.



Os sinais vocacionais são, além disso, dons que Deus presenteia as pessoas para que levem a termo uma missão em favor da vida e de seu povo. Tal experiência é um ponto de partida para iniciar um processo de discernimento da própria vocação. O discernimento pode levar a empreender um caminho de formação inicial e entrega aos demais através da vida consagrada ou ministerial na Igreja, ou de aprofundamento no amor do casal ou a vida de solteiro/a e o compromisso cristão na transformação do mundo, no caso das vocações à vida laical (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, n. 169-175, 2000).



2.5. CONDIÇÕES DO ACOMPANHANTE E INDICAÇÕES OPERATIVAS

Existe uma série de CONDIÇÕES que devem ser cumpridas por quem assume o serviço de acompanhar os jovens (Cf. FRANCISCO, Christus Vivit, cap. IX)

Respeitar a liberdade do jovem.

Quem acompanha os jovens deve estar disposto a caminhar a seu lado, sem transformar os jovens em seguidores passivos. Deve compreender os jovens sem julgá-los, escutá-los ativamente e responder-lhes com gentileza, respeitando a liberdade do jovem em seu processo de discernimento e oferecer-lhe ferramentas para que o faça bem.

Confiar nos jovens e também em Deus.

Quem acompanha os jovens deve confiar sinceramente na capacidade de cada jovem de poder participar na vida da Igreja, deixando que sejam protagonistas do seu próprio caminho. O ou a acompanhante deve simplesmente plantar a semente da fé neles, sem pretender ver imediatamente os frutos do trabalho do Espírito Santo

Preparar-se para exercer este ministério.

Quem quer acompanhar os jovens neste ministério tem que se preparar e beneficiar-se de uma boa formação permanente, sem pensar em improvisar. A preparação humana, teológica, pastoral e espiritual é fundamental, pois se trata de ajudar positivamente os demais em suas buscas pessoais e cuidar deles.

Dedicar tempo ao ministério do acompanhamento.

Quem vai acompanhar os jovens tem que estar presente e dedicar seu tempo para estar com eles, escutá-los e prestar atenção às suas demandas. Deve estar disposto a deixar-se encontrar por aqueles que o buscam e crescer no exercício de escuta ativa, atento à pessoa, ao discernimento do que diz e aos impulsos que o acompanhado experimenta "daí para frente" (cf. FRANCISCO, Christus Vivit, n. 291-294).

Condições
do
acompanhante



Deve ser uma pessoa íntegra.

Quem acompanha os jovens tem que ser uma pessoa íntegra, consistente e honesta, de “coração puro”, sem duplas intenções, consciente de si mesmo e de seus limites, que conheça a alegria e o sofrimento que todo caminho espiritual leva consigo. Sendo consciente de sua própria humanidade e de sua condição de pecador, espera-se dele que tenha resolvido positivamente as tarefas de crescimento de sua etapa vital, sem “dúvidas pendentes” e que esteja assentado/a em sua vocação

Dar testemunho com a própria vida.

Quem acompanha os jovens deve viver sua vocação com “parresia”, isto é, com franqueza, livremente, com audácia. Deve dar testemunho de sua fé com gratuidade pelo passado, pela alegria e entusiasmo pelo presente e esperança serena no porvir. O referencial (responsável) de PJV deve ser uma testemunha da fé que suscita e acompanha processos sem impor trajetos, porque sabe que são processos de pessoas únicas e livres.



QUANTO ÀS INDICAÇÕES OPERATIVAS, QUEREMOS ASSINALAR:

- (1) A proposta vocacional direta e sem falsas inibições.
- (2) A tomada de consciência das necessidades da evangelização a partir de uma visão crítica e esperançadora da realidade e das necessidades do mundo e do povo de Deus.
- (3) O compromisso apostólico, vivido em experiências missionárias de periferia, abre a mente, o coração e a vontade dos jovens à misericórdia e a novos horizontes de vida convincentes, atraentes e exigentes.
- (4) As atividades grupais em chave ou de sinal vocacional ajudam ao cuidado comunitário dos indícios vocacionais.
- (5) Os meios de comunicação informáticos e as redes sociais permitem a comunicação com quem habita o continente digital e privilegiam a linguagem da imagem.



3. PLATAFORMAS, CONTEXTOS E INTERCONEXÕES

PARA UMA PASTORAL CLARETIANA EFICAZ DE JOVENS E VOCAÇÕES

Há âmbitos privilegiados para a pastoral claretiana de jovens e vocacionados que podem ajudar a desenvolver modalidades concretas de atuação a modo de “semeadores” vocacionais.

Em tais espaços é possível desenvolver uma ação pastoral orgânica, encarnada e diferenciada. Exemplos disso podem ser a pastoral educativa e a universitária, as missões populares, a evangelização e a piedade popular, as experiências de voluntariado, as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) e outros tipos de encontros claretianos de jovens.

O ponto de união destes diversos âmbitos é a configuração de uma comunidade de discípulos-missionários constituída como ministério de jovens e vocações que gera, educa, forma, anima e acompanha os jovens e as vocações que Deus vai suscitando entre eles. Um espaço comunitário que se transforme em laboratório ou seminário onde se vive e se cresce fazendo experiência, com alegria e convicção o que se propõe aos demais e que, por isso mesmo, pro-voca, com-voca e co-envia.

A FC é uma graça de Deus para a Igreja, para o mundo e a vida dos jovens. Diferentes formas de vida cristã laical, consagrada e ministerial têm cabida e expressão em nossa família missionária. As e os jovens de nossas comunidades devem encontrar na FC a estrutura mais natural de viver sua opção vocacional adulta. E nosso trabalho pastoral deve ajudar a que eles descubram e experimentem a vocação claretiana como uma chave válida de amizade e seguimento de Jesus, a partir do qual viver seu batismo.

Para isso todos os institutos e movimentos participantes da FC temos que oferecer princípios e critérios claros de discernimento vocacional, atualizados, discernidos em diálogo e oração, que



brotem de uma teologia do batismo e sejam levados à prática em missão partilhada, sempre que seja possível, porém esforçando-nos para que assim seja.

Conhecer quem são os jovens com quem trabalhamos ou a quem nosso pastoreio é fundamental para conectar com eles e envolver os desconectados ou afastados. Mesmo que a PJV da FC conte com plataformas de evangelização próprias, tais como paróquias ou centros educativos, entre outras, existem outros âmbitos onde a missão “em saída” nos leva ao encontro dos jovens. Referimo-nos às famílias, as “tribos juvenis” ou aos espaços comunitários mais amplos, territoriais ou digitais, com tecnologias de comunicação avançadas ou novas formas de relacionamento, com valores e conceitos próprios. Para aproximar-se deles é necessário que aprendamos novas linguagens, novos métodos e tecnologias.

As diversas culturas juvenis, os processos ecumênicos e interconfessionais ou de ecologia integral da criação, os novos movimentos sociais, entre outros cenários atuais e dos sujeitos que emergem deles (novas gerações, grupos de mulheres, pobres e excluídos, migrantes) têm um potencial vocacional que não podemos subestimar. É necessário reconhecer nelas “as sementes do Verbo” para a pastoral vocacional e da evangelização.

É necessário aproveitar estes espaços para informar, transformar e mostrar o que acontece quando os jovens são protagonistas da ação pastoral:

1. Informar as boas notícias dos jovens

Isto se consegue quando partilhamos fotos, testemunhos e histórias de jovens, experiências de serviço, de animação e compromisso comunitário, conquistas e eventos diversos (escolares, paroquiais, de fé) e quando, de uma ou outra maneira, se envolve toda a comunidade com os jovens.

2. Transformar estruturas, regulamentos e relações

Isso é feito envolvendo os jovens em comitês, conselhos e juntas diretivas chaves e dar a eles a oportunidade de crescer pessoal e comunitariamente nas distintas atividades e serviços.

3. Mostrar o potencial e a ação transformadora da participação dos jovens

através de serviços e encontros intergeracionais, experiências de aprendizagem-serviço, tarefas de animação e ministérios comunitários.



3.1. UMA RESENHA MAIS DETALHADA DOS CONTEXTOS

3.1.1. CONTEXTOS JUVENIS

Para “sair ao encontro dos jovens”, a PJV da FC deve chegar aos âmbitos (territoriais e digitais) nos quais eles desenvolvem sua vida: a universidade, o mundo do trabalho e outros espaços públicos, como os relacionados com a música e o esporte..

A saída não pode ser improvisada; é necessário prever estratégias para “sair” e modos de “chegar” aos jovens. Estas estratégias e modos podem ser múltiplas e variadas, adequadas a cada situação e realidade: Encontros de grupos, programas educativos, catequese e iniciação cristã, eventos sociais, iniciativas desportivas, retiros, experiências de serviço, viagens, movimentos de oração compartilhada, programas de voluntariado, propostas para diálogo ou acompanhamento pessoais, participação em redes sociais, compromisso com causas locais ou internacionais (ecologia, direitos humanos, solidariedade e outras). As novas gerações são sensíveis e generosas ante a sorte (ou a falta de sorte) dos pobres, as lutas relacionadas ao meio ambiente, pois elas simbolizam um compromisso com a transformação do mundo.

3.1.2. CONTEXTOS FAMILIARES

“É necessário que a pastoral juvenil e a pastoral familiar tenham uma continuidade natural, trabalhando de maneira coordenada e integrada para poder atender adequadamente os jovens” (FRANCISCO, *Christus Vivit*, 242).

Há diversos modos de conectar a PJV com as famílias dos e das jovens. Isto pode dar-se, por exemplo, proporcionando ferramentas, recursos, programas e ações que sustentem os pobres no exercício de sua função, acompanhando as crises como uma oportunidade de crescimento, impulsionando uma aliança educativa entre a família e os referenciais (responsáveis) ou animadores da PJV, e oferecendo estratégias que fortaleçam as famílias e proporcionem vínculos de cuidado com outras.

3.1.3. CONTEXTOS PAROQUIAIS E EDUCATIVOS

Tanto as paróquias como os centros educativos têm uma visão eclesial própria na qual a PJV contribui com sua especificidade de modo significativo. Para isto é



necessário que os adolescentes e os jovens encontrem em tais plataformas evangelizadoras um âmbito propício e pessoas que os levem em conta em suas necessidades e em suas potencialidades. Quando isto acontece, eles se sentem acolhidos, valorizados, escutados, incluídos, acompanhados, empoderados e convidados a crescer como pessoas e como discípulos de Jesus. É necessário então que em tais plataformas evangelizadoras que nossas escolas e paróquias, eduquemos e formemos os jovens na liberdade, na responsabilidade, na capacidade de decidir, nos vínculos, na comunicação, no uso das tecnologias e na perspectiva de gênero, na formação e sua integração no serviço pastoral da Igreja, a exemplo das primeiras comunidades cristãs

3.1.4. CONTEXTOS COMUNITÁRIOS MAIS AMPLOS

Quando a PJV é eficaz, também conecta os jovens e suas famílias com programas e recursos que transcendem à comunidade claretiana local. É assim como as comunidades locais são inseridas em uma dinâmica social e eclesial mais ampla, as transcende, ao mesmo tempo, que as inclui. Trata-se de promover o desenvolvimento positivo dos jovens e seu compromisso tecendo redes com associações, profissionais, estruturas diocesanas ou eclesiais nacionais e internacionais, organizações governamentais ou não governamentais (ONGs) da sociedade civil, agências humanitárias, associações ecológicas, entre outras, para trabalhar, tanto com a comunidade claretiana

e eclesial como com a sociedade civil. A PJV da FC também deve promover a participação dos jovens nestes outros âmbitos da Igreja e da comunidade civil, acompanhando-os e promovendo-os em suas experiências e buscas de serviço, de satisfação de suas necessidades, de estudo e trabalho ou de integração ao tecido social.

**PARA
APROFUNDAR
SUA
COMPREENSÃO
DA PJV DA FC
EM AMBIENTES
CULTURAIS
ESPECÍFICOS,
CONVIDAMOS
VOCÊ A LER O
ANEXO 6.**



RESUMO FINAL

Chegamos ao final do capítulo 2 e continuamos avançando no estudo. O diálogo entre Filipe e o ministro de Candace, da Etiópia, permitiu-nos adentrar em alguns aspectos essenciais de uma PJV da FC, na conjuntura atual de uma Igreja-família “em saída missionária”. Teremos que incorporar em nossa tarefa cotidiana os desafios apresentados pelos referenciais (responsáveis) da PJV da FC a respeito do nosso trabalho, o modo de levá-lo a termo envolvendo e comprometendo a todos nele.

Os conteúdos estudados nos oferecem um amplo horizonte de possibilidades pastorais. As definições e características ou critérios pastorais da PJV da FC nos permitem entender os aspectos comuns, porém também o específico de cada um deles. Os conteúdos pedagógicos do processo vocacional e as condições necessárias para o acompanhamento podem despertar um ou outro interrogante sobre nossas próprias práticas e modos de trabalho, aos quais é necessário prestar atenção e responder.

Finalmente, a descrição das interconexões para uma PJV claretiana eficaz tem como finalidade provocar nossa iniciativa e acender a criatividade que transforma nossas práticas e estruturas, convidando-nos a ir mais além.



**DIMENSÕES E CHAVES NECESSÁRIAS
PARA A PJV DA FC**
CAPÍTULO TRÊS



Na introdução, consideramos o chamado que nos faz a Igreja a ser uma “Igreja em saída”. Estamos imersos em um processo de “conversão pessoal-pastoral-ecológica” que nos impulsiona ao encontro dos jovens, transformando-nos no amor misericordioso de nosso Deus Pai-Mãe e do Imaculado Coração de Maria. À mudança de paradigma eclesial corresponde uma mudança de cenários e uma mudança no modo de levar adiante nossa missão. Reafirmamos nossa vocação à missão partilhada da FC e queremos que os jovens ocupem um lugar central em nossas opções missionárias.

No capítulo um nos preocupamos em compreender quem são os jovens e quais as realidades nas quais vivem. Vimos as características da iGen e o chamado que a Igreja, através do Papa Francisco, lhes dirige. Como objetivo da PJV da FC nos propomos “sair ao encontro dos jovens, particularmente dos pobres e afastados, para caminhar com eles para que escutem a voz de Jesus e sua mensagem”, porque queremos que os jovens se encontrem com Jesus, o Senhor.

Mais adiante, no capítulo dois, vimos em que consiste o serviço de animação pastoral a nós confiado, suas principais características e algumas pistas para o trabalho. A partir do refletido, podemos dizer que a PJV da FC é chamada a ser:

<p><i>“uma pastoral em saída missionária”</i> que vá ao encontro dos jovens</p>	<p><i>“uma pastoral vocacionalmente propositiva”</i>, a fim de que os jovens escutem o chamado de Deus, descubram seu lugar no mundo e na Igreja e tenham vida</p>	<p><i>“uma pastoral eclesial e comunitária”</i>, inserida na pastoral de conjunto da Igreja e que propõe aos jovens uma experiência de fé comunitária e aberta</p>	<p><i>“uma pastoral carismaticamente claretiana”</i>, com as características de nosso carisma missionário que é um dom para a Igreja e para o mundo</p>
---	--	--	---



Sobre este último ponto, queremos refletir no MÓDULO 4, que começamos a estudar agora. Os traços que definem nosso carisma não são exclusivos; em maior ou menor medida os compartilhamos com todos os batizados e inclusive com pessoas de boa vontade que trabalham por um mundo melhor, fora do âmbito eclesial.

Contudo, os traços identitários de nosso carisma não têm relação apenas nem principalmente com “fazer coisas”. Trata-se de aspectos vividos por Jesus ou as primeiras comunidades cristãs, por discípulos missionários do Senhor, que configuraram a experiência do Padre Claret e seu seguimento missionário de Jesus. Esta característica peculiar nos foi legada, no Espírito, como um dom vocacional que nos configura como família na comunidade eclesial.

O esquema fundamental sobre o qual organizamos este MÓDULO 4 é tripartite. Cada uma das “dimensões” e “chaves” claretianas contém:

1. Um ícone bíblico para contemplar e entrar no tema;
2. Uma experiência claretiana que nos revela certos aspectos da interioridade do Padre Claret,
3. Algumas possíveis aplicações destes traços identitários em nossa PJV.

A. OS OBJETIVOS

QUE NOS PROPOMOS A ALCANÇAR NESTE CAPÍTULO

- Estabelecer uma “transposição didática” a partir do carisma claretiano ao trabalho pastoral com os jovens e vocacionados.
- Aprofundar os traços de identidade como conteúdo e forma do serviço evangelizador que oferecemos aos jovens de nossas comunidades.
- Captar a dinâmica de nossa espiritualidade claretiana iluminando a proposta da PJV com textos bíblicos, a vida de Claret e os discernimentos de nossos Institutos.
- Repensar a oferta pastoral aos jovens de nossas comunidades a partir destas chaves carismáticas comuns à FC.



B. OS CONTEÚDOS

QUE PROPOMOS AQUI

Seis dimensões e duas chaves inescapáveis para nossa proposta pastoral:

1. Maria, uma presença que permeia as diferentes expressões de nossa espiritualidade e vida.
2. Discipulado missionário
 - 2.1. "Porque você diz... lançarei as redes" - Lc 5, 1-11.
 - 2.2. Forjado na "forja" de seu amor e misericórdia.
 - 2.3. Um discipulado missionário para os jovens.
3. Ouvindo a Palavra:
 - 3.1. Jesus encontra uma mulher samaritana - Jo 4, 5-30.
 - 3.2. Santo Antônio Maria Claret, apaixonado pela Palavra de Deus.
 - 3.3. O encontro dos jovens com Jesus e sua Palavra.
4. Seguidores de Jesus em comunidade:
 - 4.1. "Vinde e vede!" - Jo 1, 35-42).
 - 4.2. A "comunidade colméia" de Claret em Cuba.
 - 4.3. Comunidades de jovens onde a vida flui.
5. Desaprender a indiferença indo para as periferias:
 - 5.1. "Ungido para anunciar boas novas aos pobres".
 - 5.2. Claret, unguido pelo Espírito para a missão. 5.3.
 - 5.3 Uma PJV nas periferias sociais e existenciais do mundo e da Igreja.
6. Buscando a paz, trabalhando pela justiça e transformando o ser humano a partir da fé:
 - 6.1. "Bem-aventurados os pacificadores" - Mt 5, 1-16.
 - 6.2. Claret e a política de seu tempo.
 - 6.3. Fé cristã e compromisso político no trabalho pastoral com os jovens.



7. Diálogo profético com os jovens:
 - 7.1. Vendo com novos olhos - Atos 9, 1-22.
 - 7.2 Um discernimento que intriga Claret.
 - 7.3. Companheiros na jornada dos jovens.
8. A missão que compartilhamos na Igreja e no mundo:
 - 8.1. "Estes são minha família!" - Mc 3, 21. 31-35.
 - 8.2. "Fazer com os outros". A experiência do Padre Claret.
 - 8.3 Uma PJVC claretiana em missão compartilhada e em redes.



C. ORIENTAÇÕES SOBRE COMO TIRAR O MÁXIMO PROVEITO DESTES CAPÍTULOS

Antes de começar o estudo deste capítulo, é importante que você leia as orientações a seguir:

- Este é o capítulo mais longo de todo o curso. É importante organizar seu tempo para que você possa estudar seus conteúdos ao longo das próximas semanas e seja mais ágil. As “dimensões” das quais falamos são facetas transversais a toda ação pastoral claretiana; as “chaves”, ao contrário, se referem ao modo de conduzir a pastoral. Nós as apresentamos em separado para facilitar o estudo, porém é preciso considerar que na vida e na missão elas são partes de uma mesma e única realidade identitária.
- Preferimos falar de “discipulado”, mais que “vocação”, pois toda vocação na Igreja existe em ordem ao discipulado. Do mesmo modo, preferimos falar de “política” em vez de falar de “justiça”, paz e integridade da criação” (JPIC) porque a política abrange e transcende este objetivo.
- Confrontar as suas práticas pastorais com estas “dimensões” e “chaves” de nossa identidade missionária o ajudará a repensar a pastoral proposta aos jovens com o interesse de retificar, ratificar ou aprofundar nelas, na perspectiva da “conversão pastoral”.



1. MARIA: UMA PRESENÇA QUE ATRAVESSA AS DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DE NOSSA ESPIRITUALIDADE E DE NOSSA VIDA

A DIMENSÃO MARIANA NA PJV DA FC

Para apresentar a presença de Maria como modelo em nossa espiritualidade e vida, optamos por apresentar um "excurso mariano" relacionado a todas e cada uma das dimensões e chaves que pretendemos abordar neste capítulo.

Já apresentamos as duas atitudes fundamentais com as quais Maria se oferece a nós como modelo para os claretianos: como mulher incansável em sua luta contra o mal em suas diversas expressões e como mãe em cujo coração se forjam apóstolos e missionários. O adjetivo "imaculada" ou "imaculada" é um relato da condição única de Maria-Mulher do apocalipse, vitoriosa contra o mal, bem como de seu Coração particular como a esfera onde suas filhas e filhos missionários são forjados como uma flecha que ela mesma lançará na missão com o objetivo de inflamar o próprio coração com o fogo do amor de Deus, por um lado, e de aniquilar o que se opõe ao plano de Deus na missão, por outro. Encontramos ambos os significados nas orações que o Padre Claret nos deixa em sua Autobiografia (cf. Aut. 446-447; 270-272).

Tomamos o excuro mariano do texto "Ex abundantia Cordis" de nosso irmão José María Hernández Martínez CMF, publicado em 1991 pelo Secretariado do Coração de Maria dos Missionários Claretianos e pelas Publicações Claretianas de Madri.



2. DISCÍPULOS E DISCÍPULAS MISSIONÁRIOS DE JESUS CRISTO

DIMENSÃO DO DISCIPULADO DA PJV DA FC

O jovem ou a jovem que descobre quem é Jesus responde genuinamente: deixa-se surpreender e se abre à admiração que motiva o desejo de segui-lo e servi-lo. Deixa-se transformar por ele, convertendo-se em um caminhante. Jesus-Mestre-Irmão o instrui enquanto vai caminhando. Na caminhada, encontra alegrias e tristezas, vitórias e fracassos, morte e vida..

A experiência de caminhar com Jesus Cristo é, antes de tudo, a experiência de acolher a vida do Mestre e identificar-nos com sua pessoa e com seu modo de viver. *“Nesse caminho diário da vida se descobre a dor (Lc 10,31) e a necessidade do outro (Lc 11,6), as dificuldades da relação com os demais (Lc 12,58), o chamado constante do Senhor (Lc 14,23). Experimenta-se o cansaço (Lc 18,35) e, às vezes, o reconhecimento (Lc 19,36). Porém, descobre-se com sinceridade que Jesus ‘não tem privilégios e ensina a todos com franqueza os caminhos de Deus’ (Lc 20,21) (ÁLVAREZ, 2010). Todo processo de crescimento e amadurecimento leva consigo uma luta interior, porque a proposta-seguimento-adesão do discípulo vai mais além do conhecimento do mestre ou de suas ideias. Implica assumir na própria vida o caminho da cruz e do*

destino do Mestre: *“Ser verdadeiro discípulo compreende a profissão da fé no crucificado, incluindo também a disponibilidade ao seguimento da cruz. Não basta entender o que o Mestre ensina, mas partilhar seu caminho, seu destino” (BARRIOS, 2016; cf. Mc 8,34-38).*

O fazer do discípulo não é tanto realizar ações, mas estar totalmente ligado ao SER de Jesus Cristo. Fazer e ser um discípulo são duas dimensões do mesmo discipulado. O discipulado é um fazer pelo ser; é pelo ser que nos tornamos discípulos. É uma experiência pascal, uma experiência de morte e ressurreição; pois é à luz da ressurreição que entendemos e vivemos nossa vocação como uma graça e uma experiência existencial que faz nosso coração arder (cf. Lc 24,32).

Nós encontramos em Maria o melhor modelo de discipulado. Ela se uniu intimamente à pessoa e missão de seu Filho, abraçando para si seu estilo de vida.

É possível um discipulado missionário para jovens? Certamente sim! Muitos jovens, ao longo da história, seguiram Jesus Cristo chegando inclusive a dar a vida por Ele. Façamos memória de nossos irmãos claretianos mártires ou de nossa irmã Patrocínio Giner... Pensemos em São José Sánchez del Río, com seus quase 14



anos; entre tantos outros cristãos e cristãs perseguidos por causa de Jesus até nossos dias, eles dão prova de discipulado missionário, até dar a vida.

Também nós caminhamos pela vida seguindo as pegadas de Jesus Missionário do Pai e estamos igualmente convencidos de nosso seguimento. Deus não quer a morte dos jovens, antes o contrário: que, encontrando Jesus, todos tenhamos nele a Vida em abundância (cf. Jo 10,10). Seguimos Jesus porque só Ele é capaz de fazer brotar em nosso interior uma fonte de vida que mana para a vida eterna (cf. Jo 4, 14). A partir desta chave fazemos a você um convite: a contemplar a seguinte cena do evangelho de Lucas. Mas, primeiro, gostaríamos de fazer um excursus sobre a dimensão mariana de nosso discipulado.

EXCURSUS MARIANO: MARIA, UNIDA AO DESTINO DE SEU FILHO

“Quando Mateus recria em seu evangelho a origem e os primeiros passos de Jesus (cf. Mt 1-2), podemos também ler nas entrelinhas o anúncio de seu futuro destino. Assim, Jesus vai ser perseguido pelas autoridades



de Israel (representadas aqui por Herodes), enquanto que, ao contrário, será reconhecido e adorado pelo povo (neste caso pelos Magos). Desde este ponto de vista, pode ser já significativo que em todos estes episódios Maria apareça estreitamente unida à sorte de seu Filho. O que na teologia narrativa de Mateus pode estar em forma implícita, em Lucas é já objeto de um oráculo direto. O velho Simeão, inspirado pelo Espírito Santo (Lc 2, 25ss), depois de reconhecer no menino Jesus o Messias de Israel e a Luz dos gentios, anuncia a Maria o destino conflitivo de seu Filho e a dramática repercussão que vai ter sobre ela mesma: “Este menino será motivo de queda e elevação de muitos em Israel e para ser sinal de contradição, e a ti mesma uma espada te atravessará a alma, a fim de que sejam reveladas as intenções de muitos corações” (Lc 2,34s).

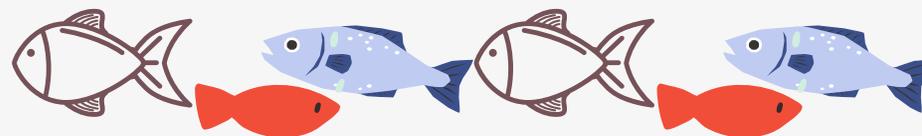
No horizonte do oráculo é possível adivinhar, por trás dessa misteriosa espada, a sombra da cruz de Jesus. E, desde logo, ao pé dessa cruz se encontrará sua mãe (cf. Jo 19,25). A Igreja latina, sobretudo desde a Idade Média, interpretou esta presença de Maria como uma participação da paixão de seu Filho (cf. LG 58). Sem que possamos aceitar o título de “Corredentora”, podemos sim referir a Maria



o que Paulo diz de si mesmo: “Completo em minha carne o que falta à paixão de Cristo, por seu corpo que é a Igreja (Col 1,24). A solidariedade que existe entre todos os membros do Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,26; Rm 12,25) alcança a máxima intensidade entre Jesus e sua mãe. Como mãe e como crente, Maria sofre em sua própria carne a paixão de seu Filho, assumida como ato supremo de amor e de obediência à vontade do Pai (cf. Lc 22,42; Jo 13,1; 15,13; Hb 10 5-7. Por esta comunhão profunda, Maria se une à entrega que Jesus realiza livremente (cf. Jo 10,18) e, neste consentimento, ela é uma vez mais para nós a imagem viva do Pai que, ‘tanto amou o mundo, que lhe entregou seu Filho único...’ (cf Jo 3,16; Rm 8,32).

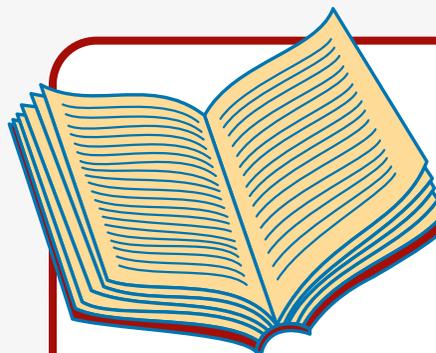
Porém, não devemos isolar o acontecimento do Calvário, esquecendo o que com antecipação o precede e, de alguma maneira, também o provoca... Na perspectiva do evangelista Lucas, para seguir Jesus até o Calvário é preciso carregar a cruz cada dia (cf. Lc 9, 22s) e, neste longo e doloroso caminho de seguimento começa já a realizar-se a prova que Simeão anuncia a Maria: uma prova que vai colocar a descoberto a ‘intenção do coração’, verificando e avaliando a qualidade de sua fé e de sua obediência

à vontade divina (cf. Hb 5,8)” (HERNÁNDEZ, 1991, p. 173-274).



2.1. "POR CAUSA DE TUA PALAVRA, LANÇAREI A REDE" (O PESCADOR PESCADO)

UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR



Procure em sua Bíblia a passagem de Lucas 5:1-11

Leia o texto duas vezes e tente imaginar a cena em todos os seus detalhes...

O que você observa?

Jesus sobe à barca de Pedro quando se encontra cansado, desiludido, derrotado, pede-lhe que faça o que para um pescador não tem sentido: lançar de novo as



redes depois de uma noite de trabalho inútil e depois de ter limpado as redes. Jesus não busca converter a Pedro em pescador mais rico do povo nem no chefe de uma grande companhia pesqueira; só pretende iniciar com ele um vínculo mais profundo, uma relação de confiança que dê lugar ao discipulado. Pedro o havia escutado enquanto estava na barca... Ele o havia visto passar, seguido por muita gente que queria escutá-lo e ser curada de suas enfermidades... Talvez por isso se fia no Mestre e acolhe o desafio revelando uma confiança incondicional, que contradiz o sentido comum: “... porque tu o dizes, lançarei as redes”.

Pedro era pescador como nós somos professores, contadores, economistas, religiosos, vendedores ou estudantes. Todos experimentamos dias de fadiga e de muito esforço sem conseguir nada. Às vezes nossas redes estão vazias e, por mais tentativas que façamos, não conseguimos nada.

O desânimo, os dissabores da vida, as críticas de próximos e alheios desgastam nossa esperança. Nunca lhe aconteceu de alguma vez o cansaço ou os maus resultados não terem correspondido com as expectativas feitas no início do empreendimento? Que as minuciosas análises da realidade juvenil desgastam e tiram as forças para voltar a empreender a tarefa que nos foi confiada? De repente, isto de “saída missionária” soa como música celestial ou pode

parecer um mero slogan da moda. Contudo, trata-se de um convite para que recomeçemos a tarefa dispondo nosso coração à ação de Deus, confiando nas palavras de Jesus-Mestre.

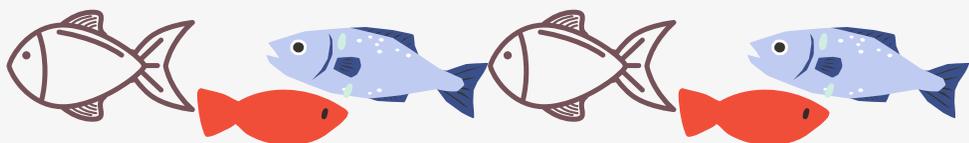
O amor do Senhor vai nos configurando como discípulos e nos transforma, mudando a nós e aos demais do nosso entorno. Jesus sempre toma a iniciativa, como quando se sobe à barca de Pedro. Do mesmo modo se apegamos também em nossas vidas, quase sem permissão, e logo, nos faz sair, como Ele, ao encontro dos demais para atraí-los ao encontro de Cristo. Talvez nos esteja dizendo: “Não temas. De agora em diante serás pescador de homens” ou, simplesmente, “faze-o de novo, tente uma vez mais”. É tempo de recriar nossa confiança nele e na eficácia de suas palavras. Façamos nossas as palavras do pai do jovem epilético que grita ‘Creio, mas ajuda-me a ter mais fé’” (Mc 9,25).

Que é o que nós buscamos? Que é o que pretendemos alcançar com o que fazemos? O que o Senhor nos pede? Ele nos diz que não tenhamos medo de mudar o rumo da própria vida para dar-lhe um novo significado, que lhe demos uma perspectiva distinta do que fazemos até o cansaço.

No texto de Lucas, depois da cena da incrível pesca, não fosse ela confirmada, Pedro deixa seu ofício de



pescador, porém continua sendo o mesmo que era antes; ainda que tenha deixado tudo para o seguimento e se tenha dedicado a outro tipo de “pesca”. O encontro com Jesus tira o melhor de nós mesmos. Ele constrói uma nova vida com nossas qualidades e habilidades, basta que estejamos dispostos a deixar que ele seja o único Senhor e Mestre de nossas vidas.



2.2. FORJADOS NA FRÁGUA DO SEU AMOR E MISERICÓRDIA

CLARET E A ALEGORIA DA FRÁGUA

“Em um princípio quando estava em Vic passava comigo o que acontecia em uma oficina de ferreiro: o Diretor mete a barra na forja e quando está bem aquecida a tira e a coloca sobre a bigorna e começa a descarregar golpes com o martelo; o ajudante faz o mesmo, e os dois vão alternando e compassadamente vão descarregando marteladas e vão amassando a barra até que tome a forma proposta pelo ferreiro”

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 289).

Com estas palavras o Padre Claret descreve sua

busca da humildade, relato que se encontra no número 342 de sua Autobiografia. Este processo, que o transforma em missionário apostólico, pode ser aplicado a todo o itinerário formativo que tem como meta a configuração com Cristo. De fato, no início de cada missão, ele rezava uma oração na qual se reconhecia formado na forja da misericórdia e amor da Virgem Maria (VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 256-257).

O Padre José Maria Viñas CMF, tendo em conta os escritos do Padre Claret, explica com detalhes os distintos elementos da alegoria da forja, em espanhol “fragua”, que citamos textualmente na sequência:

A OFICINA DO FERREIRO

É o ambiente formativo de Vic, o momento da graça que vive a Igreja local e em particular no Seminário.

O FERREIRO (DIRETOR)

É antes de tudo o Pai, o Filho como Senhor e Mestre, e também Maria, Mestra enquanto discípula, “a primeira e exemplar”. São também os colaboradores do Senhor na formação: o bispo Corcuera como pastor, santo e experimentado na formação de seminaristas em Sigüenza; o diretor espiritual pessoal de Antônio, o Padre Bach do Oratório; o sacerdote D. Fortián Bres, em cuja casa se hospedava e os professores do Seminário.



A BARRA DE FERRO

Antônio, como formando, se apresenta a si mesmo em três símbolos: A barra de ferro que representa ao mesmo tempo a resistência, a capacidade de obediência com o Senhor e seus mediadores, e o coração, ou seja, a pessoa em sua totalidade e sua dimensão mais profunda.

A FORJA (FRÁGUA)

É o fervor da caridade, porém fundamentalmente o Espírito Santo. É também o Coração de Maria, a Mãe de Jesus, em sua função de formadora dos apóstolos por sua caridade. Significa também os meios ascéticos para acender o fervor da caridade como a oração em suas diversas formas e os Exercícios Espirituais. “O amor, diz o santo, é como o fogo, que converte o combustível em fogo. Quem de fato ama a Jesus, faz tudo por Ele: diz, pensa e sofre, converte tudo em amor”. “Quem de verdade ama a Jesus, mais vive em Jesus do que em si mesmo, ou Jesus é sua vida, como dizia São Paulo: Vivo, porém não eu, mas Cristo é que vive em mim” (VIÑAS; BERMEJO, 1981, p. 609).

A BIGORNA

São as situações concretas da vida, as provas e tentações nas quais se manifesta quem é realmente e descobre o que deveria ser.

O AJUDANTE

O ajudante poderia significar os formadores e colaboradores do Mestre, porém significa principalmente o próprio formando na dimensão ascética e de colaboração.

AS MARTELADAS

As marteladas significam as ações formativas. Todas as ações se encaminham a dar forma, não são golpes de cego. É um trabalho coordenado, alternado e especificado, o do Senhor e o do discípulo. O Senhor age pela Palavra que ilumina e pela moção interior do Espírito; a ação do aprendiz é ativa segundo os meios adequados. Antônio se serviu especialmente do exame particular para alcançar a humildade.

A FORMA PROPOSTA PELO FERREIRO (DIRETOR)

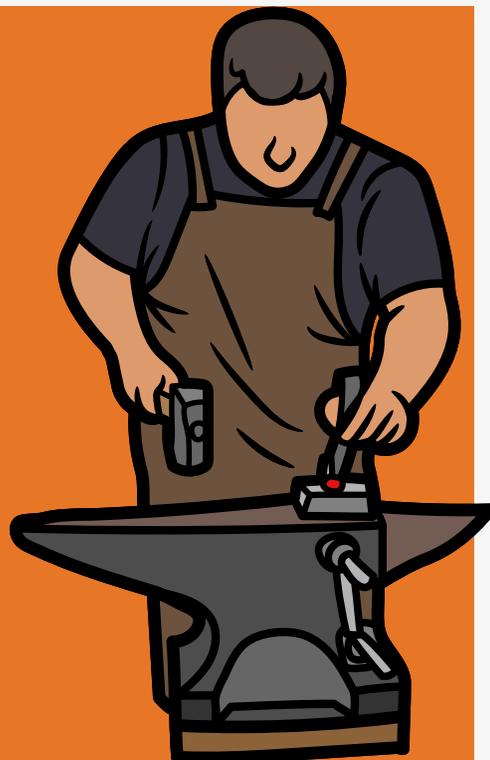
O Santo simbolizou com a seta a “forma proposta”. Efetivamente, na oração que rezava no começo de cada missão, depois de afirmar: “Bem sabeis que sou filho e ministro vosso, formado por vós mesma na forja (frágua) de vossa misericórdia e amor”, acrescentava: “Eu sou como uma seta posta em vossa mão poderosa; atirai-me, ó minha Mãe, com toda a força de vosso braço contra Satanás, príncipe deste mundo, que fez aliança com a carne” (CLARETIAN FORMATION, 2018).

Logo se apresentam à mente as ressonâncias bíblicas da seta, mencionada por Isaías 49,2: “Fez-me como seta



aguçada, guardou-me em sua aljava”, onde a pessoa do servo-profeta se representa como sendo a seta. O Padre Fundador se aplica a si mesmo o texto chave do capítulo 49: “Tu és meu servo em quem me gloriarei”. Lembra “as flechas de guerreiro afiadas com brasas de giesta”, do Salmo 120, 4. O Padre Claret se sente filho de Maria, e nas mãos dela é como uma flecha nas mãos do herói: Eu que sou filho e ministro vosso, “sou como uma seta posta em vossa mão poderosa” (CLARETIAN FORMATION, 2018).

A alegoria da forja (frágua) em Claret permitiu a elaboração de um itinerário espiritual-formativo em quatro núcleos ou etapas para o discipulado missionário claretiano (cf. ANEXO 7).



2.3. SONHAR UM DISCIPULADO MISSIONÁRIO

PARA JOVENS

Em 2015, o Papa Francisco ofereceu uma audiência especial a claretianos reunidos no XXV Capítulo Geral e propôs três chaves que bem podem orientar nossa proposta de discipulado missionário para jovens; são três verbos ou ações chaves: “adorar, caminhar, acompanhar”.

1. *Discípulos-missionários-adoradores* são pessoas que entregam totalmente suas vidas nas mãos de Deus e se abandonam à sua providência fazendo que Ele seja absoluto em suas vidas. Eles dizem, como Maria, “*eu sou a serva do Senhor, que se cumpra em mim o que disseste*” (Lc 1, 38).

É uma experiência profunda de total dependência de Deus que lhe permite continuar sua obra de salvação em nós e na história. Esta total disposição à ação de Deus nos dá a capacidade de não cair na adoração-dependência dos “ídolos modernos” do consumismo materialista do ter, do egocentrismo do prazer a qualquer preço ou da autoafirmação do poder a ponto de se colocar acima dos



demais.

Adorar a Deus acima de tudo é buscar o sentido de nossas vidas saciando nossa sede em Jesus, a única fonte da qual brota a Vida Eterna (cf. Jo, 4, 13-14). O discípulo missionário que sacia sua sede em Jesus faz vida a oração apostólica do Padre Claret: conhecer, amar, servir e louvar a Deus e fazer que todos o conheçam, o amem, o sirvam e louvem (cf. VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 238).

2. *Discípulos-missionários-caminhantes* são aqueles que saem ao encontro dos jovens, caminham com eles e os ajudam a seguir a Jesus. O apostolado com os jovens não consiste simplesmente em “fazer coisas” (programas, dinâmicas, atividades pastorais), mas sobretudo em “encontrar-se e caminhar” com Jesus e os jovens acompanhando-os na vida e ajudando-os a que se encontrem pessoalmente com Jesus e o sigam com fidelidade e alegria.

Os jovens também são chamados a “não ficarem quietos” nem acomodados em suas zonas de conforto. Eles são convidados à ação, a sair de si mesmos, a abrir fronteiras, a buscar caminhos de encontro com Deus e com os demais, a sair de si mesmos para chegar à “terra prometida” que é a construção de um mundo melhor. Caminhar como discípulos missionários de Jesus é iniciar um processo e percorrê-lo “fazendo o bem”, como o fez

Jesus (cf. Atos 10, 38).

A partir desta perspectiva, encontramos muitos personagens bíblicos que podem servir de exemplo no discipulado missionário de caminhantes: Abraão, o povo de Israel, Maria, José e também Claret, que foi um missionário itinerante incansável. O exemplo deles, entre tantos outros e outras, pode ajudar-nos no testemunho alegre da Boa Notícia e acender nossa paixão missionária com os jovens.

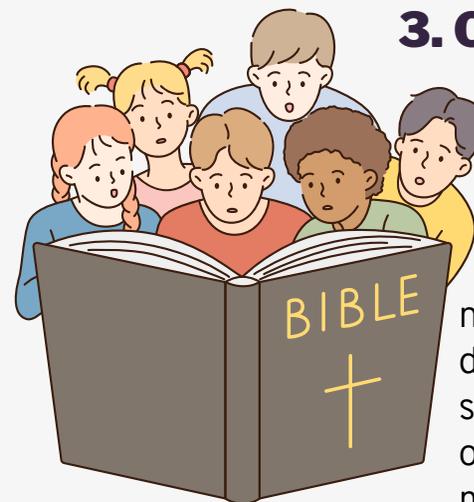
3. *Discípulos-missionários-que-acompanham*. A missão de “acompanhar os jovens” consiste em colocá-los a seu lado e percorrer com eles seu caminho; é escutá-los e animá-los, cuidar deles, amá-los de coração. Nossa missão não consiste em ser “chefes”; compartilhamos com eles o mesmo caminho de discípulos e, portanto, somos “um a mais, ainda que diferente, entre eles”: amigos-companheiros-pastores em seu caminho; o sinal de que os acompanhamos e os amamos é que “temos cheiro de ovelhas”.

Também os jovens são chamados a acompanhar-se uns aos outros e a acompanhar a outros abrindo o coração às pessoas ao seu redor, sem fechar-se em seu mundo e sem egoísmos. Não é fácil este tipo de atitude no mundo em que vivemos e, digamos a verdade, nunca o foi;

porém, tampouco é impossível... Bem claro o diz a Palavra de Deus: “Nada é impossível para Deus e para o que crê” (Lc 1, 37; Mc 9,23).

Um discipulado-missionário para jovens, em chave de caminho, acompanhamento e adoração nos permite sonhar com que todos os jovens, sem exceção, possam converter-se em atores e atrizes da evangelização, e não meros espectadores. Os exemplos de Maria, Pedro e Claret mostram isso. Também os jovens que vivem situações de pobreza, marginalização e exclusão são chamados a ser protagonistas. Temos muito a aprender deles; os jovens têm que ensinar-nos muitas coisas.

Uma ação pastoral partindo destas chaves de leitura, pretende que toda a comunidade se responsabilize na tarefa de educar as novas gerações e de evangelizar com elas valorizando as oportunidades de envolvê-los para que contribuam com suas ideias e criatividade características. Também nos comprometem a ser crentes; a dar testemunho de vida para que sejamos para eles um “modelo de carne e osso”, gente que pode ser seguida e imitada. Formar a nós mesmos na dimensão humana, teológica, pastoral e espiritual para uma pastoral com estas características é um dever fundamental ao qual estamos respondendo (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2015).



3. OUVINDO A PALAVRA

DIMENSÃO BÍBLICA DA PJV DA FC

Há encontros que mudam a nossa vida para sempre. Alguns dos mais significativos nem sequer recordamos; por exemplo, o primeiro encontro com nossa mãe sendo recém-nascidos.

Outros são, sem dúvida, inesquecíveis: o dia em que encontramos cara a cara com o jovem ou a jovem que nos fez palpitar o coração, com a pessoa de quem nos enamoramos e empreendemos um projeto comum, uma entrevista importante que nos deu a possibilidade de estudar ou o trabalho que buscávamos. Estes acontecimentos nos afetam pelo tanto que impactam nossas vidas

Martin Buber, o filósofo do diálogo e das relações, depois de ter passado pela experiência do nazismo, escreve que o encontro é a experiência que define o ser humano: “Toda vida verdadeira é encontro” (BUBER, 1982, p. 11); sobretudo a vida do crente, onde Deus mesmo sai a buscar-nos (cf. Ex. 3,18; 5, 3; 19, 17; 30,6.36; Nm 23, 16, entre muitos outros).

Na realidade, toda a Bíblia é o registro crente de um Deus que irrompe na história humana e sai ao nosso encontro. Deus, o Pai que Jesus nos revela, sai para encontrar-nos na história, este é o lugar da manifestação do Deus de Israel. Qualquer circunstância, momento ou lugar pode ser propício para que topemos com Deus, porque ele quer se deixar encontrar. O encontro com Deus é determinante porque nos coloca frente a frente com quem nos pensou e nos ama desde toda a eternidade e para sempre. É um encontro que nos transforma, que nos traz felicidade e geralmente marca um antes e um depois em nossa vida.

Quem se sentiu olhado e tocado por Ele se sente feliz e precisa contar isso aos demais. Pensemos, por exemplo, no encontro gozoso entre Maria e Isabel (cf. Lc 1, 39-45). A mesma coisa aconteceu com as comunidades de Israel e de Jesus, colocaram por escrito todos os acontecimentos nos quais Deus foi se dando a conhecer e os legaram para nós e às futuras comunidades crentes como um testamento.

A Bíblia é o testemunho desse diálogo entre Deus e seu Povo e a memória coletiva desses momentos privilegiados. Nela não só encontramos o registro desses encontros entre Deus e seu Povo, mas que graças a eles

também nós aprendemos a descobrir a Deus que sai ao nosso encontro. Esta é a razão pela qual o texto bíblico se torna tão significativo, porque à luz da fé, a palavra humana do texto bíblico é Palavra de Deus e nela Deus nos fala para oferecer-nos gratuitamente seus dons.

A vocação cristã é fruto da confluência com o mestre que se deixa encontrar, Ele que é Senhor da vida. Nunca se despreza o desejo sincero de encontrar a Deus, por tênue que seja, sem que o Senhor saia a encontrar-nos como o fez com as mulheres na manhã de Páscoa: “Jesus saiu ao seu encontro e lhes disse: alegrem-se” (cf. Mt 28, 9). O Senhor é “o Tu que chega ao meu encontro. Porém, sou eu quem entra em relação direta, imediata, com Ele. Assim a relação significa escolher e ser escolhido, é um encontro ao mesmo tempo ativo e passivo” (BUBER, 1982, p. 10).

A primeira pessoa que experimentou o encontro com Jesus foi sua própria mãe, Maria de Nazaré. Seguindo os Evangelhos, em segundo lugar, encontramos os discípulos e discípulas, alguns com nomes próprios como André, Simão, Filipe, Natanael, Maria Madalena, Zaqueu, Levi, Paulo de Tarso e outros anônimos como a Samaritana, a pecadora de Lc 7, 36-50 ou o cego de nascença, entre muitos outros e outras (cf. Jo 1, 35-51; 20, 11-18; Lc 19, 1-10; 5, 27-32; Atos 9; 22; Jo 4; 9).





EXCURSUS MARIANO: MARIA, SEGUIDORA DE JESUS PELO CAMINHO DO SERVO

“Como expressão da fé de Maria, o evangelista Lucas se compraz em apresentar Maria como ouvinte da Palavra, que escuta e acolhe a voz de Deus nos diversos acontecimentos conservando e meditando sabiamente a Palavra em seu coração (cf. Lc 2, 18s. 51). Esta atitude é a que define o verdadeiro discípulo de Jesus (cf. Lc 8, 15) e por isso Maria forma parte eminente da nova família do Reino: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a cumprem” (Lc 8, 21). A mãe de Jesus é também, como dizia Paulo VI, sua primeira e mais perfeita discípula.

A disponibilidade de Maria para que se cumpra nela a Palavra do Senhor (Lc 1, 38) se traduz em um radical despojamento de si, como o que realiza Jesus ao assumir o caminho do Servo sofredor (cf. por exemplo, Mc 10, 45) e como o que propõe a seus discípulos. Este caminho de discipulado implica, entre outras coisas, subordinar ou inclusive romper os laços de carne e sangue em favor da nova família do Reino (cf. Lc 9, 57-62; 14, 25-27; 18, 28-30; Mc 3, 31-35). Neste sentido, a

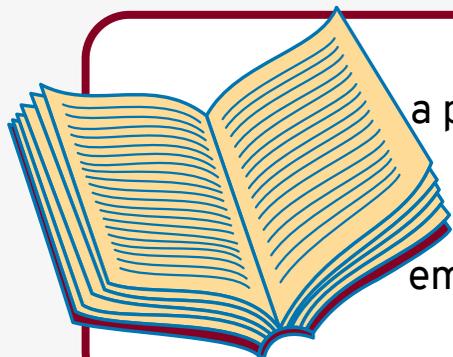
mensagem de Jesus vai provocar conflitos e divisão no seio das famílias (cf. Lc 12, 51-53 par.), começando pela sua própria (cf. Mc 3, 21; 6, 4; Jn 7, 5). E é muito provável que se refira a ela a alusão à espada que Simeão anuncia a Maria: também ela devia transcender os vínculos familiares, incluídos os que a unem naturalmente a seu Filho, por mais que isto seja inevitavelmente doloroso e difícil de entender para uma mãe.

Neste caminho de despojamento e privação se situam a pobreza e a virgindade de Maria, que é uma forma radical de pobreza. Maria viveu sua pobreza e dependência social sem rancor e amargura, porém também sem fatalismo conformista, frente aos ídolos do poder, do ter e do saber soube manter uma grande liberdade de espírito, solidarizando-se com o povo mais humilde e colocando em Deus toda sua confiança (cf. Lc 1, 51-53). A virgindade pelo Reino leva inscrito o sinal da cruz e sua lógica desconcertante: o que parece perda se torna garantia (cf. Lc 9, 23ss; Jo 12, 14s), no que é necessidade para o mundo se revela a sabedoria e o poder de Deus (cf. 1Cor 1, 17-31) ... Maria conhece bem o paradoxo do agir divino (cf. Lc 1, 51-53) porque é a primeira dos simples a quem Deus revelou estas coisas, ocultas aos sábios (cf. Lc 1, 48; 10, 21) (HERNÁNDEZ, 1991, p. 174-178).



3.1. JESUS SE ENCONTRA COM UMA MULHER SAMARITANA

UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR



Procure em sua Bíblia a passagem de João 4:5-30

Leia o texto duas vezes e tente imaginar a cena em todos os seus detalhes...

O que você observa?

Dentre todas as passagens evangélicas que relatam diferentes “encontros de Jesus”, queremos contemplar o da mulher da Samaria, de João 4. Esta passagem pode iluminar a animação bíblica da PJV ao estilo do Padre Claret.

O texto de João, como tantos outros relatos evangélicos, não é a crônica do encontro de Jesus com a Samaritana. É antes uma amostra do que Jesus pode fazer conosco para formar nossa consciência de discípulos. A mulher samaritana é uma pessoa que experimentou o amor de Deus, encontrou-se com Jesus, decidiu segui-lo e

de Deus, encontrou-se com Jesus, decidiu segui-lo e o anuncia aos demais convidando-os a que façam a mesma experiência que ela fez. Alguma vez aconteceu algo parecido com você? Se tivesse que contar como se encontrou com Cristo, que diria? Transformou-se sua vida nestes anos de discipulado missionário de Jesus? Como?

Samaria era uma cidade étnica e religiosamente mestiça. Os samaritanos são a povoação que surgiu depois da conquista e invasão assíria do reino de Israel, em 722 a.C. É mestiça porque os dominadores deportaram grande parte da população à Babilônia (cf. 2Rs 17,24) levada ao estrangeiro. Os israelitas do lugar continuaram praticando sua religião, ainda que não tenham sido considerados “puros” nem pelos exilados nem pelos habitantes do reino de Judá (cf. 2Rs 17, 24-25).

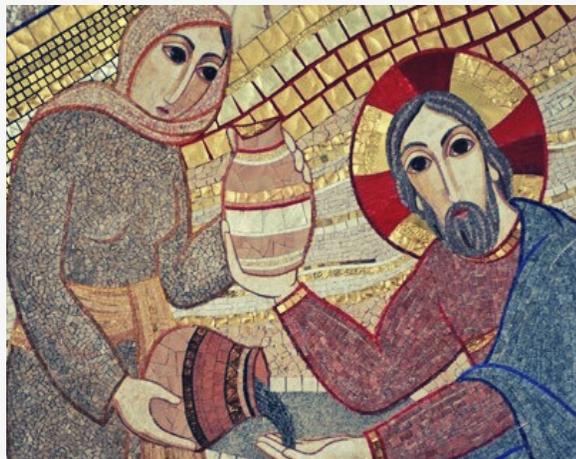
A religião dos samaritanos compartilha com os judeus vários elementos da fé: os cinco primeiros livros da Bíblia, a esperança messiânica e o culto a Javé, porém tudo centrado na Samaria e não em Jerusalém (cf. Jo 4, 29-30). O livro do Eclesiástico 50, 25-26 considera que ambos povos são irreconciliáveis.

Um dia, enquanto fazia seus deveres cotidianos (tirar água do poço), a mulher se encontrou com Jesus de



Nazaré que andava de passagem por Samaria. Ele estava descansando sentado à beira do poço, como que esperando-a; precisamente aí onde ela precisa ir, como querendo escapar do olhar do povo (Busca-se água do poço normalmente de manhã e não ao meio dia - BROWN, 1999, p. 411-412; MOSETTO, 2003, p. 183-202). Jesus lhe fala sem rodeios e lhe pede algo muito trivial: “Dá-me de beber”. Pedindo-lhe água, Jesus transgride as convenções étnicas e religiosas de seu tempo, pois os judeus não falavam com os samaritanos e um mestre não falava a sós com uma mulher.

O diálogo se torna longo e profundo e toca vários aspectos da vida e da fé da mulher. Tudo se orienta para a vontade missionária de Jesus: Ele quer que ela o conheça. Por isso busca, desde o início e com delicadeza, chegar à sua interlocutora. A senhora, por sua parte, se mostra



esquiva. Ela o reconhece como judeu e pensa que está brincando. Depois lhe fala com ironia e lhe pergunta se acaso é maior que Jacó, o pai dos Israelitas e pede a Jesus a água que a livre do esforço

cotidiano. Quando chegam ao tema dos maridos, ela começa a descobrir algo especial e lhe diz: “Vejo que és um profeta”. A referência aos maridos pode ser interpretada de dois modos diferentes: Se interpretarmos que Jesus se refere à mulher, então poderíamos dizer que sua vida era dissoluta ou que andava dando tombo na vida. Se, ao contrário, Jesus se refere à cidade, então indicaria que estava falando da região da Samaria, onde se prestava culto aos deuses de cinco povos distintos (cf. 2Rs 17, 24-41). Tanto a mulher como a cidade conheciam as crenças e tradições do seu povo.

Jesus anuncia à mulher que ele é o Messias esperado: “Sou eu, o que fala contigo”. A revelação de Jesus toca o coração da que buscava água, a ponto de não conseguir guardar a notícia só para si; deixa sua ferramenta de trabalho e, saindo do anonimato, corre para anunciar aos seus concidadãos o que vivenciou: “Venham ver o homem que adivinhou tudo o que tenho feito. Será que ele não é o Messias?” Nós seres humanos somos um enigma; um encontro de amor genuíno não pode penetrar o coração e derrubar as fronteiras que construímos entre nós. Talvez seja isto o que havia entendido confusamente a samaritana. Talvez “seus cinco maridos” tenham sido um modo de buscar felicidade ou o sentido da vida. São experiências que também se dão em nossos dias.



Muitas vezes nos encontramos com jovens que buscam sentir-se queridos de verdade ou encontrar algo que lhes dê sentido. Talvez nós mesmos tenhamos vivido experiências que nos deixaram insatisfeitos e inclusive mais confusos. Esta mulher acreditava ter saciado sua sede com grandes amores, porém vivia no deserto da felicidade; seus encontros haviam sido somente experiências amargas. O encontro com Jesus lhe permite descobrir quem pode dar sentido à sua vida e aí fica impossível não comunicar a outros essa experiência. Por isso, sai a semear perguntas entre seus concidadãos, interrogantes que só Jesus, com quem se havia encontrado e falado, poderia responder com uma certeza vital.

Ao final, nem a samaritana e nem Jesus beberam água do poço de Jacó... Talvez Ele continue esperando a você, sentado à beira do poço do seu povo para falar com você... De que coisas você tem sede? Por acaso já se encontrou com Ele? Quando? Como? Onde? E você ... é capaz de despertar a sede de Deus nos jovens da sua comunidade? Jesus pode encontrá-los na sua ausência (como acontece com os discípulos), porém a liberdade de Jesus não nos tira a responsabilidade de ajudá-los e preparar o encontro.

3.2. CLARET SE ENCONTRA COM JESÚS LENDO A SUA PALAVRA

O estilo de Jesus, descrito nesse relato, alimentou a opção missionária do Padre Claret. Ele mesmo nos conta no número 221 de sua Autobiografia

“Quem mais e mais me entusiasmou sempre é o contemplar o Jesus Cristo como vai de um povoado a outro, pregando em todas as partes, não somente nos povoados grandes, como também nas aldeias, até a uma só mulher, como a Samaritana, ainda que estivesse cansado do caminho, com sede, em uma hora muito imprópria, tanto para ele como para a mulher”

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 232).

O que motiva o Padre Claret é a capacidade de Jesus de aproveitar qualquer circunstância para comunicar o presente de Deus. E nos comunica uma experiência muito pessoal em contato com o texto de Jo 4, 5-30:

“No dia 21 de março, na meditação da Samaritana, sobre aquelas palavras: ‘Sou eu que falo contigo’, entendi muitas grandes coisas. A samaritana lhe comunicou fé, e ela acreditou; sentiu a dor de seus pecados, e se arrependeu; deu-lhe a graça, e com ela pregou a Jesus; assim, a mim, fé, dor e missão de pregar”

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 438).



“Lendo a Escritura se transformou de padre de um povo a missionário para todo o mundo: em muitas partes da Bíblia sentia a voz do Senhor que me chamava para que sáísse a pregar. Na oração me acontecia o mesmo. Assim é que determinei deixar a paróquia e ir a Roma e apresentar-me à Congregação para a Propaganda da Fé para que me enviasse a qualquer parte do mundo”

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 189).

Na Palavra de Deus, Claret encontrava valentia, convicção, fortaleza e determinação para transformar-se em missionário itinerante e encontrava também o sentido de sua existência. A Escritura era imprescindível em sua maleta de missionário

Toda minha equipagem consistia em uma camisa, um par de meias, um lenço, a navalha para fazer a barba e um pente, o Breviário (Liturgia das Horas) e a santa Bíblia de um volume muito pequeno. Tudo isto cabia sempre dentro de um lenço” (cf. Idem, 132 e 151). Lia a Bíblia com paixão e diariamente desde seus anos de formação (cf. Idem, 113, 151, 535-537, 637, 645). Sendo arcebispo, exortava a outros a sua tendência à leitura, sobretudo, aos sacerdotes e a presenteava inclusive aos seminaristas (cf. Idem, 380, 779). Isto não era frequente em sua época, não era permitido que os fiéis lessem a Bíblia.

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 438).



3.3. PARA QUE OS JOVENS ENCONTREM JESUS

E ESCUTEM SUA PALAVRA

Entrar no mundo dos jovens nos obriga a mudar o relógio da vida e a nos liberemos das críticas e convenções sociais que podem bloquear ou impedir nosso encontro com eles ou impedir os jovens de se encontrarem com Deus. Temos que nos dispor ao diálogo com os jovens e à escuta talvez em horários e lugares fora dos cânones eclesiais e religiosos.

Os textos que acabamos de partilhar nos convidam a aproveitar qualquer circunstância para comunicar aos jovens o presente de Deus que é sua Palavra. Busquemos o modo de oferecer-lhes um encontro com a Palavra de Deus que os transforme, a qualquer momento, lugar, a condição das pessoas ou sua origem étnica. Para os



próprios membros da FC, o encontro com Jesus e sua Palavra é parte fundamental da missão que temos em nossa PJV. Temos que oferecer, provocar e convidar os jovens a um encontro com Jesus que lhes traga felicidade e responda às suas buscas mais profundas. Ele é o amigo fiel em suas alegrias e angústias. No Anexo 8 deste módulo deixamos uma forma simplificada de leitura orante que pode ser usada nos encontros, pois orar se ensina orando (cf. Lc, 11, 1) e ensinar aos jovens a leitura orante da Bíblia, o que implica uma prática com eles.

Favorecer que os jovens se encontrem com Cristo, colocando-os em contato com a Palavra de Deus, tanto no

nível pessoal como comunitário, e isto supõe capacidade de vincular a leitura da Escritura com suas vidas a partir de uma hermenêutica (explicação) apropriada à situação em que vivem. Para isso temos que estar bem formados, e preparar com dedicação os encontros com a Palavra que lhes propomos. É necessário que tenhamos lido previamente e com atenção os textos escolhidos e algum comentário bíblico. É preciso buscar dinâmicas ou perguntas chaves que os ajudem a escutar-se e a escutar os outros em liberdade e confiança e, finalmente, compartilhar com eles os questionamentos e discernimentos suscitados pela leitura do texto e a oração ou reflexão que tenhamos feito.

4. SEGUIDORES DE JESUS EM COMUNIDADE

DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA PJV DA FC

Fomentar o comunitário entre os jovens é mais que dinâmica, diversão e jogos, se bem que tudo isso deve ser levado em conta e não pode faltar. A pastoral de jovens e vocações não se limita a estratégias que rompam o gelo ou a interações sociais. A comunidade não é algo que fazemos, faz parte de nossa identidade e de nossas relações. A comunidade é algo que somos e o modo com que interagimos.

Uma comunidade é um caminho a ser percorrido, uma peregrinação compartilhada, não um destino ou um ponto de chegada. Vai sendo alcançado o seu objetivo quando vivemos e compartilhamos experiências de aprendizagem, jogos, oração, serviço... Ela se fortalece quando cresce a proximidade e a confiança, quando as experiências pessoais são vividas com o apoio dos demais, cuidando da confidencialidade e do pessoal-sagrado de



cada um, quando se vai forjando a amizade e o apreço mútuo.

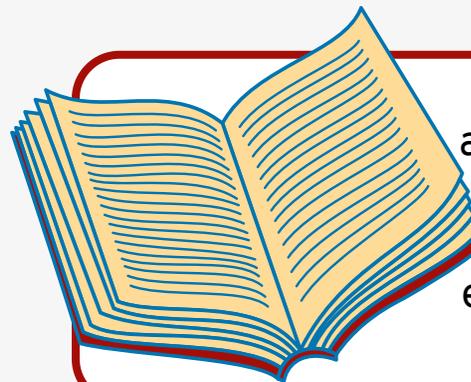
Favorecer as relações comunitárias é criar uma atmosfera que convoca, acolhe, faz sentir-se cômodo e seguro quem chega, onde se faz saber e sentir que se aprecia sua energia, que se avalia positivamente sua presença. A comunidade de jovens irá marcando a vida da comunidade onde é aceita na medida em que a acolhida, a aceitação, o carinho mútuo, levam os jovens à convicção de serem valorizados e cuidados.



**No Anexo 9
você pode encontrar
o excurso mariano
correspondente
para essa dimensão:
"Maria, mãe dos
discípulos de
Jesus".**

4.1. “VENHAM E VEJAM”: DOIS DISCÍPULOS DE JOÃO SEGUEM A JESUS

UMA IMAGEM BÍBLICA PARA
CONTEMPLAR E NOS REFLETIR



Procure em sua Bíblia
a passagem de João 1:35-42

Leia o texto duas vezes
e tente imaginar a cena
em todos os seus detalhes...

O que você observa?

Das coisas importantes lembramos até os mínimos detalhes. É o que acontece com o relato que acabamos de ler. Os discípulos se lembram até da hora em que tudo aconteceu: “Eram as quatro da tarde”. É a lembrança que marca o início de sua vida de discípulos. Para os primeiros era o momento de recomeçar já que pertenciam ao grupo de João Batista. Ele lhes indica que é o momento de iniciar algo novo e eles começam a seguir Jesus. Eles querem conhecê-lo e estar com “o Cordeiro de Deus” que seu Mestre havia indicado.

Quando Jesus lhes pergunta “que buscam”, eles optam por um encontro de proximidade que lhes permita



permita conhecer sua casa e ficar com Ele. Para eles é uma experiência inesquecível, de tal magnitude que uma tarde e uma noite são suficientes para ter certeza de quem é Jesus e saber que “é o Messias”. Isso é o que contarão de sua experiência aos amigos que encontram no dia seguinte, motivo destes unirem-se a eles. Aos jovens basta ver para saber de que se trata (como diz um amigo, “têm um olho clínico”... Será por isso que às vezes conseguimos escapar?).

São persistentes quando querem conhecer pessoalmente alguém famoso. Se os discípulos tivessem tido um celular à mão, certamente teriam posto a selfie no Facebook ou Instagram.

Com eles, Jesus inicia uma comunidade que na verdade é uma nova família (cf. Mt 12, 46-50) cujo centro de atenção são os pequenos e está baseada no serviço (cf. Mc 9, 33-37). Não é uma comunidade fechada em si mesma (cf. Mc 9, 38-41) nem reproduz o sistema das grandes nações que oprimem os povos (cf. Mt 20, 25-28). A comunidade dos discípulos de Jesus viveu experiências novas como a inclusão das mulheres (cf. Lc 8, 1-3) e das crianças (cf. Mc 10, 13-16) junto a homens, discípulos e apóstolos. Entre eles havia pecadores públicos (cf. Mc 2, 13-17) e gente curada por Jesus (cf. Mc 10, 46-52), havia também outros que andavam cansados e desorientados “como ovelhas sem pastor” (cf. Mt 9, 36), gente com fome

(cf. Mt 15, 32) e os curiosos que o seguiam porque viam os sinais que fazia (cf. Jo 6, 1-3).

Entre os apóstolos havia de tudo, desde gente de trabalho até independentistas e um decepcionado capaz de trair o amigo e mestre (cf. Mc 3, 13-19). Seu grupo mais íntimo vai descobrindo lentamente quem é Jesus, o mestre a quem seguem (cf. Mc 4, 41; 8, 237-30). Nos momentos mais importantes, quando as coisas se tornam difíceis, nem sempre estão à altura das circunstâncias (cf. Mc 8, 32-33; 9, 10; Jo 6, 60-61. 67; Lc 22, 31-34. 45-46). E então conseguem entender tudo com o passar do tempo (cf. Lc 24, 25-32).

Se comparamos a primeira comunidade de seguidores de Jesus com nossas comunidades, que resultado teríamos? Que faz essa gente seguindo a Jesus e em nossa comunidade eclesial? Que mudanças aconteceram entre uma e outra comunidade? Que buscam os e as jovens que chegam às nossas comunidades? A quem buscamos e incluímos nós nas comunidades juvenis de nossa pastoral?



4.2. A "COMUNIDADE COLMEIA" DE CLARET EM CUBA

“Nossa casa era a admiração de quantos visitantes o presenciassem. Digo isto porque eu tinha dado ordem de acolher a todos os sacerdotes de fora que viessem à cidade, todos se hospedassem no Palácio episcopal, tanto se eu estava como se me encontrasse ausente e pelo tempo que quisessem. Houve um religioso da Ilha de Santo Domingo... que veio a Cuba e permaneceu no Palácio, comendo conosco por um espaço de três anos. Vinham eclesiásticos dos Estados Unidos e de outros pontos e todos tinham acolhida no Palácio e na mesa comum; e parece que Deus os trazia para que vissem aquele espetáculo tão encantador. Percebia que nossa casa era uma colmeia, enquanto uns saíam, outros entravam, de acordo com as disposições que lhes dava, e todos sempre contentes e alegres. Os visitantes ficavam assombrados do que viam e louvavam a Deus. Com frequência eu pensava como podia acontecer aquilo, que reinasse tanta paz, tanta alegria, tão boa harmonia em tantas pessoas e por tanto tempo, e não conseguia dar outra razão além de dizer: “Digitus Dei est hic” (“O dedo de Deus está aqui”). Esta é uma graça singular que Deus nos dispensa por sua infinita bondade e misericórdia”

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 407).

O Padre Claret converteu o palácio episcopal em uma casa missionária na qual muitos missionários de diversos lugares partilhavam vida e missão. Aí se preparavam para a missão, rezavam, se organizavam, uns saíam e outros entravam, provenientes de diferentes povoados que visitavam. Uns chegavam e ficavam um tempo curto e outros permaneciam por longas estadias. Era tudo uma conquista de sensibilidade e consciência missionária que respondia às necessidades do povo. Daí se tocava, de maneira coletiva, a realidade e se dava atenção ao mais urgente, de maneira oportuna e eficaz. Era o ritmo missionário imprimido por Claret.

A comunidade de missionários se parecia a uma colmeia onde eles se coordenavam para anunciar o Evangelho. Nela reinavam a harmonia e a alegria. Suas denúncias e opções os faziam enfrentar perseguição e desafios, era, além disso, uma comunidade multicultural. Esta vivência o fez compreender como age a bondade e misericórdia de Deus nas relações com os irmãos. A comunidade nos configura como missionários discípulos de Jesus ao estilo de Claret: como as primeiras comunidades cristãs, com um projeto missionário em saída, em diálogo, aceitação e apreço mútuo, com sentido de pertença e corresponsabilidade, orando uns pelos outros (cf. Atos 2, 42-47; 4, 32-35) A presença discreta de Maria no nosso meio, como entre os discípulos no



meio, como entre os discípulos no cenáculo, nos contagia com sua ternura e carinho, sem os quais não há profecia nem anúncio que sejam credíveis (cf. Atos 1, 12-14).

Este traço deve ser um sinal da comunidade missionária que acompanha os e as jovens que buscam a experiência da comunidade claretiana. O primeiro sinal credível para muitos jovens será o apreço e a fraternidade vivida: “Ver como se amam os irmãos e irmãs” (cf. SI 133 (132), 1). A dimensão comunitária da missão, vivida tão heroicamente por nossos mártires claretianos, os fortaleceu em seu testemunho até o final e continua presente na família claretiana. É justamente uma experiência significativa de comunidade no seguimento de Jesus o que queremos oferecer aos jovens.



4.3. FOMENTAR COMUNIDADES DE JOVENS ONDE FLUA A VIDA

A comunidade cristã que sonhamos recree os vínculos humanos que nos unem aos demais ao modo da comunidade trinitária de Deus Pai-Filho-e-Espírito Santo, e da comunidade de Jesus. Fomos criados por um Deus-comunidade-de-amor para viver em comunhão uns com os outros. Este é o fundamento de todo processo social humano que cuide das condições de vida de todos e todas no mundo e do mundo como casa comum. Sonhamos comunidades de jovens nas quais possam encontrar-se com Jesus Cristo, o sigam e se empenhem em transformar o mundo a partir da perspectiva do Evangelho (CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. SESSÃO DE JUVENTUDE, 2018, p. 155).

Para formar uma comunidade de jovens é necessário que tenhamos presente algumas questões importantes que nos ajudam na proposta comunitária e a sustentá-la como um dinamismo essencial de nossa pastoral com eles:

A COMUNIDADE É UMA PROPOSTA PASTORAL

É necessário que estejamos convencidos da importância da comunidade na vida dos jovens e da Igreja, que queiramos propor aos jovens como caminho de vida e seguimento de Jesus, e que a comunidade esteja centrada em Cristo. Uma comunidade de jovens requer que sejamos pacientes e persistentes para sustentar a experiência no tempo, comprometendo-nos a criar espaços para a



liberdade e criatividade dos jovens fazendo que seja um ambiente próprio, no qual se sintam acolhidos. Uns quinze integrantes por comunidade é um número adequado para experiências de intercâmbio interpessoal significativo e inclusive, que se retroalimente com as interações de todos.

ELEMENTOS QUE GERAM COMUNIDADE

Para gerar confiança e crescer em apreço mútuo é necessário propor atividades que estejam de acordo com a idade dos jovens: ações simples de fé e compromisso, portadoras de alegria, coerentes com a mensagem de Jesus. A experiência de amizade entre os membros da comunidade é fundamental, ainda que não seja o objetivo dos encontros. A sensibilidade ante a realidade encontra sua fonte de inspiração na parábola do bom samaritano da qual nasce a pergunta: “Quem é o meu próximo?” e termina com a indicação de Jesus: “Agora vai e faze tu o mesmo” (cf. Lc 10, 29-37). Uma Igreja samaritana tem os olhos abertos para reconhecer as esperanças, alegrias, sonhos, feridas, traumas, limitações, acertos e possibilidades dos jovens do seu entorno, suas famílias e as realidades em que vivem. Apoia-os em sus buscas e crises, e com eles sai ao encontro de quem se encontra à beira do caminho da vida ou à margem da sociedade e da Igreja e precisa de ajuda.

IDENTIDADE CRISTOCÊNTRICA DA COMUNIDADE

A comunidade que tem Jesus Cristo como centro é testemunho de alegria e inclusão, sabe ter as portas abertas e acolher o que chega, dá vida, ajuda a discernir o lugar a partir do qual cada um pode colaborar com os demais para fazer um mundo melhor. Sabe indicar, como João Batista a seus discípulos, onde e como encontrar Jesus para permanecer com ele e escutar a Boa Notícia. Uma comunidade centrada em Jesus Cristo nunca é autorreferencial. A medida que avança no caminho, deve abrir-se à experiência de fazer com outros, agir a favor da vida em missão partilhada ou em redes mais amplas. Deve converter-se paulatinamente em sinal de formas alternativas de vida e socialização que atualizem o Evangelho de Jesus.

A comunidade cristocêntrica chega a ser escola de humanidade através da fraternidade, solidariedade e promoção da paz na justiça. Ainda que os valores variem de um contexto a outro através do tempo, o testemunho da fé vivida no amor solidário é mais eloquente que mil palavras. A busca da justiça, o amor, a liberdade, a paz, o diálogo, o cuidado, o respeito à vida em todas as suas formas, a inclusão, a filiação, a irmandade, a identidade, a alegria... são expressões de uma linguagem que chega a todos e que todos podem compreender.



COMUNIDADES DE JOVENS A CAMINHO DO CRESCIMENTO

Os bons resultados nem se improvisam nem podem ser previstos por completo. As comunidades de jovens devem ser pensadas como itinerários de crescimento humano a partir do seguimento de Jesus. Por isso, escutar sua Palavra e aprender a dialogar com Ele é fundamental, permite crescer na escuta e no discernimento que nos abre aos demais para assumir um projeto comum. A primeira coisa a fazer é assegurar uma base mínima de confiança, respeito e conhecimento mútuo sobre a qual construir e crescer como comunidade. Cada um deve contribuir com o mais genuíno de si mesmo a fim de conseguir um objetivo comum. Determinar papéis e funções ou um conjunto de estruturas, quando falta todo o anterior, é como querer construir uma casa partindo da fachada ou do teto; um esforço inútil, sem base na realidade. Quando existe um plano comum, centrado no Evangelho de Jesus, é possível superar as diferenças, aceitar-se cada um como é e mudar o que seja necessário para aceitar os demais.

A AMIZADE COMO VALOR FUNDAMENTAL NA COMUNIDADE DE JOVENS

A comunidade de jovens nunca é um esforço por cumprir passos metodológicos. Surge de um chamado parecido ao de Jesus “venham e verão” ou de André, que diz a Simão: “Encontramos o Messias” (cf. Jo 1, 39. 41-42).

Um ambiente de amizade permite que os e as jovens abram seu coração sem sentirem-se julgados, mas sim valorizados e abraçados pela comunidade que os acolhe. Deus realiza sua obra sem que saibamos como, porém, é preciso dar-lhe espaço (cf. Mc 4, 26-29).

A comunidade de jovens requer vínculos que rompam barreiras e criem confiança, abertura e respeito, que os jovens possam partilhar sonhos, porém também as circunstâncias difíceis da vida e suas imperfeições em relação aos demais, que se deem conta que a fachada e a aparência não são necessárias para enfrentar e superar as dificuldades na casa, na escola ou no trabalho. A comunidade de jovens se sustenta na amizade de seus membros e recria a de Jesus com seus discípulos (cf. Jo 15, 15), é um sinal da vida nova em Cristo.

DIFERENTES COMUNIDADES EM COMUNHÃO UMAS COM AS OUTROS

1. Nem todas as comunidades são iguais nem têm o mesmo alcance. A comunidade de jovens é uma iniciação à fé que humaniza e permite viver valores vitais como a fraternidade, o respeito mútuo, a complementariedade, o trabalho em equipe, a espiritualidade, solidariedade, diversão, sinceridade, alegria. Esta comunidade dos e das jovens com Jesus é uma utopia, mas um caminho de vida. É o Espírito de Jesus Ressuscitado que guia a comunidade



para levantar e transformar a vida de seus membros. Atualiza-se desse modo a promessa de Jesus (cf. Mt 18, 20). Nenhuma comunidade cristã é autossuficiente ou pode viver à margem da comunidade eclesial mais ampla, a paroquial, a diocesana ou da família claretiana. Precisamos favorecer nos jovens a experiência de uma “Igreja comunidade de comunidades”, é necessário motivar o encontro intergeracional entre comunidades e com outras de ambiente diferente com as que compartilhamos o mesmo horizonte e a mesma fé. Muito tem insistido o Papa Francisco no encontro e diálogo intergeracional entre os jovens e os idosos (cf. FRANCISCO, *Christus Vivit*, n. 187-201). É necessário entrecruzar projetos e experiências contribuindo com o que somos e temos com simplicidade, generosidade e alegria.

QUANDO NÃO SE PODE CONSTITUIR UMA COMUNIDADE DE JOVENS

Sempre será possível estender uma mão crendo neles e promovê-los a partir de seu lugar na história e no mundo. Existem muitos modos de partilhar com eles nossa esperança e valores, de oferecer a eles a vida que vem do Evangelho. Diferentes associações, artísticas, culturais, educativas, desportivas, do mundo do trabalho, causas sociais e ecológicas, comunitárias, espirituais, políticas... podem ser um espaço adequado para a fraternidade e solidariedade com os e as jovens. Os modelos

comunitários podem ser, e de fato são, diferentes, porém a centralidade da mensagem evangélica de Jesus é o nosso centro. Muitas vezes tudo começa na aproximação que toca a vida ou a morte nos ambientes que eles compartilham. Fazer isto com respeito, reconhecendo sua dignidade, entendendo os limites próprios e ajudando a sonhar é oferecer oportunidades à vida que nos traz Jesus nas formas e espaços menos pensados.

O PAPEL DO REFERENCIAL (RESPONSÁVEL) NA COMUNIDADE DE JOVENS

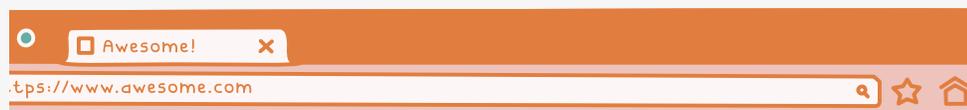
No momento de convocar e iniciar os jovens em um projeto comum é necessário a presença de um referencial (responsável) que os oriente como fez Jesus com seus discípulos, para propor os valores fundamentais e ajudá-los a encontrarem-se com o Mestre. Depois de um tempo, a presença do referencial (responsável) passará a um segundo plano, não quer dizer que perca seu caráter referencial (de responsabilidade), porém à medida que a comunidade cresce e amadurece seu papel diminui, como diminui João Batista em relação aos seus discípulos para que cresça Jesus entre os jovens.

A COMUNIDADE CLARETIANA QUE ACOMPANHA OS E AS JOVENS

O Papa Francisco assinala que “é a comunidade toda a que acompanha os jovens”. Nesse sentido, a FC deve



estar consciente que assume um papel contracultural como o de Jesus. Portanto, a comunidade claretiana que acompanha os jovens deve deixar-se iluminar e questionar pela Palavra de Deus que fala, tanto no Evangelho como na realidade dos jovens que são acompanhados, orando e trabalhando por eles e com eles para que tenham vida em Cristo.



EM RESUMO: Viver comunitariamente, em nossos contextos, significa muitas vezes expor-se à indiferença, porém também à admiração de quem vê que outro modo de vida é possível para pessoas e grupos. A cordialidade claretiana, tão própria de nossa família, encontra na amizade e na solidariedade o ambiente ideal para desenvolver-se como valor essencial. O apreço mútuo, o apoio, a missão partilhada, o fazer com outros... são experiências que fluem da comunidade claretiana para dar vida a outros, aos jovens, aos pobres e ao mundo com a ternura de Maria. Que os jovens se conheçam a si mesmos, entre si e a Jesus crescendo na fé, é fundamental para projetar em ações solidárias, portadoras de vida para os jovens. Ninguém dá o que não tem, o amor e apreço de uns por outros na comunidade são o motor para a entrega. (Cf. **ANEXO 10**). As redes sociais podem ser uma fortaleza para a comunicação, para que se sensibilizem ante a realidade em que vivem outras pessoas e ajudem a compartilhar conteúdos que tornem mais humano o mundo em que vivemos.

5. DESAPRENDER A INDIFERENÇA SAINDO PARA AS PERIFERIAS

DIMENSÃO MISSIONÁRIA DE NOSSA PASTORAL

Na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, o Papa Francisco analisa os desafios evangelizadores do mundo atual e diz: “Não a uma economia da exclusão” que descarta pessoas e povos inteiros, porque é injusta e mata. O Papa adverte que em nosso mundo se desenvolveu uma {...} “cultura do descarte” e se globalizou a indiferença, a cultura do bem-estar nos anestesia. Perdemos a calma se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto há vidas truncadas por falta de possibilidades que nos parecem um mero espetáculo e de nenhuma maneira nos altera (VATICANO. FRANCISCO, 2013b, p. 53-54).

A indiferença é a negligência ou desinteresse ante o sofrimento, miséria e exclusão experimentados pelas pessoas que nossa sociedade, confina nas periferias das grandes cidades e que nós mesmos consideramos descartáveis (ou nos comportamos como se o fossem). Contudo, a imagem de si mesmo que Deus imprimiu nos seres humanos no momento da criação é bondade, bênção e vida (cf. Gn 1, 26-31^a). Somos imagem e semelhança de um Deus a quem o sofrimento, a exploração, a injustiça e a morte de seu povo não são indiferentes (cf. Ex 3, 7-10. 17).



Ser indiferente não é algo que pertença à nossa natureza humana. É algo que temos aprendido, explícita ou implicitamente, como muitas outras coisas, e se transformou em um estilo de vida para nós. Se quisermos ser e propor aos jovens uma comunidade ao estilo de Jesus com os Doze, é necessário que desaprendamos a indiferença. Além disso, a partir da perspectiva da fé, a indiferença é uma consequência do pecado em nós e na estrutura de nossa sociedade. Por isso, uma vez que nos encontramos e conhecemos Jesus Cristo, quando Deus nos pergunta: “Onde está teu irmão? Que fizeste com ele?” nós não podemos responder como Caim (cf. Gn 1, 9-10; Mc 12, 13-17).

A palavra “periferia” sempre conota com imagens sociais, políticas, econômicas e religiosas da sociedade humana em relação a um centro. A “periferia” é tal porque existe um “centro”. Toda periferia social é ao mesmo tempo existencial e vice-versa. As periferias humanas não existem no vazio. A partir do nosso olhar de fé a respeito da vida, as periferias adquirem um duplo valor ou significado: por uma parte, a periferia é o âmbito no qual Deus geralmente prefere manifestar-se, o espaço que Ele habita (cf. Sl 34 (33), 18-19), Deus se dá a conhecer nas periferias e delas sai ao nosso encontro (cf. Os 2, 16-25; Is 40, 3-5; Lc 3, 2-6; Mt 4, 12-16; 25, 31-46). Por outro lado,

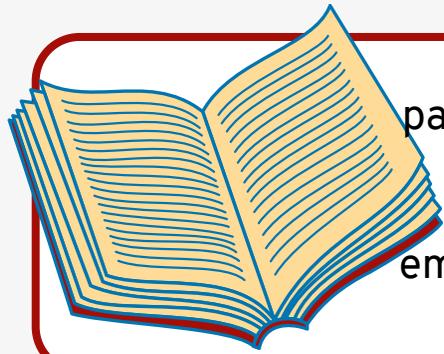
as periferias são o âmbito da missão à qual estamos sendo chamados (cf. Lc 14, 21b-23).

**LEMBRE-SE DE LER
O EXCURSO MARIANO
“A GLÓRIA DE DEUS
É REVELADA EM MARIA”
CORRESPONDENTE
A ESSA
DIMENSÃO
NO ANEXO 11.**



5.1. "UNGIDO PARA LEVAR BOAS NOVAS AOS POBRES"

UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR



Procure em sua Bíblia a passagem de Lucas 4, 16-21.

Leia o texto duas vezes e tente imaginar a cena em todos os seus detalhes...

O que você observa?

A passagem de Lucas que acabamos de ler é o programa missionário de Jesus no Terceiro Evangelho. De agora em diante, todas as obras que realiza e o que vai ensinar serão expressão do amor de Deus-Misericórdia. Convidamos a fixar a atenção para descobrir o ministério de Jesus em Lucas.

A unção do Espírito capacita Jesus para um anúncio que é boa notícia para os pobres e que se traduz em libertar os cativos e oprimidos, a devolver a vista aos cegos e proclamar um ano da graça do Senhor. (O ano santo, o jubileu, segundo Levítico 25, era um ano em que

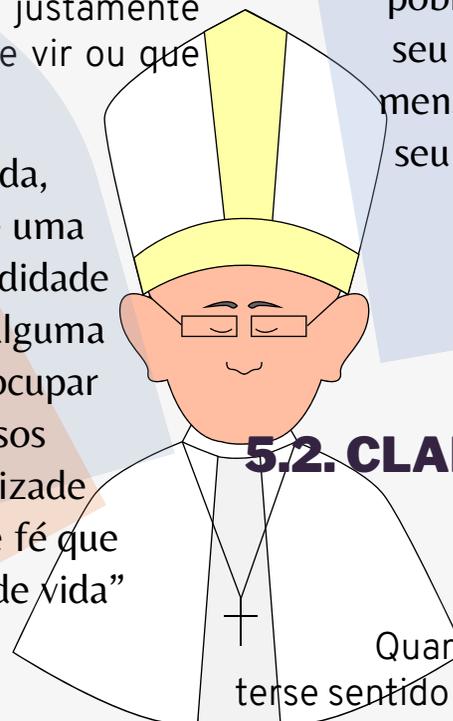
se deixava descansar a terra, se devia devolver as propriedades aos pais aos descendentes que as haviam perdido por causa de dívidas, e libertar os que haviam caído na escravidão pelos mesmos motivos, perdoando-lhes a dívida; pois é muito difícil recomeçar se muda a situação das pessoas, porém não mudam as condições que as produzem).

Quando o Papa Francisco chama a Igreja para que saia às periferias, ele está pedindo que façamos nosso itinerário vital de Jesus: Ele nasceu em um estábulo “porque não havia lugar para eles na pousada” (cf. Lc 2, 6-7) e morreu entre dois delinquentes, fora da cidade, cumprindo a profecia de Isaías de que seria considerado um bandido a mais entre os malfeitores (cf. Lc 22, 27; 23, 33; Is 53, 12). O que dissemos dos companheiros e seguidores de Jesus no número anterior, se compreende melhor quando percebemos estes dois extremos entre os quais se desenvolve sua vida terrena de pregador itinerante e despojado. O hino cristológico da carta aos Filipenses descreve sua vida como rebaixamento e kênosis (esvaziamento de si). Está é a atitude na qual encontram lugar a grandeza e senhorio com os quais Deus o exalta dando-lhe um Nome que está acima de qualquer outro nome (cf. Fl 2, 5-11). A grandeza de Deus consiste em ter-se feito um entre muitos em Jesus, seu Filho.



Partindo desta chave evangélica, desaprender a indiferença é motivar a solidariedade que nasce da compaixão ante o sofrimento de tantos irmãos e irmãs nossas; ajudá-los a que se ponham em pé e enfrentem a vida em igualdade de oportunidades. Não é fácil, porém tampouco impossível. Obviamente, a vida é melhor vivida nos âmbitos conhecidos que nas periferias, ainda que nem sempre seja cômoda. A lógica evangélica do Papa Francisco vai no sentido contrário do provérbio que afirma: “Mais vale o mal conhecido do que o bem por conhecer”. Não; já é hora de deixar o mal conhecido, justamente porque é mal e não dá lugar ao bem que pode vir ou que podemos fazer acontecer.

Diz Francisco: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e manchada por sair à rua, antes que uma Igreja doente por fechamento e pela comodidade de agarrar-se às próprias seguranças... Se alguma coisa deve nos inquietar santamente e preocupar nossa consciência, é que tantos irmãos nossos vivam sem a força, a luz e o consolo da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 49).



A saída missionária exige de nós um salto que nos tire da “zona de conforto” (o que se torna conhecido e também confortável) para percorrer as periferias sociais e estruturais percorridas por Jesus. Significa deixar-se guiar pelo seu Espírito para anunciar a Boa Notícia aos pobres, mas também para acolher deles seu Evangelho, porque Deus revela sua mensagem aos simples (cf. Lc 10, 21 em seu contexto narrativo do regresso dos 72 missionários).

5.2. CLARET UNGIDO PELO ESPÍRITO PARA A MISSÃO

Quando o Padre Claret conta sua experiência de terse sentido chamado a missionar, diz o seguinte:



“O Senhor me deu a conhecer que não só tinha que pregar aos pecadores, mas também aos simples dos campos e aldeias havia de catequizar, etc., etc., e por isso me disse aquelas palavras: Os necessitados e os pobres buscam águas e não as encontram, a língua deles se secou de sede. Eu o Senhor os ouvirei, eu o Deus de Israel não os desampararei. Eu farei sair rios nos cumes das colinas e fonte no meio dos campos, e os que no dia são áridos e desertos, serão repletos de boas e saudáveis águas. E de um modo muito particular me fez Deus Nosso Senhor compreender aquelas palavras: O Espírito do Senhor está sobre mim, o Senhor me enviou para evangelizar os pobres e a curar os de coração quebrantado (Is 61, 1)”

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 189).

Lucas interpreta a vocação de Jesus à luz da vocação profética do terceiro Isaias, e esse mesmo texto encontra em Claret uma nova atualização e perspectiva. No contexto do século XIX Claret também percebeu a si mesmo ungido pelo Espírito Santo para levar a termo a missão profética de Jesus. Nos números 199-213 de sua Autobiografia o Padre Claret dá conta das motivações que encontrava para a missão e diz que não se propunha “nenhum fim terreno, senão somete a maior glória de Deus e a salvação das almas”. Claret descarta as motivações

missionárias relacionadas com o dinheiro, o prazer e a honra, tem um objetivo mais nobre: “fazer que Deus seja conhecido, amado e servido de todos... e impedir os pecados de cometerem as ofensas a Deus...” (VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 225-227).

Claret se sente urgido pela caridade de Cristo e o desejo de fazer felizes seus próximos:

“Dar saúde ao enfermo, liberdade ao preso, consolo ao aflito e fazer feliz ao desgraçado. Pois tudo isto e muito mais se faz procurando a glória do céu para meus próximos. É preservá-los de todos os males e procurar que desfrutem de todos os bens e por toda a eternidade. Agora não o entendem os mortais, porém, quando estiverem na glória, então conhecerão o bem tão grande que se tem procurado para eles e que felizmente conseguiram. Então cantarão as eternas misericórdias do Senhor e as pessoas misericordiosas serão por eles abençoadas”

(VIÑAS; BERMEJO, 2008, p. 230).

O Senhor deu a Claret um entendimento especial das palavras de Lucas 4, 18, que o comoveram profundamente. Em que consiste esse discernimento especial fica no segredo do seu coração. Nós só podemos conhecer em parte o que provoca no Santo, porque deste texto encontra o ímpeto do Espírito, que derrama sua graça

ímpeto do Espírito, que derrama sua graça sobre apóstolos, mártires, virgens e confessores e apóstolos. Com essa força do Espírito nada o detém e assume as consequências de sua entrega sem condições à missão evangelizadora.

5.3. A MISSÃO NAS PERIFERIAS COMO ÂMBITO DA MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA PJV DA FC

Em nosso serviço pastoral com os jovens e vocações somos chamados a promover a saída missionária que faz deixar a comodidade do sofá para ir ao encontro, fraterno e comprometido, de tantos irmãos e irmãs que esperam boas notícias e uma presença que ilumine suas obscuridades. Nossa proposta pastoral de saída às periferias com os e as jovens enfrenta importantes desafios: desprender a indiferença andando no sentido da contracorrente e acompanhá-los em seu compromisso solidário com as pessoas excluídas e a favor da vida, ao mesmo tempo favorecer um discernimento pessoal e comunitário da presença de Deus e seu chamado nas periferias que visitamos.

Talvez seja o momento de perguntar-nos quais as periferias sociais e humano-existenciais de nosso tempo

que precisamos frequentar para ser uma PJV da FC “em saída”. Onde se encontram e com quem habitam? Que nos revela Deus a respeito de si mesmo quando saímos ao encontro dos e das jovens na periferia? Que revela a eles quando saem conosco? Como Deus fala ao nosso coração em nossa missão de periferia com os jovens? Que aconteceu ou acontece conosco quando entramos em contato com as pessoas que habitam nas periferias?

OS MIGRANTES E REFUGIADOS

A realidade lacerante das pessoas migrantes e refugiados é um fenômeno evidente de nossos dias. De uma ou outra maneira são uma presença familiar e, às vezes, incômoda, que preferimos ignorar ou relegar às margens de nossa consciência com bons argumentos. Argumentos que as deixam expostas à discriminação, à rejeição, aos maus-tratos e inclusive à morte. Contudo, também é preciso reconhecer que muitas pessoas e organizações, entre as quais se encontram numerosos jovens, têm nestes âmbitos uma presença proativa que se traduz em solidariedade que acolhe e programa um itinerário de inclusão social e laboral. Na exortação apostólica pós-sinodal, o Papa Francisco apresenta os “migrantes como paradigma de nosso tempo” (cf. FRANCISCO, *Christus Vivit*, n. 91-94).

AS MINORIAS ÉTNICAS

Estreitamente relacionado com a situação das pessoas



migrantes está a das minorias étnicas; em muitos casos se encontram expostas à manipulação política e à opressão sistemática. Não é forçado lembrar a minoria Rohingya de Miamar, refugiados na vizinha Bangladesh. Inclusive cada um de nós pode contar experiências de sofrimento que suportam as minorias étnicas em diversas partes do mundo de onde vieram. Seu equivalente bíblico, na época do Novo Testamento, poderiam ser os samaritanos ou os sírio-fenícios tocados por Jesus em sua experiência de itinerância para além das fronteiras: “eles também são filhos de Deus” (cf. Lc 19, 9; Gl 4, 1-7). Os diversos tipos de violência sofrida por jovens destas minorias étnicas constituem alguns dos emergentes da crise que atravessa nosso mundo e afeta as novas gerações (cf. FRANCISCO, *Christus Vivit*, n. 72).

PESSOAS SEM CASA E MARGINALIZADOS

As pessoas sem casa e habitantes de bairros periféricos também pertencem às periferias existenciais de nosso tempo. São lugares em que a maioria de nós prefere evitar pelo risco de chegar próxima às pessoas que habitam em tais condições. Esses guetos e ruelas, com frequência, são temidos por causa da prostituição, das drogas e por ser esconderijo de delinquentes. É compreensível que tenhamos precaução, porém que não seja o medo que nos paralise, pois com frequência essa preocupação se converte gradualmente em um retrocesso

que nos paralisa por completo.

Se Jesus é nosso modelo, então já não podemos ficar ausentes das vidas destes irmãos e irmãs. Uma PJV da FC deve ser esperta em ter pontes de solidariedade efetiva com as pessoas que são marginalizadas. A amizade com elas é a prova mais cabal de nosso compromisso missionário.

As periferias sociais e humano-existenciais continuam sendo para nós hoje o lugar privilegiado para o encontro com Deus. Ele nos revela sua vontade de salvação e desperta interrogantes à nossa vontade de discípulos a partir das margens da sociedade. Desaprender a indiferença se consegue percorrendo em comunidade o itinerário de Jesus junto com os pobres e marginalizados de todos os tempos. Como nas primeiras épocas do cristianismo, a preocupação pelos pobres e marginalizados continua sendo a prova de fogo para nosso discipulado (VATICANO. FRANCISCO, 2018B).

“Para onde Jesus nos manda? Não há fronteiras, não há limites: envia-nos a todas as pessoas. O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que parecem a nossos olhos mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. Não tendes medo de ir e levar Cristo a todos os ambientes, até



às periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente. O Senhor procura a todos, quer que todos sintam o calor da sua misericórdia e do seu amor».[94]E convida-nos a levar, sem medo, o anúncio missionário aos locais onde nos encontrarmos e às pessoas com quem convivemos: no bairro, no estudo, no desporto, nas saídas com os amigos, no voluntariado ou no emprego, é sempre bom e oportuno partilhar a alegria do Evangelho. É assim que o Senhor se vai aproximando de todos; e pensou em vós, jovens, como seus instrumentos para irradiar luz e esperança, porque quer contar com a vossa coragem, frescor e entusiasmo” (FRANCISCO, Christus Vivit, 177).



6. BUSCAR A PAZ... TRABALHAR PELA JUSTIÇA... E TRANSFORMAR O HUMANO A PARTIR DA FÉ

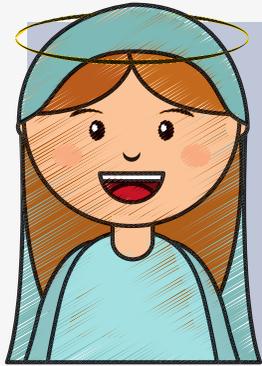
A DIMENSÃO POLÍTICA DE NOSSA PASTORAL

A preocupação pela inclusão dos pobres, o diálogo social e a paz são objeto de um extenso desenvolvimento na exortação Evangelii Gaudium (cf. Idem, 186-258): “A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum... Temos de nos convencer que a caridade «é o princípio não só das micro-relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macro-relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos». Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos, que tenham verdadeiramente como empenho servir a sociedade, o povo, a vida dos pobres, assinala o Papa no número 205 da EG. A fé autêntica não é nem cômoda nem individualista e supõe sempre um desejo profundo de mudar o mundo, transmitir valores e deixá-lo um pouco melhor para as próximas gerações...” (VATICANO. FRANCISCO, 2018b).

A dinâmica da encarnação, essencial no nosso



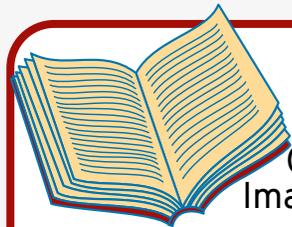
seguimento de Jesus, nos faz assumir também o compromisso sociopolítico da fé (cf. Jo 1,14). A política é o âmbito no qual se pode trabalhar pelo bem comum, e a história, com seus avatares e contradições, o cenário no qual Deus compartilhou nossa debilidade e levou a termo seu projeto de salvação-libertação.



**Convidamos você a ler
no apêndice 12
o excursus mariano:
"Maria, vitoriosa
na luta contra o mal"**

6.1. O PROGRAMA DE PAZ DAS BEM-AVENTURANÇAS

UMA IMAGEM BÍBLICA PARA
CONTEMPLAR E NOS REFLETIR



Procure em sua Bíblia a passagem
de Mateus 5, 1-16
Leia o texto duas vezes...
Ouça atentamente as palavras de Jesus...
Imagine a cena em todos os seus detalhes...
O que você observa?

Nos relatos bíblicos confluem ao menos duas temporalidades: a dos fatos narrados e a de quem os narra ou os escuta. Nesta passagem, o discurso que Jesus dirige a seus discípulos encontra uma nova formulação e sentido na comunidade à qual Mateus escreve seu Evangelho, quase 50 anos depois dos acontecimentos. Mais ainda, quando nós lemos o texto “no mesmo Espírito com que foi escrito”, sua eficácia de salvação se atualiza no tempo presente (cf. CONCILIO VATICANO II, Dei Verbum, 12, 3). Também nós, como os discípulos de Jesus e a comunidade de Mateus, somos “sal da terra e luz do mundo”.

As bem-aventuranças de Mateus são “um programa de vida e de pacificação cristã, sete degraus de uma grande Escala de Paz, a Via Pacis do Evangelho” (PIKAZA, 2011).

A reflexão aqui proposta é um resumo do artigo de Xavier Pikaza. As bem-aventuranças de Mateus inspiram nosso compromisso a favor da justiça, da paz e da integridade da criação. Vejamos por que:

1. Os “pobres em espírito” são os que escolhem a pobreza como expressão de solidariedade e serviço ao estilo de Jesus-Servo-de-Javé. É uma sorte querida e abraçada, como a cruz solidária de Jesus que escolheu estar do lado dos vencidos.



2. “Os que sofrem” são os que “sabem” sofrer, aqueles que aceitam a dor, e a compartilham com outros e a convertem em fonte de sabedoria e vida fecunda.

3. Contra toda forma de violência que o poder dominador exerceu e exerce na história humana, Mateus acrescenta que “os mansos, os não violentos, os cansados e abatidos que se aproximam de Jesus e carregam seu jugo para aprender dele, herdarão a terra” (cf. Mt 11, 28-29). (A terra é um dom que se recebe por herança e nós a recebemos de nossos antepassados e a oferecemos às gerações futuras. Não é nem pode ser um território de conquista).

4. “Os que tem fome e sede de justiça” são as pessoas que descobriram a presença de Deus nos necessitados e se empenham em colocar-se a serviço, cumprindo desse modo a vontade de Deus.

5. “Os misericordiosos” são os que têm os mesmos sentimentos do Deus de Israel, os sentimentos de Jesus e sua religião (cf. Ex 34, 6-7; Mt 9, 27; 25, 22; 20, 30-31; 9, 13; 12, 17; Os 6, 6). Compartilhar de coração a sorte dos pobres, ajudar os necessitados e semear a paz buscando a felicidade dos demais é a mensagem mais profunda de Jesus e de sua felicidade messiânica.

6. “A pureza de coração” é uma forma de pureza solidária que se abre às pessoas necessitadas e a partir

delas aos demais. Quem tem o coração limpo é capaz de ver a Deus e vê os demais como seres humanos, com os olhos de Deus.

7. “Os construtores da paz” são as pessoas que trabalham pela paz fazendo o bem (havia muitas possibilidades na época de Jesus, na de Mateus e também no tempo presente).

As bem-aventuranças mostram que a paz não é fruto do poder que domina e submete. A verdadeira paz vem de baixo, do perdão dos mais pobres, através daqueles que vão suscitando comunidades de pessoas que se amam e se abrem em misericórdia ativa para todo o mundo. São os pobres que renunciam com um gesto de paz à violência do ambiente (PIKAZA, 2011).

O programa das bem-aventuranças, como proposta de transformação, é um caminho válido para os e as jovens de nossas comunidades. A fé não pode ser uma proposta ingênua, não queremos propor aos jovens comunidades intimistas ou autorreferenciais, queremos propor-lhes experiências de fé encarnada que os façam experimentar o mais genuíno do anúncio de Jesus: “O Reino de Deus está chegando. Convertam-se e creiam na Boa Notícia” (Mc 1, 15).



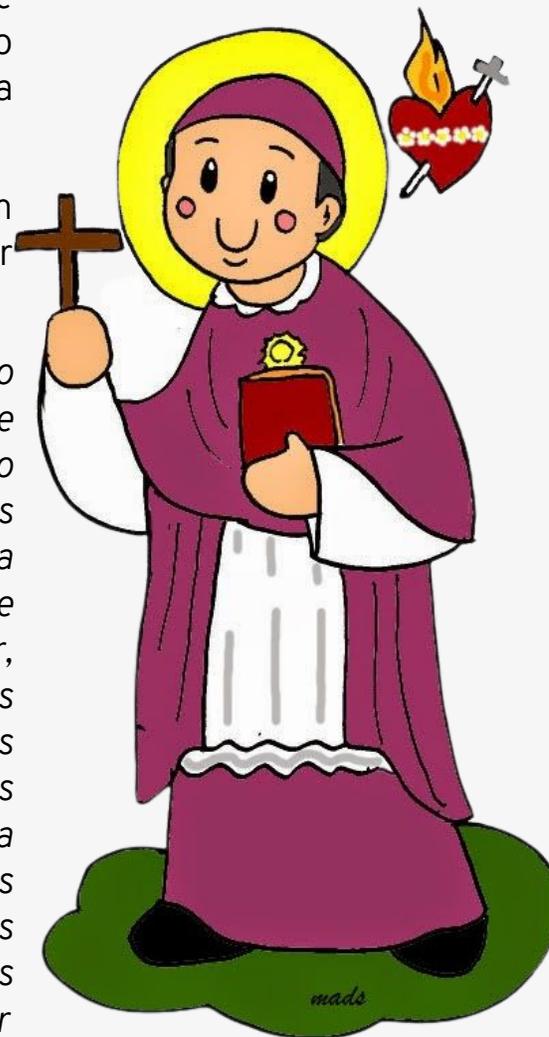
6.2. CLARET NÃO SE METIA EM POLÍTICA

E, MESMO ASSIM, MORREU NO DESTERRO

No número 458 de sua Autobiografia, Claret escreve: “Os governantes sabiam que eu jamais me meti em coisas políticas” e, mais adiante, dedica os números 625-641, do Capítulo 12 da mesma obra, ao tema: “Disponibilidade missionária e indiferença diante da política” (VIÑAS, BERMEJO, 2008, p. 329-330; 414-423).

O capítulo XX do livro “Uma vida a serviço do Evangelho” (LOZANO, 1985) tem como título “Nas malhas da política”. Na sequência, transcrevemos o que narra o autor sobre o Padre Claret, ao ser nomeado confessor da rainha Isabel II:

(O Padre Claret) “havia caído por força ali onde menos queria estar: muito próximo do epicentro dos movimentos políticos que agitavam a Espanha pelos anos sessenta, que constituíram, sem dúvida, um dos períodos mais movimentados da política espanhola do século XIX. O que vimos, ao longo de sua vida, evitando cuidadosamente de cair nas armadilhas insidiosas de um integrismo conservador, que unia o trono e o altar, via a salvação da Igreja como se dizia então da religião na restauração do antigo regime absolutista. Claret na Catalunha se havia negado a utilizar o influxo nas massas para atizar, como faziam outros pregadores, de forma mais ou menos velada, contra os governos constitucionais. E isso que estes, por um ou por outro motivo, eram pouco amigos de batinas e hábitos. Podem ser percorridas centenas de páginas de esquemas de sermões deixados por este apóstolo sem que se encontre a menos mancha dessa visão apocalíptica da sociedade, dominada por Satanás, visão presente nas obras de outros eclesiásticos. E menos ainda alusões a medidas tomadas pelos governantes. Nem carlistas nem isabelinos pareciam existir para ele. Aceitou o regime constituído e por ele foi incluído na lista dos bispos sagrados nos anos de 1849 e 1850. Em Cuba se absteve igualmente de se pronunciar



em público e em privado, exceto em comunicações com seus íntimos, sobre os movimentos sucessionistas que agitavam por aquele então, a rica e bela ilha. É bom lembrar, mesmo que rapidamente, como foi mantida esta atitude de neutralidade, tanto na Catalunha como em Cuba. Sem pretender, Claret e, sem que ele se desse conta disso, sua atitude de neutralidade tinha um peso evidente, porque subtraía o influxo da Igreja sobre as consciências a respeito da luta entre os partidários dos vários projetos de sociedade. Não resta dúvida de que os partidários do sistema constitucional (democracia em fraldas) teriam tido um caminho mais fácil, se tantos eclesiásticos não tivessem manifestado fortes nostalgias pelo passado. Os próprios cubanos, que se esforçavam por dar um término ao domínio espanhol sobre Cuba, não puderam nunca afirmar que o Arcebispo de Santiago usasse o púlpito, o confessionário ou as cartas pastorais contra eles. Isto independentemente de que o Padre Claret estivesse em desacordo com os projetos de anexação aos Estados Unidos, que não poucos deles propunham.

Iria o confessor da Rainha evitar tão claramente ser atraído ou levado pelos maremotos da política? Infelizmente, não, porque a situação era diferente. Para entender isto (cremos que não foi bem compreendido pelos biógrafos do Santo) é preciso lembrar vários fatos que caracterizavam a situação de então e condicionaram sua posição.

Antes de tudo, a vontade e as opiniões de Isabel II exerciam um papel decisivo na política de governo da nação, dentro dos limites impostos pela existência de determinados partidos com certos homens. Precisamente porque as ideias e vontade da Rainha contavam tanto, os políticos tinham sérios receios de quem pudesse ter influência sobre a rainha. É preciso ter em conta que o cargo de confessor real era cargo público na Corte, com função reconhecida no protocolo oficial e a remuneração a cargo do erário público. Os políticos conheciam a grande confiança que a Rainha depositava em Claret e havia razões para temer que o eclesiástico poderia se opor a seus projetos, por isso o consideravam necessariamente

como adversário.

Porém, o mais importante de tudo é o sistema de confessionalidade que reinava então na Espanha sobretudo o controle que o governo real exercia sobre a Igreja, sistema que aborrecia profundamente a Claret, por limitar grandemente a liberdade da Igreja. À Rainha e pelo próprio sistema de graça e justiça correspondia nomear os bispos (o Papa se limitava a confirmá-los posteriormente) e a boa parte dos que haviam de ocupar outros cargos eclesiásticos menores. As nomeações apareciam na Gazeta de Madri, como os de qualquer cargo estatal. Por outro lado, o governo não permitia que se introduzissem no reino bulas e até encíclicas sem a chancela régia. Estado e Igreja apareciam, pois, intimamente entrelaçados

vindo a ser a segunda como que um departamento do primeiro. Os próprios políticos liberais, que tinham um conceito mais moderno do Estado, haviam cuidado muito em renunciar a este controle do governo sobre a Igreja que lhes proporcionava tantas vantagens.

Foi opinião bastante divulgada entre não poucos políticos liberais, que Antônio Maria Claret havia acabado por ter influência decisiva nas decisões da Rainha. A imprensa progressista havia contribuído para que esta opinião chegasse ao povo e à voz das ruas, tendo sido considerado como uma das figuras eminentes da camarilha da Rainha, junto a Sor Patrocínio. Uma e outro eram traídos e levados pela imprensa progressista e as reuniões políticas, atribuindo aos mesmos a oposição que encontravam para realizar seus projetos” (LOZANO, 1985, p. 465-468).

O mesmo autor, em outra obra intitulada “Um místico da ação. Santo Antônio Maria Claret”, estuda o desenvolvimento da experiência e suas doutrinas espirituais. A conclusão do estudo leva como subtítulo “Crucificado com Cristo” e desenvolve a espiritualidade martirial do Padre Claret. Lozano constata até o final da vida de Claret a característica própria dos mártires, para quem o sofrimento é o cume de sua vida mística.

Constata-se em Claret “a transformação mística em Cristo exercida pelo sofrimento ao longo de sua vida: em 1856 a dor o havia consagrado a Cristo. A partir de 1864 sobretudo, o santo para animar-se se havia entregue à uma contemplação amorosa do Homem das dores. A partir de 1867 e sobretudo do desterro de 1868, essa consciência da transformação em Cristo pela dor se acentua cada vez mais... De algum modo, o fenômeno se dá em todos os santos. O ritmo da vida espiritual acaba, de um modo ou de outro, no Calvário. Se em nosso Santo adquire uma importância particular deve-se à vocação apostólica, porém também a uma vocação particularíssima ao sofrimento. Por uma carta à Madre Paris, de

1869, sabemos que se havia oferecido a Deus como vítima: Eu me ofereci por vítima e o Senhor se dignou aceitar minha oferta, pois sobre mim vieram toda espécie de calúnias, infâmias, perseguições, etc. Toda a vida havia desejado morrer mártir. A ferida de Holguín lhe parecia apenas uma antecipação. Não morreria mártir, apesar de tê-lo desejado tão ardentemente. Porém, morrerá abandonado, escondido em uma enfermaria de um mosteiro. E nisso viu o santo realizados os desejos de toda sua vida” (LOZANO, 1983, p. 415-418).

Sobre o sepulcro de Claret, na solidão do exílio de Fontfroide, está escrito: “Amei a justiça e odiei a iniquidade, por isso morro no exílio”.



6.3. ARTICULAÇÃO DO COMPROMISSO POLÍTICO COM A FÉ CRISTÃ

NA PASTORAL COM JOVENS

Como articular nossa fé com ações concretas a favor da vida, da paz, da justiça, dos direitos humanos e dos povos ou da integridade da criação? Na sequência, apresentamos alguns pontos que podem ajudar-nos a refletir a propósito do compromisso político-social e a dimensão da justiça, da paz e da integridade da criação em nossa proposta pastoral.

CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA E PENSAMENTO JUVENIL

Muitos jovens em nossos contextos se sentem convocados a participar politicamente, não como uma mera questão profissional ou de moda, mas como militantes que confrontam a ideologia dominante e conservadora de nossos povos e seus interesses econômicos. Percebem que para mudar a realidade precisam envolver-se em processos de criação, transformação ou renovação das políticas públicas, privadas e pessoais. Podemos vê-los agir ante a emergência de determinadas situações. Os jovens se mobilizam e organizam, propõem ações solidárias, criam projetos e campanhas em nível local, regional, nacional e internacional. Em pouco tempo seus relatórios e denúncias dão volta ao mundo. Muitas vezes não se trata de ações partidárias, mas humanitárias e de grande compromisso com a fé cristã. Há alguns entre eles que assumem um papel transformador de suas realidades e sofrem como consequência certo tipo de discriminação ou experimentam diferentes formas de violência nas quais em alguns casos chegam inclusive à perseguição, tortura, exílio e/ou à morte. Você pode identificar algumas dessas situações atroztes ou jovens politicamente comprometidos na realidade em que você vive?

Por outra parte, junto deles e simultaneamente, encontramos jovens politicamente alienados, inclusive no contexto de nossas comunidades. Estes não querem saber de política e a julgam com desinteresse, desconhecimento ou puro sentido comum, tomam como próprias as opiniões de outras pessoas ou repetem acriticamente o que captam dos meios de comunicação social a serviço do status quo. Para eles a política é algo sujo e como algo que não está ao alcance de todos. Acordam somente no momento das eleições, da distribuição de cargos ou para referirem-se a assuntos de governo, não se dão conta de que esta atitude também é fruto de um comportamento político.



TRANSFORMAÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS E JUVENTUDES

O conhecimento é o primeiro passo para a transformação cultural e a condição para um novo olhar da evangelização que integre o humano e o político com o cristão. A Igreja do século XXI tem diante de si o grande desafio de integrar a dimensão política e social da fé com a do desenvolvimento pessoal dos e das jovens. Nunca como hoje houve tantos jovens envolvidos em movimentos sociais, ONGs e repartições que cuidam e valorizam o melhor do humano e oferecem às pessoas oportunidades de desenvolvimento integral na perspectiva de uma sociedade mais justa e fraterna. Porém também é certo que hoje encontramos jovens que só buscam a autorrealização e pretendem viver a dimensão transcendental da própria vida e o âmbito sagrado de modo individualista, centrados em si mesmos.

Assim como tempos atrás se exaltava a importância da razão, hoje são supervalorizados os sentimentos e as emoções com suas consequências de esvaziamento intelectual, de falta de compromisso transformador e consciência crítica. Ao absolutizar o subjetivo, os jovens se tornam superficiais, inconstantes ou ficam expostos a qualquer tipo de fundamentalismo, dos quais encontramos algumas expressões nas grandes religiões (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, p. 15). Por isso, a experiência de fé que propomos a PJV da FC tem que integrar, desde o primeiro momento, a dimensão pessoal e sua transcendência no comunitário (cf. Mt 25, 35-45).

No contexto global atual, muitas dificuldades sentidas pelos jovens encontram novas respostas neles através de expressões culturais próprias no campo eclesial, político e social. A desigualdade de ganhos, o acesso restrito à educação de qualidade, o desemprego, a inserção no mercado de trabalho, a dependência das drogas, a

banalização da sexualidade, os embaraços durante a adolescência, a AIDS, a violência nos diferentes âmbitos do campo e da cidade, especialmente a violência policial, a migração, as mortes por causas externas (homicídio, acidentes de trânsito e suicídios), o acesso limitado às atividades desportivas, recreativas e finalmente a exclusão digital, entre outros, são algumas das problemáticas próprias que devemos ter presente em nosso trabalho com eles. A realização concreta de muitas destas tarefas políticas fundamentais se realiza através de grupos de cidadãos que se propõem conseguir e exercer o poder político para resolver as questões econômicas, políticas e sociais, segundo seus próprios critérios e ideologias. Falamos



de “política partidária”, as motivações para a ação de governo e a busca do bem comum dos povos.

Com tudo isso, as ideologias político-partidárias, ainda que algumas delas se inspirem na doutrina cristã, chegam a conclusões diferentes. Nenhum partido pode atribuir-se a representação de todos os fiéis, pois seu programa concreto nunca poderá ter um valor absoluto para todos (CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO, 2018). Conscientizar a respeito da importância fundamental da participação político-cidadã dos jovens através dos partidos políticos, com suas possibilidades e limites, é parte de nossa tarefa.

ARTICULAÇÃO DA FÉ CRISTÃ COM O COMPROMISSO POLÍTICO

A ação política se realiza a partir de valores e interesses enfrentados por uma determinada necessidade ou realidade que é preciso conhecer e transformar. Para compreender a realidade e interpretá-la de modo eficaz, concreto e real são indispensáveis dados das ciências humanas e sociais. O método do “Ver-Julgar-Agir” proposto pela Igreja ou o da “Indagação Apreciativa” da realidade, podem ajudar-nos a conhecer e transformar realidades eclesiais e sociais necessitadas de uma mudança evangélica.

Os valores que orientam nossa prática de fé cristã são os do Evangelho de Jesus e a doutrina social da Igreja. Da prática de Jesus surge o imperativo ético da conversão pessoal cujo eixo é o amor a Deus e aos irmãos, a condenação de toda forma de opressão e o compromisso para transformar a sociedade. É importante que tenhamos presente que a dimensão política, constitutiva de toda pessoa humana, representa um aspecto relevante da convivência entre os indivíduos e sua dimensão englobante é buscada através do bem comum da sociedade.

EM RESUMO:

Nossa fé não despreza a atividade política, antes ao contrário, valoriza-a e a tem em grande estima. É um dever e um direito de a comunidade eclesial estar presente neste campo da realidade levando a luz do Evangelho de Jesus e somando esforços que procurem o bem comum. Ignorá-lo ou deixá-lo de lado em nossa proposta pastoral às gerações jovens seria uma falta grave.

Quem argumenta que Cristo não teve participação política e, portanto, não é necessário tal compromisso para seguir seus passos, se esquecem ou desconhecem a dimensão integral da fé ou a doutrina social da Igreja. Não dimensionam o impacto político do compromisso de Jesus para com as pessoas e a sociedade



de sua época. O Papa Francisco, dirigindo-se aos jovens dos colégios jesuítas, disse que “{...} envolver-se na política é uma obrigação para um cristão. Nós não podemos fazer como Pilatos, lavar as mãos: não podemos (ES. CATHOLIC, 2018). A busca do bem comum e a inclusão dos excluídos é parte da política social integral de nossa fé e é parte da doutrina social da Igreja. Isto significa envolvimento em ações a favor da vida do planeta e de quem o habita. Nós queremos propô-lo deste modo aos jovens e nossas comunidades.

Propor aos jovens o caminho das bem-aventuranças é convidá-los a assumir um itinerário de fé pelo qual sejam reconhecidos como filhos e filhas de Deus com todas as suas consequências, as mesmas que assumiram Jesus e os profetas. Se compartilhamos a situação dos que sofrem, se nos colocamos em seus sapatos, isto é, se nos metemos efetivamente em sua situação, é possível caminhar para a paz.



7. “EM DIÁLOGO PROFÉTICO”

A PRIMEIRA CHAVE DE NOSSA AÇÃO PASTORAL

Nosso serviço evangelizador aos jovens e com eles, não nos cansamos nunca de afirmar, implica saber estar entre eles, acompanhá-los e ajudá-los em suas buscas. Um referencial (responsável) da pastoral claretiana de jovens e vocações é chamado a ser uma pessoa disponível para escutá-los, ter o coração aberto à linguagem e novas perspectivas de vida das novas gerações, porém também a oferecer uma palavra oportuna que ilumine e ajude o

discernimento que cada jovem deve fazer. A chave deste acompanhamento é o “diálogo profético”. Porém, que significa “diálogo profético”? Antes de responder a esta pergunta, convém que esclareçamos os conceitos.

Diálogo é uma forma de comunicação ou conversação entre várias pessoas ou grupos de pessoas diferentes ao debate ou ao discurso. Envolve a razão, a precisão, o



discernimento e a sabedoria, assim como uma interpretação de argumento convergentes e convincentes, sobre um determinado sujeito, à medida que se desenvolve entre os interlocutores. Para nós, o diálogo é o modo pelo qual queremos levar avante a evangelização, por isso falamos de “missão em diálogo” ou do “diálogo como forma de missão”.

Profeta é a pessoa que, vivendo no meio do seu povo, é chamada por Deus para comunicar sua Palavra ao povo (cf. Is, 6, 1-13; Jer 1, 4-10). Dom Enrique Angelelli, bispo mártir de La Rioja, Argentina, sintetizou o que entendemos por profetismo dizendo: “Viver como um ouvido no povo e o outro no Evangelho”. O profeta vive a encruzilhada de sua vocação entre o povo ao qual pertence e a Palavra de Deus que o seduz e à qual não pode resistir. Reconhece a presença de Deus nas realidades históricas e sinais que escapam aos olhos da maioria. Só fala ou escreve o que Deus quer comunicar para o bem dos demais (cf. Am 5, 1-15; Jer 29). O profetismo é essencial à missão porque nos permite acolher o que vem de Deus, resgatá-lo do que está presente na sociedade e comunicá-lo aos demais como projeto de vida e salvação (BOCOS, 2006, p. 235).

Quando falamos que o “diálogo profético” é uma chave da PJV da FC, indicamos que nossa pastoral deve acolher dos jovens tudo aquilo que vem de Deus,

ajudando-os a descobrir, em sua própria vida e na história, os sinais de sua presença e iniciá-los na escuta do chamado que Deus lhes dirige. O “diálogo profético” é uma arte de comunicação espiritual. Seus elementos chaves são: Claridade-Doçura-e-Confiança.

A CLARIDADE SE MANIFESTA NA LINGUAGEM COMPREENSÍVEL E PRÓXIMA, ESSENCIAL PARA QUE POSSAMOS ENTENDER ÀS DEMAIS PESSOAS, FAZER QUE ELES NOS ENTENDAM E PENSEMOS JUNTOS. APRENDER AS LINGUAGENS DOS JOVENS É IMPRESCINDÍVEL PARA A COMUNICAÇÃO CLARA COM ELES.

A DOÇURA SE MANIFESTA NA CONVICÇÃO EM ESTABELECEER UM DIÁLOGO QUE BUSQUE SOMENTE AQUILO QUE DEUS QUER E NA CAPACIDADE DO INTERLOCUTOR PARA CONSEGUIR TAL INTENTO.

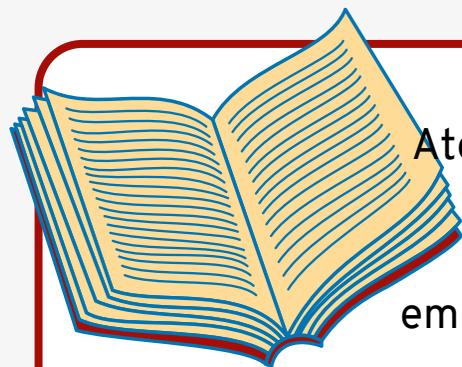
A CONFIANÇA É CONFIDENTE, CRIA AMIZADE E VINCULA OS SERES HUMANOS EM UMA ADESÃO MÚTUA A UM BEM QUE EXCLUI QUALQUER FIM EGOÍSTA (VATICANO. PABLO VI, 1964).





**LEMBRE-SE DE LER
O EXCURSO MARIANO CORRESPONDENTE
A ESTA CHAVE "MARIA, UNGIDA PELO
ESPÍRITO DE PROFECIA E SABEDORIA"
NO APÊNDICE 13**

7.1. "VER COM OLHOS NOVOS": A EXPERIÊNCIA DE PAULO EM DAMASCO UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR



Procure em sua Bíblia os
Atos dos Apóstolos 9, 1 - 22

Leia o texto duas vezes
e tente imaginar a cena
em todos os seus detalhes...
O que você observa?

Saulo de Tarso era um hebreu formado por Gamaliel, um rabino de Jerusalém. Distinguiu-se entre seus contemporâneos por seu entusiasmo e pela fúria com que perseguiu os discípulos de Jesus (Hb 8, 1-3; Gl 1, 13-14). Em seu afã de acabar com eles, dirige-se a Damasco, porém Jesus ressuscitado, inesperadamente, aparece a ele no caminho (cf. Atos 9, 1-19; 22, 5-16; 26, 10-18; Gl 1, 13-17). A experiência vivida foi tão determinante que dividiu a vida de Paulo em um antes e depois (BORG; CROSSAN, 2009). Há experiências transformadoras, vivências que supõem um santo qualitativo, pelo qual já nada mais passa a ser igual em nossas vidas. Se você fizer a análise de sua história... Quais experiências marcaram um antes e um depois em sua vida?

Depois disto, Paulo precisou de alguém que o ajudasse a discernir a experiência vivida. Por isso, o encontro com Cristo se prolonga em outros encontros: os que se mantêm com Ananias e com a comunidade cristã de Damasco (cf. Atos 9, 10-19). No começo, Ananias resiste a acompanhar Paulo, porém Jesus Ressuscitado insiste para que vá a seu encontro e seja para ele um guia e, ao que parece, por longo tempo (cf. Atos 9, 13-14). Ananias o introduz na comunidade cristã e aí Paulo inicia sua vocação de apóstolo, ao modo de Isaías e Jeremias (cf. Gl 1, 15; Is 49, 1; Jer 1, 5). Já não aconteceu com você ao





vencer algumas resistências iniciais, no ministério de acompanhar os jovens considerados de antemão como “especiais”, se transforme em uma experiência incrivelmente enriquecedora e significativa?

Entre o Paulo perseguidor dos cristãos e o Paulo apóstolo dos pagãos, há um processo prolongado de discernimento. É a condição essencial para empreender o seguimento de Jesus, algo assim como o exercício responsável de acompanhar ao crescimento na liberdade dos filhos. Trata-se de crescer em uma relação amorosa com Deus Pai (cf. Fl 1,9; CJ. CRISTIANISMO E JUSTIÇA, 2004, P. 6).

Você lembra quem foi que o ajudou e o acompanhou nos

Você lembra quem foi que o ajudou e o acompanhou nos seus discernimentos de vida? Que atitudes dessas pessoas para com você foram as que mais motivaram? Que você pode resgatar delas para suas experiências de acompanhamento com os jovens?



PARA VER E OUVIR O TESTEMUNHO VOCACIONAL DE JIM CAVIEZEL, O ATOR DE "A PAIXÃO DE CRISTO" PARA OS JOVENS CLIQUE AQUI

7.2. "DISCERNIR NO DESCONCERTO" AS ENCRUZILHADAS DE SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET

No Módulo 2 apresentamos um vídeo de Josep Rovira CMF a respeito da experiência de discernimento de



Claret quando jovem estudante em Barcelona. Porém, o discernimento em Claret não termina com a primeira tomada de decisão sobre sua vocação ao ministério presbiteral. A decisão se prolonga ao longo de toda sua vida. Oxalá cultivemos também nós esta atitude de busca permanente da vontade de Deus nas encruzilhadas de nossas vidas. Para aprofundar nisso, propomos um resumo da apresentação de Jesús Bermejo CMF no livro “Discernir no desconcerto. Uma experiência de Claret (1807-1870)”, de Guilherme Rendle SJ.

“Claret é, sem dúvida, uma figura chave da Espanha do século XIX, distante no tempo, porém ao mesmo tempo próximo em muitos aspectos, dramática e apaixonante. Obcecado pela evangelização, ao longo de sua vida Claret se encontrou com frequência em situações limites, nas quais experimentou conflitos, cruces e abatimentos. Viveu na própria carne o drama do homem moderno.

Ungido pelo Espírito para anunciar a Boa Nova aos pobres, seguiu muito de perto as pegadas de Jesus e o conseguiu tudo em função dessa vocação essencial, entregando-se sem reservas a uma atividade vertiginosa. Em determinadas ocasiões o poder do Maligno se fez presente e o acosou querendo desviá-lo da identidade missionária com que o próprio Deus o havia agraciado. Viu-se na necessidade de buscar luz divina no discernimento,

guiado pela Palavra e confrontado pela razão. Seu sonho era encontrar em cada circunstância concreta a vontade do Pai sobre ele, para que a graça de Deus não fosse vã em seu servo.

Em inúmeras ocasiões teve que discernir e decidir, desde a primeira infância até os últimos dias, na linha de uma existência agitada e fecunda. Ele o fez, em particular, para esclarecer sua vocação de missionário apostólico, na hora de fundar a Congregação dos Filhos do Coração de Maria, para aceitar o arcebispado de Santiago de Cuba e o cargo de confessor da rainha nos meses sucessivos ao reconhecimento do reino da Itália. E em todo momento seu único e mais ardente desejo era encontrar, dia após dia, os caminhos do Senhor, para percorrê-los fielmente.

Em tempos difíceis, de verdadeira vertigem política e social, encontrou-se às vezes meio perdido entre névoas e temporais, sentindo falta de uma bússola e da estrela polar, vivendo e sofrendo muito por causa das conturbações e inquietações que tão profundamente afetam o homem de hoje. O título deste livro, “Discernir no desconcerto”, nos situa nessa perspectiva que confere a esta obra uma atualidade extraordinária, convertendo-a em lição de vida e estímulo à santidade e apostolado para qualquer cristão comprometido e, de um modo especial, para quem sente a urgência e o coração a arder por causa do Evangelho: seu

radicalismo e sua exaltação, seu anúncio e sua cruz. O autor segue passo a passo o itinerário espiritual do nosso santo, explorando as principais dimensões de sua personalidade e dos múltiplos avatares de seu caminhar pela terra. E com grande acerto e em poucas palavras compendia a atitude constante de Santo Antônio Maria Claret ao longo de sua vida: “Antônio fiel. Antônio dócil ao Espírito” (RANDLE, 1993, p. 11-13).

Nós somos herdeiros e herdeiras do estilo de vida e ministério profético de S. Antônio Maria Claret. Por isso, o “diálogo profético” com os jovens é essencial em nosso serviço missionário para com as novas gerações. Porém, como se traduz este ministério na situação concreta em que se encontram os e as jovens ou quando nos encontramos com eles?

7.3. COMPANHEIRAS E COMPANHEIROS

NO CAMINHO DOS E DAS JOVENS

Ser companheiros de caminho dos jovens significa acompanhá-los em seus discernimentos e na vida, é estar próximos nos momentos significativos ou de debilidade e dificuldades, de êxitos e de alegrias, e apoiá-los especialmente na liberdade que vão conquistando e que fazem em suas escolhas.

Participar do olhar de Jesus sobre a vida nos permite discernir o “para quem sou eu?” de minha vida, e como servir mais e melhor, que fazer com minha liberdade e com jogar-me na vida (VATICANO. FRANCISCO, 2018^a; Christus Vivit, n. 286). “O chamado do Amigo”, a vocação que Jesus nos propõe, “é um presente exigente”. “Os presentes de Deus são interativos e para aproveitá-los é preciso investir muito, é preciso arriscar. Porém, não será a exigência de um beber imposto por outro de fora, mas algo que vai estimular a crescer e a optar para que esse presente amadureça e se converta em dom para os demais” (FRANCISCO, Christus Vivit, n. 289).

Tomar decisões e dirigir as ações em situações de incerteza frente aos impulsos internos divididos é um marco para o exercício do discernimento. O discernimento é um trabalho pessoal e, ao mesmo tempo, coletivo. Envolve tanto os jovens que fazem o discernimento, como as pessoas que os acompanha. Nesse processo, as pessoas fazem suas escolhas fundamentais, essas escolhas conduzem até a escolha do seu estado de vida. É, pois, importante que os jovens “aprendam a gostar do silêncio e da intimidade com Deus” (FRANCISCO, Christus Vivit, 224, 227).

No diálogo com o Senhor e na escuta atenta às inspirações do Espírito, os jovens devem aprender a “reconhecer-interpretar-e-escolher” o que Deus propõe na vida (VATICANO. FRANCISCO, 2108B).



na vida (VATICANO. FRANCISCO, 2108B).



RECONHECER

É perceber os efeitos que os acontecimentos da própria vida, as pessoas que conhecemos, as palavras que escutamos ou lemos, produzem na própria interioridade e influenciam sócio e psicologicamente. A variedade dos “desejos, sentimentos, emoções” são de diferentes estilos: tristeza, confusão, plenitude, medo, alegria, paz, sensação de vazio, ternura, ira, esperança, tibieza e outros (VATICANO. FRANCISCO, 2018C).

A pessoa se sente atraída e empurrada em várias direções e nenhuma delas parece que seja claramente a que deve escolher. É um tempo de confusão, de altos e baixos e, em alguns casos, de uma luta interna muito intensa.

Reconhecer requer fazer que emergja todo o bosque, sentir todas as cores das emoções e as paixões que nos habitam sem julgá-las, sem preconceitos, requer também captar o “sabor” deixado em nós cada uma delas: a harmonia ou desconforto entre o experimentado e o que se produz em nível mais profundo, dentro de cada um.



INTERPRETAR

É analisar e explicar o que alguém reconheceu e sentiu como emoções, desejos, etc., e compreender seu significado e alcance. Interpretar é passar da frase “me impactou muito” à internalização que consiste em captar a origem e o significado dos desejos e das emoções experimentadas, também tem a ver com avaliar se a vivência, com suas respectivas sensações, nos conduz a uma direção construtiva ou se, pelo contrário, nos leva a retroceder. Isto é complexo e muito delicado, requer paciência, vigilância e inclusive alguma aprendizagem.

A pessoa deve ser capaz de perceber os efeitos do condicionamento social e psicológico e usar suas faculdades intelectuais, sem construir teorias sobre o que seria bom fazer. Na interpretação, o que conta é a realidade, levar em conta as possibilidades de maneira realista. Para interpretar os desejos e movimentos interiores que nos habitam, é necessário que nos confrontemos honestamente à luz da Palavra de Deus e dos requisitos da vida cristã, situando sempre e localizando sempre a situação concreta de nossa vida. O diálogo pessoal com o Senhor é o âmbito mais adequado para a interpretação, porém é necessário contar com a ajuda de algum especialista na escuta do Espírito.





ESCOLHER

É exercer a autêntica liberdade humana e a responsabilidade pessoal depois de ter reconhecido e interpretado o mundo dos desejos e paixões. O ato de decidir escapa assim à força cega dos impulsos, à qual um certo relativismo contemporâneo finalmente assinala um papel de critério último, encarcerando a pessoa na inconstância. A pessoa se liberta das sugestões de elementos externos, ao mesmo tempo que requer uma vida consistente (VATICANO. FRANCISCO, 2018c).

A escolha deve ser traduzida em ação de “empreender um caminho, aceitando o risco de enfrentar a realidade que provocou desejos e emoções”. Além disso, requer que os fatos confirmem a escolha realizada. Vencer o medo paralisa, especialmente o medo de estar equivocado, e reconhecer e interpretar os novos sentimentos que apareçam para confirmar ou corrigir a decisão tomada. Um bom discernimento e um caminho de liberdade fazem emergir o próprio de cada pessoa, o melhor de cada um e que Deus conhece (FRANCISCO, *Christus Vivit*, n. 295).

8. EM MISSÃO PARTILHADA E EM REDES

A SEGUNDA CHAVE DE NOSSA AÇÃO PASTORAL

Há cinco âmbitos da missão que somos chamados a compartilhar: (1) O âmbito global, ecumênico e inter-religioso; (2) o eclesial; (3) o congregacional; (4) o da família claretiana; (5) o âmbito local, referido aos projetos evangelizadores (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2006, p. 65).

“Enquanto membros desta Família Claretiana, sentimos a urgência da missão partilhada dentro da comunhão eclesial com o acento do carisma missionário de Claret. Para levá-la a termo devemos ir explicitando e concretizando nossa comunhão carismática, que nos configura como evangelizadores e servidores da Palavra, dentro das peculiaridades de cada grupo e sempre abertos à missão universal da Igreja. O processo de conscientização nesse sentido está sendo lento, porém intenso. Trata-se de chegar, não somente a um novo estilo de trabalho, mas a uma mudança de mentalidade: a missão partilhada surge espontaneamente quando estamos conscientes de que



somos família” (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2006, p. 72).

Estamos convencidos que [...] *“é muito mais que colocar um corretivo ao individualismo na pastoral ou estar bem coordenados. É um estilo de vida: ser com outros para os demais. Implica um modo de pensar, de sentir e de agir cujo centro articulador é a paixão pelo Reino, é a caridade de Cristo que nos impele”* (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2006, p. 33).

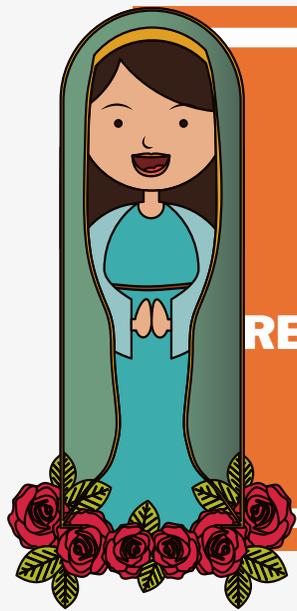
Pouco a pouco, a FC começou a transcender as colaborações específicas de alguns de seus membros para encarar projetos de missão partilhada o que supõe discernimento, planificação, execução e avaliação conjunta da ação. No âmbito da PJV, por exemplo, a JMJ de Madri, em 2011, marcou o início de uma experiência que se manteve depois no Rio de Janeiro (2013), em Cracóvia (2016) e Panamá (2019): em encontro prévio com jovens da FC, a modo de jornada preparatória, imediata à JMJ.

A elaboração dos materiais deste curso que estamos realizando e sua primeira edição destinada aos referenciais(responsáveis) da PJV da FC, em setembro e outubro de 2018, foi aprofundado e enriquecido depois em um encontro mundial, realizado em Roma, em novembro

do mesmo ano. Naquela oportunidade procedeu-se a uma avaliação do curso, bem como a delinear alguns projetos que os coordenadores da PJV da FC temos assumido como um programa comum no qual se trabalha juntos uma proposta pastoral com os jovens.

Tais propostas têm a ver com:

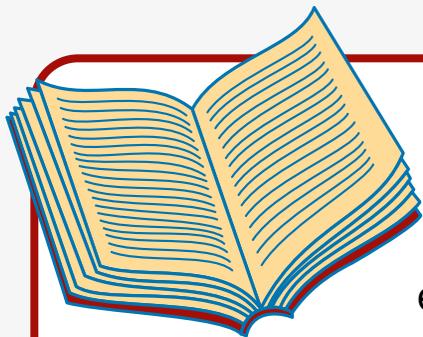
1. O acompanhamento e a pastoral vocacional;
2. Um movimento claretiano de jovens;
3. Um voluntariado missionário para jovens nas periferias;
4. A articulação e animação da PJV da FC por continente;
5. A tradução e novas edições deste curso para referenciais (responsáveis) da PJV da FC por continentes;
6. A possibilidade de levar avante experiências de observação participante em experiências claretianas consolidadas de PJV, os referenciais (responsáveis) que estejam começando seu ministério. A isto é preciso acrescentar as iniciativas locais e regionais que estão sendo levadas adiante em nível de FC. Sem dúvida, há muito caminho a percorrer e, certamente, temos que continuar crescendo nestes aspectos, porém quem vai fazendo juntos o caminho da missão partilhada na FC vai confirmando no rumo assinalado.



**LEMBRE-SE DE
LER O EXCURSO MARIANO
"MARIA, MEMBRO DO POVO
MESSIÂNICO"
RESPONDENTE A ESSA CHAVE
PASTORAL
NO APÊNDICE 14**

8.1. JESUS APRESENTA SUA FAMÍLIA

**UMA IMAGEM BÍBLICA PARA
CONTEMPLAR E NOS REFLETIR**



**Procure em sua Bíblia
o texto Marcos 3, 21. 31-35**

**Leia o texto duas vezes
e tente imaginar a cena
em todos os seus detalhes...
O que você observa?**

A mãe de Jesus e seus parentes ouvem falar de Jesus e se sentem desconsertados. Imagine o que deve ter significado para eles saber que o filho e irmão, que havia ido ao deserto para compartilhar o discipulado com João Batista. Com certeza, o fato de João Batista ter sido colocado no cárcere. Essa proximidade com João já era um sinal de atenção sobre a sanidade mental de Jesus. A sorte do mestre João não era um bom augúrio para o destino do discípulo, não era um programa muito alentador.

Certamente a família de Jesus tinha expectativas de uma vida normal para ele, parecida às do seu povo: que tivesse seguido o ofício do seu José, que se tivesse casado e gerado filhos e filhas, que cuidasse de sua mãe, enfim, alguma das tantas coisas cotidianas e conhecidas que entram no horizonte do povo simples das aldeias apegadas às boas tradições de seu povo. Pelo contrário, ao saber que Jesus andava de um lado para outro, sem um lugar fixo para dormir, considerando a própria família como mortos e urgido pela pregação do Reino de Deus, curando enfermos e endemoniados, teria acendido todos os alarmes (cf. Lc 9, 57-62). E se a isso somarmos o povo que o segue por todos os lados, o estilo de vida que levam e as características de semelhantes “discípulos e discipulas”, podemos compor um quadro da situação e certamente dava para pensar a mesma coisa que sua



família: que não se estava bem do juízo.

Pensemos agora se passasse algo parecido com algum dos nossos filhos e filhas ou nas famílias dos e das jovens que acompanhamos. Se nos colocarmos no lugar de sua família e, sobretudo, no lugar de sua mãe, temos motivos de sobra para apoiá-los em sua tentativa de ir buscá-lo e trazê-lo outra vez para casa. E, no entanto, o que vem depois é ainda mais desconcertante. Marcos é muito sucinto, porém ao mesmo tempo contundente.

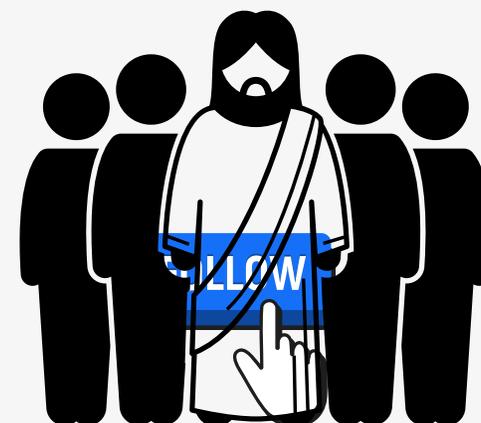
Segundo o evangelista, quando sua mãe e seus parentes chegam à porta e ficam do lado de fora, Jesus age com eles de um modo jamais imaginado. É como um balde de água fria, como recebê-los com uma bofetada. Em primeiro lugar, nem sequer sai para recebê-los e nem lhes dirige a palavra, antes o contrário: aproveita a ocasião para continuar ensinando a seus discípulos. Faz ver a eles como mudaram as coisas a partir da pregação que vem fazendo. Apresenta uns aos outros os que são sua verdadeira família.

O pano de fundo é que a pregação da Boa Notícia, a adesão plena ao que vem de Deus, tem a singularidade de recriar a própria vida e os laços mais significativos. Seguir a Jesus colocando o coração, a mente e o corpo assumindo

uma vida nova e distinta é como nascer de novo. Assim o descreve Jesus no diálogo com Nicodemos no capítulo três do Evangelho de João. Portanto, se sua mãe e seus parentes querem fazer parte de sua família, deverão empreender eles também o caminho do discipulado.

Nisto se evidencia o amor de Maria por Jesus, seu Filho, e nisto está sua grandeza no seio da comunidade cristã: em que se fez discípula de Jesus sendo sua mãe. Por isso, é modelo de discipulado para todos nós. Como indicávamos anteriormente no “excursus mariano”, Maria também abraçou para si a kênosis (esvaziamento) de si mesma. Ela não se apegou a seu título de Mãe, mas fez seu o seguimento de Jesus, foi engendrada por seu Filho à nova família de seus discípulos e discípulas.

A mesma coisa vale para nós: se compartilhamos a tarefa da evangelização é porque também compartilhamos o discipulado missionário de Jesus no qual nos reconhecemos membros de sua família, irmãos e irmãs de Jesus ao estilo de Claret. Sendo assim, que pode nos faltar ainda?



8.2. "FAZER COM OUTROS"

A EXPERIÊNCIA EVANGELIZADORA DE CLARET

Na vida missionária de Claret constatamos a grande quantidade de iniciativas que brotaram de seu coração apostólico e que foram realizadas “com outros e outras”. Vemos, por exemplo, que, como cura (padre) em Sallent, repartia com outro sacerdote a pregação, e na hora de fundar a Livraria Religiosa para propagar livros, ou quando fundou a Congregação dos Filhos do Imaculado Coração de Maria e sendo Presidente da Junta Amigos do País, assim como na breve biografia dos sacerdotes colaboradores em Cuba, Claret responde aos desafios da vida missionária “com outros e outras”.

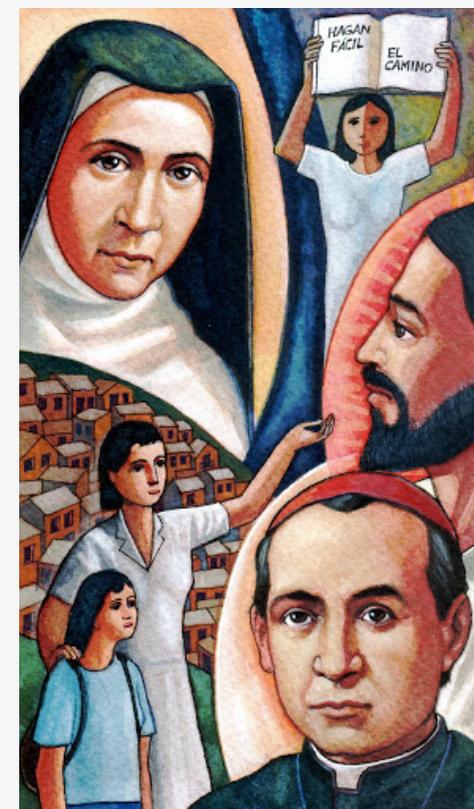
Antônio Maria Claret funda instituições, promove e apoia outras fundações, se relaciona com quem está renovando a Igreja no século XIX, busca colaboradores e Congregações que colaborem com ele, cria e organiza instituições para o apostolado ou de beneficência, confrarias e congregações... (VIÑAS; BRERMEJO, 2008). Seu ministério evangelizador “com outros” é uma forma de ser e de fazer, essencial em seu serviço missionário e uma dinâmica de ação. É o seu modo de entender e viver a missão, muito mais que uma estratégia pastoral ou uma forma de ser diferente.

Nós somos herdeiros e herdeiras de sua ação evangelizadora na Igreja e por isso alentamos a missão partilhada a partir do seguimento de Jesus. A compreensão que a Igreja tem de si mesma e do papel de todos os batizados na missão de Jesus é o marco no qual tem cabida nossa proposta de missão partilhada como família claretiana (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2006, p. 28-32).

8.3. UMA PASTORAL COM JOVENS E VOCAÇÕES EM MISSÃO PARTILHADA

Se levarmos em conta tudo que foi dito anteriormente, há dois aspectos fundamentais sobre os quais podemos começar a construir nossa ação pastoral em missão partilhada:

1. Nossa condição de discípulos missionários de



Jesus;

2. A herança carismática recebida de nosso fundador e pai: Santo Antônio Maria Claret.

Viver a comunhão pela qual nos reconhecemos irmãos e irmãs no seguimento de Jesus ao estilo de Claret e compartilhar a missão de “sair ao encontro dos e das jovens, particularmente os mais pobres e afastados, para caminhar com eles e fazer que escutem o chamado de Jesus” apresenta-se como um desafio de conversão que supõe encontrar, reconhecer-nos em nossas semelhanças e diferenças e trabalhar enriquecendo-nos uns aos outros de modo amadurecido, isto é, com autonomia, interação, comunhão, reciprocidade e complementariedade (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2006, p. 43-64).

Queremos fazer um convite a repensar e a levar adiante a ação pastoral que você realiza com jovens e vocacionados somando esta nova chave, não como mera declaração de boas intenções, mas criando efetivamente canais de ação para uma comunhão cada vez mais genuína em nosso seguimento de Jesus em família. Você está disposto (a) a assumir esta tarefa? Que coisa vimos fazendo juntos desde há tempos? Em quais aspectos nos falta ainda amadurecer e crescer? Como podemos alcançar esse objetivo?

RESUMO FINAL

A dimensão mariana de nosso carisma se expressa tanto na cordialidade e a ternura de nosso trato com os demais, como na luta contra o mal em qualquer de suas formas, a tenacidade e o impulso que nos estimulam a sair ao encontro dos jovens. O interesse que nos move é o de ser colaboradores do Espírito e de Maria para que os jovens se encontrem com Jesus Cristo e escutem seu chamado.

A Palavra de Deus, a opção pelos pobres e pela justiça, a proposta vocacional e a missão compartilhada são dimensões que devem estar presentes ao longo de toda nossa proposta pastoral, a partir dos planos e projetos até as etapas e ações em que se articulem e se concretizem.

O modo que nos propomos evangelizar é antes de tudo empreender “uma saída” missionária: encontrar-nos com os jovens e conhecê-los. A forma de caminhar com eles e acompanhá-los é estabelecendo um “diálogo profético”.

A experiência que lhes oferecemos é uma “missão compartilhada” em comunidade e aberta a outros em diferentes níveis. A “missão compartilhada” e o trabalho em equipe são uma escola de espiritualidade e ação que



queremos frequentar com audácia e esmero, em vista a conseguir a tão necessária “conversão pastoral”. “Fazer com outros” nos transforma pessoal, comunitária e como FC na perspectiva do Evangelho. Não deixemos passar a oportunidade de recuperar a mística de Claret que, deixando as estruturas convencionais da Igreja de sua época, se aventurou pelos caminhos para abraçar sua vocação apostólica, urgido pelo amor a Cristo e o amor aos próximos de seu povo.

A missão partilhada abre espaços de reflexão, mística e ação conjunta para todos os membros da família claretiana. O discernimento da conjuntura eclesial e o mundo atual nos pedem que continuemos caminhando nesta direção.



**TEORIA E PRÁTICA
DA PLANIFICAÇÃO CLARETIANA
DA PASTORAL COM JOVENS E VOCAÇÕES**
CAPÍTULO QUATRO

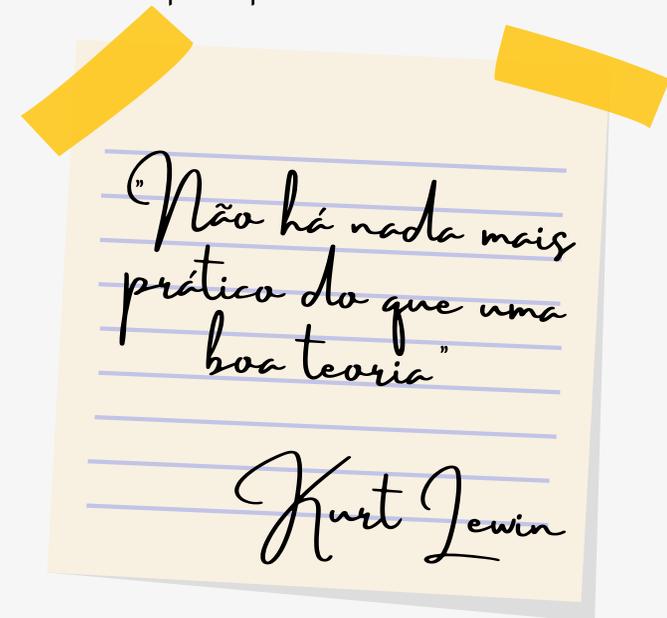


Estamos chegando ao final do nosso curso de formação. Neste módulo nossa atenção e estudo se voltam para a planificação de nossa proposta de PJV. Nós nos sentimos chamados a continuar nosso trabalho transformando as plataformas de apostolado e criando outras que facilitem o encontro e o diálogo com os e as jovens. Queremos buscar os meios mais adequados e a comunicação que nos permita dialogar com eles para comunicar-lhes Jesus Cristo, fazer que se encontrem com Ele e o sigam. É uma oportunidade que não podemos nem queremos perder.

Para que sejamos eficazes em nossa resposta, é necessário que entendamos bem o que significa planejar e aprendamos a fazê-lo. É a melhor maneira de responder a este desafio. Não podemos levar avante nossa pastoral de qualquer maneira nem limitar-nos a ações pontuais e desconexas. A boa vontade ajuda, mas não alcança, e a conjuntura em que vivemos requer de nós muita entrega e uma adequada organização e planejamento que nos permitam certo grau de eficácia.

En este capítulo resaltaremos los diversos aspectos que debemos tener en cuenta para planificar la PJV de la FC. Para ello, organizamos el módulo en tres partes distintas:

- Na “Primeira parte” vamos contemplar uma passagem do Evangelho e outra da vida de Claret, como o fizemos ao longo de todo o curso, pois eles são nossa fonte de inspiração.
- Na “Segunda Parte” abordamos aspectos teóricos de planejamento seguindo os passos clássicos do “ver (e escutar) - julgar-agir-celebrar”.
- Na “Terceira Parte”, oferecemos uma proposta metodológica concreta sobre como planejar, detalhando cada um dos passos.



A. OS OBJETIVOS

QUE NOS PROPOMOS A ALCANÇAR NESTE CAPÍTULO

- Aprender os conteúdos teóricos e práticos do planejamento claretiano para a pastoral juvenil e vocacional na missão compartilhada.
- - Compreender o planejamento pastoral como um instrumento metodológico, mas também como o conteúdo do trabalho pastoral que realizamos.
- Valorizar a importância do trabalho em equipe e da missão compartilhada, como um itinerário que inclui e, ao mesmo tempo, transcende as atividades.
- Contrastar a proposta de planejamento que fazemos aqui com as práticas concretas de planejamento pastoral de nossas comunidades e organizações.

B. OS CONTEÚDOS

QUE PROPOMOS AQUI

- Fontes de inspiração: A metodologia de Jesus Ressuscitado e o itinerário de fé dos discípulos em Lc 24, 13-35 e a presença do Espírito na missão de Claret.
- Aspectos teóricos do planejamento pastoral: Contemplar a realidade dos jovens com fé. Discernir a vontade de Deus neles e com eles. Planejamento da ação pastoral. Processos e dinâmicas anteriores.
- Aspectos práticos do planejamento pastoral: Seis passos para o planejamento: (1) Conhecer a realidade. (2) Estabelecer critérios pastorais e elaborar desafios. (4) Estabelecer a meta. (5) Desenvolver programas e meios. (6) Avaliar e celebrar.



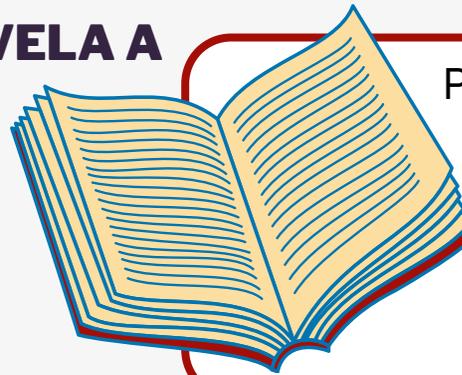
C. ORIENTAÇÕES SOBRE COMO TIRAR O MÁXIMO PROVEITO DESTE CAPÍTULO

- Às vezes pode-se pensar que não é necessário aprofundar nos conteúdos teóricos do que foi planejado, contudo, é necessário lembrar as palavras de Kurt Lewin: “Não há nada mais prático do que uma boa teoria”. Dificilmente podemos avançar na prática pastoral à força de atividades esporádicas ou reações espontâneas, sem fixar critérios claros de planejamento.
- Este modo de planificação pastoral é o que temos discernido e chegado a um consenso para a PJV da FC. Pedimos que você estude e inclua sua planificação como resposta às necessidades explícitas dos referenciais (responsáveis) de PJV.
- Toda planificação nos oferece um marco de referência que dá unidade e perspectiva às atividades de PJV. Contudo, você deve ter presente que é como um mapa que indica o caminho em uma realidade sempre em mudança, isto quer dizer que seu caráter é transitório e passível de ser aperfeiçoado

1. AS FONTES DE INSPIRAÇÃO PARA O PLANEJAMENTO

DA PJV CLARETIANA

1.1. JESUS RESSUSCITADO SE REVELA A DOIS DE SEUS DISCÍPULOS UMA IMAGEM BÍBLICA PARA CONTEMPLAR E NOS REFLETIR



Procure em sua Bíblia a passagem de Lucas 24, 13-35.

Leia o texto duas vezes...
Imagine a cena em todos os seus
detalhes...
O que você observa?



O relato proposto é muito conhecido, contudo, sempre que o lemos nos deixa pensando. Nele encontramos diferentes pontos que podem chamar nossa atenção. É preciso repassar mentalmente e em nosso coração para compreendê-lo melhor, como o fazia Maria.

Se, por exemplo, voltamos nossa atenção na metodologia de Jesus, isto é, nos passos que segue, desde que se aproxima de seus discípulos no caminho até que eles o reconheçam, descobrimos o seguinte:



- (1) Jesus se aproxima e caminha com eles.
- (2) Pergunta-lhes algo que ele já sabia, porém que serve para iniciar um diálogo.
- (3) Escuta a análise da situação que os discípulos fazem. Permite que se expressem, que digam o que pensam e sentem com relação ao tema da conversa nesse momento.
- (4) Oferece a eles novas chaves de leitura da situação. Oferece outra compreensão do que acontece com eles, faz com que ampliem seu horizonte de compreensão dos acontecimentos, vai ao centro de atenção e apresenta os fatos em outra perspectiva, um plano com horizontes não imaginados.
- (5) Jesus capta sua atenção e interesse, “acende seus corações” e fica com eles todo o tempo que seja necessário.
- (6) Conecta o que está vivendo, a nova experiência com experiências significativas vividas anteriormente, quando estava com eles “de outro modo”.
- (7) E quando “se abrem os olhos”, quando são capazes de descobrir a nova forma de presença de Jesus, ele desaparece porque já não faz falta, eles “já viram” a Jesus Ressuscitado e se encontraram com Ele.

Se centrarmos nossa atenção na perspectiva dos discípulos, o texto é igualmente significativo: seu estado de ânimo passa do desalento por ver frustradas suas expectativas messiânicas (políticas) ao entusiasmo de descobri-lo

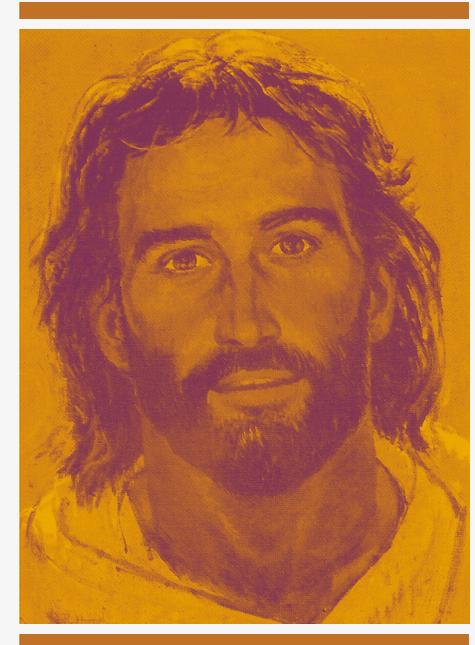
vivo e presente, a partir de um novo paradigma que atualiza o encontro com Jesus Cristo Ressuscitado. Entre um extremo e outro há experiências de frustração, desânimo, cegueira, regressão. Eles voltam ao ponto de partida, tocam fundo, contam o que lhes passa e o que sentem.

Depois, voltam a recompor a situação, ajudados por novas chaves de compreensão, de perspectivas que lhes permitem apreciar a própria vida e os acontecimentos com um olhar diferente. A experiência do encontro facilita uma experiência de fé que os transforma e os descentra de si mesmos.

A experiência própria é importante. Geralmente cremos pelo que experimentamos e serve como base para o que anunciamos. A experiência nos permite compreender melhor a reação diante do que outras pessoas experimentaram. Isto é lembrado por João nas primeiras linhas de sua primeira carta:

"O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida -porque a vida se manifestou, e nós a temos visto; damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e que se nos manifestou -, o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. Escrevemo-vos estas coisas para que a vossa alegria seja completa"
1 João, 1, 1-4.

Quais outros aspectos podemos desentranhar do texto com relação ao tema que estamos abordando?



1.2. A PRESENÇA DO ESPÍRITO NA MISSÃO DE CLARET

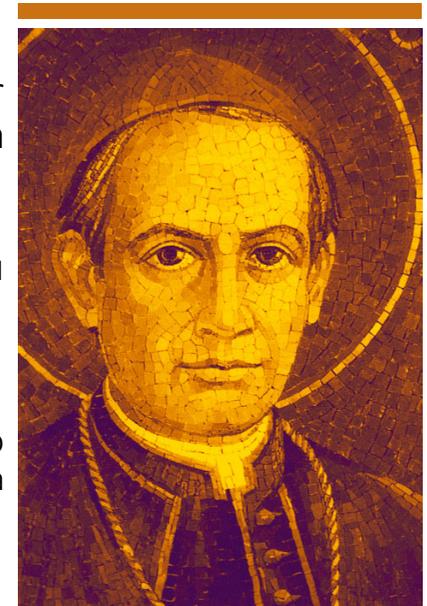
“A presença do Espírito na missão de Claret, “Missionário Apostólico”, é marcada pela escuta, a interiorização e o serviço da Palavra, vividos com atitude sapiencial e profética, escatológica e apocalíptica. Não são palavras vazias. Suas palavras remetem a fatos da vida. Refiro-me a estes estudos, pois são temas já estudados.

O caráter apocalíptico de Claret precisa ser entendido sobretudo na linha de um profetismo de luta aberta contra os poderes do mal. Consagrado pelo Espírito, entra na ótica de Deus e proclama uma mensagem de renovação com a força de sua Palavra. Denuncia os ídolos, lembra a aliança com Deus, condena a opressão aos pobres e anuncia a paz e a justiça que nascem da fidelidade ao Deus da aliança. O profetismo de Claret expressa o juízo de Deus, porém também sua misericórdia, como o demonstra sua insistência na necessidade da mansidão para o missionário (Aut. 372-383). A consolação, elemento fundamental no Apocalipse, está sempre presente no ministério claretiano.

Se contemplarmos o itinerário evangelizador de Claret, percebe-se o binômio ação-contemplação do modo que se segue:

- Uma convicção: o Espírito de vosso Pai “e de vossa Mãe” falará por vós.
- Um pressuposto: A partir do fogo do amor que dá a conhecer o Espírito Santo (cf. Aut. 440; HAC 42) ou a partir do fogo do Espírito Santo que impulsionou os Apóstolos a ir a todo o mundo (cf. L’Egoísmo vinto, cap. IX). Daí o “Charitas Christi, urget nos”, que usa como lema episcopal.
- Uma atitude básica: Buscar em tudo a glória de Deus.
- Uma clara finalidade: Que Deus Pai seja conhecido, amado e servido.
- O modo de alcançá-la: Fazer com outros, a partir da “união” om o Outro.
- O horizonte universal: Meu espírito é para todo o mundo.

(cf. BOCOS, A. “A presença do Espírito na Missão de Claret”, em: Teologia para nossa Missão. 2013, p. 197-198).



2. ASPECTOS TEÓRICOS DA PLANIFICAÇÃO

SEGUNDO O MÉTODO “VER-JULGAR-AGIR”

2.1. ESCUTAR E CONTEMPLAR A REALIDADE DOS JOVENS

COM OLHOS DE FÉ

Para planejar a pastoral não se pode perder de vista o motivo pelo qual o fazemos. Em nosso caso, já explicamos e temos razões de fundo muito claras que nos movem à ação: por uma parte queremos ser uma PJV “em saída missionária ao encontro dos jovens, particularmente das periferias, caminhar com eles e tornar possível que escute o chamado de Jesus...”. Por outra parte, pretendemos “desencadear um processo de conversão pastoral que responda ao chamado de Deus e da Igreja”.

Outra coisa que precisamos ter em conta é o “que” vislumbramos. A planificação da PJV da FC começa quando nos aproximamos e contemplamos a realidade dos jovens com olhos de fé, quando nos comprometemos com eles e conhecemos de perto o que eles vivem. O primeiro passo é que nos disponhamos a sair ao encontro dos jovens e os escutemos. Para que isto seja possível, temos que sair e buscá-los onde se encontrem e criar espaços de escuta ativa, respeitosa, delicada, e estabelecer com eles

um diálogo livre, empático e acolhedor.

O “ver-escutar-contemplar” a realidade consiste em captar quem são os jovens e saber o que acontece com eles, o que sentem, o que pensam, o que vivem, descobrir seus interesses, seu olhar sobre a realidade e a Igreja, o que consideram importante, o que os afeta positiva ou negativamente. Temos que escutar os jovens diretamente, sem mediações de nenhum tipo. Nossa percepção tem que ser imediata e livre de preconceitos, nostalgias ou qualquer outra atitude que possa condicionar nossa percepção, fazendo que vejamos o que não é. É uma ação exigente por sua dinâmica e pelo esforço que comporta fazer isso de modo responsável.

Dizíamos que é importante ter sempre presente o “porquê” de querer empreender este caminho. Assinalávamos também que devemos saber o “que” olhemos-



escutamos-contemplamos. Por último, é igualmente importante ter presente o “como” e respondermos que contemplamos a realidade dos jovens com os “olhos da fé”, isto é, a partir de nossa adesão vital a Jesus Cristo, sua Palavra, e seu projeto de salvação, o Reinado de Deus. Se isto for assim, nosso modo de olhar os jovens deve ser um reflexo dos sentimentos de Jesus. Temos que aprender o modo que Jesus olhava e escutava os demais, sua maneira de contemplar a vida: com amor e misericórdia, convencidos de que Deus habita nos corações das pessoas e leva a termo sua obra neles. Sem preconceitos, sem moralismos, sem condenação de nenhum tipo. Com amor e interesse por eles que são filhas e filhos seus, irmãos nossos. Sem nenhum outro interesse e sem duplas intenções, sem medos nem inibições, com respeito, como quem se aproxima de um espaço sagrado, com delicadeza cuidado.

Vimos já algumas características da realidade juvenil no capítulo 1. Ao planejar a ação pastoral, já não nos enfrentamos com a “juventude” em geral ou em abstrato, mas com “estes jovens concretos com os quais nos encontramos”. Ao vê-los, é importante que nos perguntemos o motivo pelo qual vivem, quais os “fatores externos e internos” que os motivam e afetam.

Fatores “externos” podem ser, por exemplo, as redes sociais e as novas tecnologias digitais com seus efeitos, ou a economia de mercado que os utiliza para o consumo e promove a “cultura do descarte” que os deixa expostos ao desempenho ou à falta de acesso ao mercado laborar, em situações de fragilidade e às vezes empurrados para a marginalização.

Os fatores internos, ao contrário, são aquelas transformações vividas pelos jovens “a partir de dentro”. Nesse sentido, recordamos que os jovens vivem uma etapa de profundas e contínuas transformações. Apresenta-se diante de nós como oportunidade de adquirir novos esquemas de compreensão de vida, mais abertos e universais. A flexibilidade, o incontrolável, o que não é facilmente manipulável dá aos jovens uma nova identidade, o que Zygmunt Bauman denomina “identidade líquida” (BAUMAN, 200, p. 2). Estas novas realidades podem ser interpretadas como uma “perda” aos olhos das gerações anteriores, a menos que sejam concebidas a partir de um olhar de amor e com mente aberta.

Todas as gerações se apresentam com suas luzes e suas sombras. Se isto é certo que às vezes a cultura do consumismo absorve os jovens de nossos dias, também é certo que eles são muito mais sensíveis com relação a



questões ecológicas e movimentos de salvaguarda da ecologia em nível local ou internacional. Suas energias e criatividade motivam a enfrentar os desastres ambientais, as campanhas de prevenção e preservação da natureza, entre muitos outros valores positivos da juventude atual.

2.2. DISCERNIR O QUE DEUS PROPÕE À COMUNIDADE

PARA ESSES JOVENS E COM ELES

No capítulo anterior, ao falar da chave “em diálogo profético”, insistimos muito no discernimento e acompanhamento dos jovens. Nesse caso, de um discernimento “pessoal”, busca-se descobrir o que Deus está propondo para o bem dessa pessoa que faz o discernimento de sua opção de vida, acompanhada por alguém com mais experiência. O objetivo deste segundo ponto se refere, ao contrário, não a um discernimento pessoal, mas “pastoral e comunitário”.

Descrever a realidade em que vivem os jovens não é suficiente. Em vista do que vivem os jovens e em vista de nossa primeira intenção (o “porquê” do ponto anterior), temos que dar um novo passo. Para isso queremos descobrir o que Deus pede à comunidade (o que a equipe

descobrir o que Deus pede à comunidade (o que a equipe que planeja) que leve avante com esses jovens concretos com os quais nos encontramos na realidade que contemplamos.

E novamente é Jesus o melhor exemplo e guia nesse empenho. Podemos aprender dele e de seu discernimento pessoal no deserto, antes de começar seu ministério público na Galileia, seu modo de afastar-se a sós com seu Abba, sua forma de perscrutar e conhecer o que Deus quer de sua missão e seu modo de entendê-la... (cf, Mt 4, 1-11); Mc 1,35-39). Tudo isso nos ajuda a analisar, depois de haver tido contato com a realidade, como seguir adiante tendo como exemplo o próprio Jesus. Ele encontra luz na aparente obscuridade, força e sustento na Palavra de Deus.

Ao contemplar a realidade dos jovens a partir da fé nos predispomos também a aprender com eles, a acolher o que têm para oferecer aos demais. Desse modo nos abrimos ao que Deus quer manifestar também a nós, enquanto vamos caminhando com eles. Temos que deixar



que eles acendam nossos corações com suas inquietações e sonhos, com suas surpresas inesperadas ou fora de programa, com seu entusiasmo e alegria, enfim deixar-se comover pelo que vivem.

Nós somos chamados a seguir o exemplo de Jesus com fidelidade. Para poder analisar as realidades precisamos ser pessoas íntegras, o mesmo Jesus dúvida de que um cego possa guiar outro cego (cf. Lc 3, 39).

Para ver claro é preciso que acudamos à oração para iluminar as realidades que analisamos, para contemplá-las em suas diversas perspectivas, de maneira integral, buscando a partir da fé nela os caminhos e desígnios de Deus. O exemplo das primeiras comunidades cristãs também nos ensina a discernir (cf. Atos 1, 13-14; 6, 1-6; 15, 6-29). Em todas estas narrativas estão presentes todos os membros da comunidade: homens e mulheres, tentando que seja Deus quem age no meio deles através do Espírito.

É imprescindível que não percamos ou esqueçamos, mas que recuperemos esta dimensão comunitária do discernimento em nossas práticas pastorais. Por diferentes motivos a Igreja foi concentrando o discernimento que corresponde a toda a humanidade, a todo povo de Deus, somente na hierarquia. Se pensar em

fazer o contrário, nossos discernimentos devem recuperar a participação de todas e todos os membros de nossas comunidades. O discernimento comunitário é contracultural em uma sociedade marcada pelo individualismo e em uma Igreja demasiadamente clerical. Também temos que ajudar os jovens a se integrarem e contribuírem ativamente nesse exercício do discernimento pessoal e ao mesmo tempo comunitário de nossa pastoral e de suas próprias vidas.

No plano da pastoral e seu planejamento, o discernimento comunitário se realiza a partir do trabalho em conjunto. Não podemos aceitar como válidos nem autênticos discernimentos os julgamentos realizados individualmente, nem a pastoral que se leva ao estilo dos franco-atiradores, “isto é, isoladamente, à distância, apontando para objetivos pontuais ou ocultos para que não se saiba de onde vêm os tiros”. Nós estamos convencidos da necessidade de formar equipes de referenciais (responsáveis), que estejam em comunhão uns com os outros e com quem coordena qualquer centro de pastoral.

O trabalho e o discernimento em equipe nos tornam capazes de compreender melhor as realidades e a vida dos jovens, pois cada um, segundo sua sensibilidade e

complementarmente, é capaz de captar diversos matizes das mesmas situações. Desse modo, todos somos convidados a um compromisso na escuta atenta da voz de Deus que nos chama a partir da própria realidade e nos responsabilizamos igualmente na busca das respostas e ações. As luzes e percepções dos demais nos enriquecem sempre e nos ajudam a ser mais humildes e colaboradores uns com os outros.

Portanto, “julgar” não é assumir a postura de juiz que diz o que está bem e o que está mal da realidade que contemplamos. “Julgar” é “discernir”, “discriminar”, “auscultar” a voz de Deus que nos chama a partir dos acontecimentos, que chama atenção, que nos move interiormente a fazer algo na perspectiva do Evangelho e da comunidade cristã que é a Igreja.



2.3. PROJETAR A PASTORAL COM JOVENS E VOCAÇÕES

E LEVAR À PRÁTICA SUA PROGRAMAÇÃO

Chegamos agora ao terceiro momento do método, o da projeção ou planificação propriamente dita e convém que esclareçamos os dois termos fundamentais do título, que também servem para quando estudarmos a terceira parte da unidade, o modo prático de levar avante a planificação pastoral

Ao começar, convém então que nos perguntemos:

Que é um projeto?

“Um projeto é um plano geral que elaboramos para passar de uma situação atual (a realidade que conhecemos e analisamos) a uma situação desejada (o objetivo geral que nos propomos alcançar), tomando as decisões estratégicas necessárias para isso” (ANTHONY, 2003, p. 329).

Esse projeto pode ser muito amplo e abranger diversas idades ou setores, pelo que, como logo explicaremos, é levado à prática através de diversos programas.

E que é um programa?

Um programa é um plano parcial – não geral – para tornar operativos os objetivos específico do projeto. Nele, tendo em conta o objetivo concreto que se deseja alcançar, são assinalados os meios com os quais se vai trabalhar para conseguir o objetivo, os recursos com os quais contamos, as ações a serem realizadas, os lugares e tempo para isso e as pessoas que se responsabilizam.



Ora, de onde saem o projeto e os programas? O projeto surge da realização dos passos anteriores, o “ver” e o “julgar” a realidade. Surge das respostas ao chamado que Deus nos faz a partir da realidade que contemplamos,

orado e iluminado com a Palavra de Deus, do chamado da Igreja e seus ensinamentos e do diálogo e discernimento da comunidade com suas referenciais e os jovens (ou do referencial – responsável - pastoral e equipe com os jovens).

Nosso enfoque de PJV deve ser guiado por esse discernimento individual e grupal, usando os instrumentos mais adequados da psicologia, da sociologia, da teologia espiritual e das orientações pastorais da PJV da FC ou outras disciplinas que ajudam em tal fim. Este discernimento nos dispõe ao movimento da graça de Deus na vida dos jovens, em nossa própria vida e na de nossas comunidades. Se o fizermos assim, será mais fácil que nossa pastoral juvenil esteja dirigida pelo Espírito e não pela ansiedade ou por ideias não discernidas.

A comunidade ou equipe que programa conhece já neste momento quem são os jovens com os quais se encontrou e o que eles vivem, e conhece também o que Deus reclama da comunidade. Também discerniu o chamado de Deus à comunidade, os desafios pastorais relacionados com os jovens e suas realidades. Tudo foi avaliado em seus momentos de oração, nas orientações da Igreja e da PJV da FC. Agora é o momento do “agir”, isto é, de desenhar juntos o projeto para a PJV da comunidade



(que pode ser a província, delegação, região ou as comunidades ou estruturas locais de evangelização, como uma paróquia ou uma escola). Para isso, é preciso que nos perguntemos e perguntemos a respeito do “ideal”, o objetivo que gostaríamos de alcançar em nossa ação pastoral com os jovens.

Em relação com o horizonte, o objetivo que nos propomos, a comunidade (ou equipe pastoral que planeja) deverá discernir as respostas às seguintes perguntas:

Que fazer?	isto é, que programas ou atividades vão ser implementadas para alcançar os objetivos
Como fazer?	isto é, de que modo se vai levar avante o programa ou as atividades previstas. Com que metodologia se vai trabalhar para implementar os consensos. Quais os recursos com que se contam para levar avante o programa
Quando fazer?	isto é, em que momento é mais adequado fazer isto ou aquilo. Quais os tempos previstos para executar os programas e atividades

Quem fará isso?

Ou seja, quem é responsável por implementar ou coordenar esse ou aquele programa ou atividade?

Onde?

isto é, em que lugar convém fazer isto ou aquilo?

O diálogo e o discernimento comunitário também devem prever o modo e os prazos de tempo necessários que lhe permitam avaliar a marcha e execução do projeto e celebrar os passos todos. Se, como dizíamos anteriormente, o planejamento é como um mapa que nos indica o caminho e o modo de alcançar os objetivos, é necessário que nos detenhamos para ver se vamos pelo caminho correto ou nos desviamos ou, inclusive, se é necessário mudar de rumo porque o caminho que havíamos previsto não é o adequado ou a realidade mudou totalmente e temos um mapa (projeto ou programas) que se tornaram obsoletos.

Pelo que já foi dito, é evidente que o momento da avaliação é parte da ação pastoral, um momento de reflexão e análise do processo e não o ponto de chegada dos projetos já que nos



dá a possibilidade de crescer como comunidade em nosso serviço pastoral, e, se isto é efetivamente assim, se faz necessário celebrá-lo preparando uma Eucaristia ou uma boa paraliturgia, um momento de oração significativo e, dependendo do caso, uma boa festa.

Ao avaliar celebramos a passagem de Deus pela vida da comunidade e seu empenho pastoral. Nós nos alegramos pelas conquistas e passos dados, corrigimos o rumo da marcham, perdoamos ou pedimos perdão pelos erros cometidos, nos animamos mutuamente no caminho, confirmamos os irmãos em seus trabalhos, afirmamos nossa confiança em Deus que leva avante sua obra sem que saibamos como (cf. Mc 4, 26-29) e nos predispomos a continuar avançando com nosso serviço e ministério. Desse modo, a avaliação não é um ponto de chegada, mas um momento para tomar distância a fim de contemplar a possibilidade de fazer as coisas sob uma outra perspectiva, incorporando o olhar dos demais, descobrindo o que Deus vai realizando nos jovens e entre nós.

3. ASPECTOS PRÁTICOS DA PLANIFICAÇÃO PASTORAL

SEIS PASSOS PARA ELABORAR UM PROJETO DE PJV

Acabamos de apresentar os aspectos teóricos da planificação pastoral, seguindo o método do “Ver-Julgar-Agir”. Na sequência, apresentamos um modo concreto a fim de que se possa elaborar um projeto de PJV em seis passos. É o momento de praticar “como fazer um plano de PJV”. É importante que, em todo este processo, não esqueçamos três coisas importantes já assinaladas anteriormente:

- Devemos realizar todo o processo com nosso coração posto em Deus e em uma atitude de autêntico discernimento e de conversão pastoral.
- Devemos ter sempre presente que o grande desafio é estar de maneira real com os jovens. Não serve de nada escrever um projeto se não dedicarmos tempo real para estar com os jovens nem acompanharmos efetivamente suas vidas.
- Devemos ter claro o que é um projeto e o que é um programa de PJV, reconhecer suas diferenças e os atores implicados ou referenciais (responsáveis) dos mesmos na hora de planificar um ou outro.

Propomos aqui a elaboração de um Projeto Claretiano de Pastoral de Jovens e Vocações para cada Organismo (Província, Delegação, Missão ou Região) dos diferentes



institutos e movimentos que compartilham a família claretiana. Esse projeto, como antecipamos no ponto anterior, pode ser muito amplo e abranger diversas idades ou setores, pelo que, como a seguir explicaremos, é levado à prática através de programas diversos.

Para realizar um projeto pastoral de jovens e vocações propomos os seguintes passos. Em cada um deles assinalamos quem são os responsáveis de tais passos. E o fazemos assim porque estamos conscientes de que há diversos momentos e diversos papéis na realização de um projeto destas características.

É importante que todo este trabalho, em seus distintos passos, se recolha por escrito já que a partir desses dados se vai elaborar o projeto final.

3.1. CONHECER A REALIDADE PRIMEIRO PASSO NO PLANEJAMENTO



É o momento de dialogar e chegar a um consenso sobre uma descrição da realidade que temos diante de nós. Para que esta descrição seja adequada, é preciso compartilhar o que descobrimos no conhecimento direto com os jovens e o que

descobrimos a partir de algumas leituras e reflexões que as ciências humanas (psicologia, sociologia, ciências da educação e outras) nos podem oferecer. Elas nos ajudam a dar nome e conceituar o que vemos ao nosso redor a partir de uma perspectiva mais ampla.

Nessa aproximação à realidade deve ser contemplada a realidade dos adolescentes e jovens de nosso entorno em seu aspecto mais amplo:

- (1) Grupos de jovens que existem, tanto os mais próximos como os mais distantes de nós.
- (2) Características principais.
- (3) Situação socioeconômica.
- (4) Situações familiares que mais se destacam.
- (5) Interesses e preocupações.
- (6) Sensibilidade religiosa e vivência da fé.
- (7) Realidade vocacional.

Deve contemplar também a realidade do que nossa comunidade está fazendo para evangelizar estes jovens: nossa pastoral de jovens e vocações, as forças com as quais contamos, recursos, possibilidades

Para fazer esta parte, pode ser útil realizar uma análise tipo SWAT ou DAFO, como o que apresentamos no Anexo 15.



Quem realiza esta parte do processo?

A comunidade cristã ou aqueles que tal comunidade nomeou como ministros da PJV: os agentes ou referenciais (responsáveis) pastorais de PJV. Os jovens que são os possíveis destinatários de nossa PJV, e com os que se pode dialogar sobre a realidade, suas inquietações, seus sonhos, como enxergam a nossa comunidade cristã, que esperam de nós...

3.2. FIXAR OS CRITÉRIOS DE NOSSA PASTORAL DE JOVENS E VOCAÇÕES

SEGUNDO PASSO NO PLANEJAMENTO



Oferecemos na sequência o conjunto de critérios ou opções que devem estar presentes e marcar uma pastoral de jovens e vocacionados com característica claretiana. São o ideário a partir do qual vamos agir, ideário que influi na forma de julgar a realidade e extrair dela os desafios. Se um Organismo vai realizar seu projeto de PJV, terá que tomar estas opções, fazer as adaptações necessárias e fixar assim os critérios que vão guiar sua PJV. Se estivermos realizando o projeto de uma comunidade local, deve-se procurar assumir as opções do Organismo introduzindo somente as

modificações estritamente necessárias. Queremos uma pastoral claretiana de jovens e vocações:

- (1) Em saída missionária de jovens e vocações.
- (2) Que acompanhe os jovens e seja vocacionalmente propositiva.
- (3) Que os ajude a encontrar-se com Jesus Cristo e o sigam.
- (4) Que os ensine a escutar a Palavra.
- (5) Que seja comunitária e fraterna.
- (6) Que seja missionária e multiplicadora de evangelizadores na Igreja.
- (7) Que seja solidária, aberta aos pobres e excluídos, promotora da paz e da justiça.
- (8) Que viva e proponha a missão compartilhada em diferentes níveis.

Quem realiza esta parte do processo?



A equipe de agentes do Organismo deve refletir sobre estas opções, ver se em seu contexto concreto é necessário fazer alguma mudança e finalmente assumi-las....



3.3. EXTRAIR DESAFIOS TERCEIRO PASSO NO PLANEJAMENTO



Quando confrontarmos nossa realidade com o ideal ao qual aspiramos, emergem diante de nós os desafios. Os desafios são aquelas situações que, por sua importância objetiva ou por algum elemento

conjuntural, reclamam de nós uma atenção especial no momento atual.

Na hora de marcar os desafios é importante que nos situemos no marco da opção por uma Igreja “em saída” que busca a conversão pastoral. Não queremos apresentar desafios de conservação que deixem as coisas tais como estão. Nosso desafio é o de ser missionário com os jovens, chegar às suas periferias, buscar os que vivem situações de exclusão social ou não conhecem o Evangelho ou estão afastados da Igreja (ou nós deles), os mais feridos e perdidos, os que são mais maltratados pela vida.

Precisamos ver onde estão os jovens do nosso ambiente que precisam da Boa Notícia de Jesus e chegar até eles. Buscar os âmbitos da vida dos jovens que precisam da luz de Deus para aproximá-la e oferecê-la a eles. Caminhar, e caminhar é abrir fronteiras, sair, abrir

portas, buscar caminhos. Caminhar. Não ficar sentados. Não se acomodar, no mau sentido da palavra. É verdade que é preciso organizar as coisas, que existem trabalhos que exigem estar quietos, porém com a alma, o coração e a cabeça, a caminhar, a buscar. Ir às fronteiras, às fronteiras de todo tipo, inclusive as do pensamento (CLAERET, 2015),

É possível que encontremos muitos desafios, porém, é importante fazer uma adequada seleção e estabelecer prioridades para saber que é o mais importante e por onde começar.

Quem realiza esta parte do processo?

- Os agentes ou referenciais (responsáveis) da PJV.
- Se possível, é melhor realizar isso escutando algum grupo de jovens envolvidos na comunidade, com os quais estabelecemos um diálogo sobre os desafios que creem mais urgentes para si mesmos ou para seus companheiros que não conhecem o Evangelho.



3.4. ASSINALAR O OBJETIVO

QUARTO PASSO NO PLANEJAMENTO



Já temos a análise da realidade e a seleção dos desafios que neste momento mais nos interpelam. É a hora de ir propondo o projeto e assinalar o objetivo que queremos perseguir.

Em primeiro lugar, precisamos marcar o objetivo geral, que é o ponto de chegada, a meta desejada, a realidade que pretendemos alcançar. A abrangência é de longo prazo e alcança todo o arco das idades às quais nos dirigimos na PJV.

Uma formulação geral deste objetivo deve levar em conta os aspectos assinalados anteriormente neste mesmo tema:

- Acompanhar os jovens para iluminar e discernir sua vida.
- Provocar o encontro deles com Cristo.
- Propor a eles que sejam testemunhas e missionários do evangelho, cheios do amor de Deus e acompanhá-los..

Considerando estas chaves, e segundo a realidade e os desafios assinalados, precisamos definir e formular o

objetivo geral que vamos perseguir com nosso Projeto de PJV.

Precisamos definir também os objetivos específicos, que são de menor alcance, a curto e médio prazo. Podem ser setoriais (especificando o que pretendemos conseguir com diferentes grupos de nossos destinatários), progressivos (especificando o que buscamos em cada idade, ou os passos necessários para chegar à meta final, independentemente da idade, e assinalando assim já o itinerário que queremos seguir), por âmbitos nos quais vamos intervir...

Podemos enumerar alguns objetivos específicos que não podem faltar em um projeto de PJV:

- (1) Envolver toda a comunidade na PJV.
- (2) Suscitar e formar agentes para a PJV em missão partilhada.
- (3) Levar o Evangelho aos jovens que ainda não se encontraram com Cristo.
- (4) Promover grupos e comunidades de adolescentes e jovens nos quais se ofereçam itinerários de fé, discernimento vocacional e compromisso cristão e apostólico.
- (5) Implementar uma pastoral vocacional que suscite cultura vocacional, apresente todas as formas de vida cristã e proponha explicitamente a vocação claretiana em todas suas modalidades, sem esquecer a vida consagrada.



Quem realiza esta parte do processo?

Os e as responsáveis da PJV do Organismo, incluindo os referenciais (responsáveis) ou seus representantes.

3.5. ELABORAR OS PROGRAMAS E OS MEIOS

QUINTO PASSO NO PLANEJAMENTO



Assinalamos o objetivo geral e os objetivos específicos. Precisamos concretizar agora o que vamos fazer para alcançá-los: é o momento de elaborar e redigir os programas de ação.

Pode facilitar nossa tarefa de ação e avaliação a elaboração de um programa para cada objetivo específico que tenhamos marcado, ainda que isto não seja estritamente necessário.

Para que o programa seja válido, é necessário que as ações propostas sejam concretas e avaliáveis, e que tudo seja muito claro: quem deve realizar as ações e em que momento. Se isto não acontece, dificilmente se avança.

Um programa de ação...

- (1) Parte de um objetivo específico.
- (2) Propõe os meios que vão ser utilizados para alcançar esse objetivo.
- (3) Para cada meio, assinalar diversas ações concretas e avaliáveis.
- (4) Para cada ação, indicar quem é o sujeito responsável para sua realização e em que tempo ou modo será realizada



Quem realiza esta parte do processo?

- É responsabilidade dos referenciais (responsáveis) pela pastoral.
- Podem ser muito úteis as propostas e a visão dos próprios jovens na hora de propor as ações concretas a serem realizadas.
- Em algum programa concreto, o papel dos jovens pode ser ainda maior, pois eles são bons evangelizadores de outros jovens.

3.6. GARANTIR A AVALIAÇÃO E FESTEJAR O ANDAMENTO OBTIDO



SEXTO PASSO NO PLANEJAMENTO

Para que um projeto esteja completo, é necessário terminar a forma de avaliação: quem vai avaliar o projeto e quando vai se realizar tal

avaliação. Se elaborarmos um projeto e falharmos na parte da avaliação, provavelmente não chegará a ser eficaz.

No nível da avaliação é preciso que se contemplem duas dimensões:

A avaliação do funcionamento:

Trata-se de comprovar se as coisas estão sendo feitas tais como foram programadas. Ajudar os agentes de pastoral a serem fiéis ao projeto e a manter-se em comunhão com todos os envolvidos no mesmo projeto. Esta avaliação é contínua.

A avaliação de validade:

É uma avaliação mais profunda, que se realiza anualmente. Consiste em constatar se o projeto é válido, se é preciso modificar alguns aspectos, ou se, em último caso, não é válido como projeto e se tenha que refazê-lo

É necessário, além disso, que nesses momentos de avaliação ou outros sejamos capazes de celebrar de modo simples e criativo os passos que vamos alcançando, por mais pequenos que possam parecer.

Encontrar motivos para a festa é próprio da comunidade de seguidores e seguidoras de Jesus. Basta fazer uma revisão pelos diferentes relatos evangélicos para perceber essa realidade



RESUMO FINAL

Neste capítulo partilhamos como elaborar um projeto que saia ao encontro dos jovens e os acompanhe para que descubram Jesus, o sigam e empreendam um caminho comunitário e de fé. Porém, ainda afirmamos isto com entusiasmo, reconhecemos que o processo de fé e o processo vocacional é obra do Espírito Santo. Nós só fazemos aquilo que está em nossas mãos para facilitar tudo isso.

Também é importante lembrar algo evidente: os processos lineares, conforme são pensados, só existem nos papéis. A vida é complexa, contém muitas variantes e cada jovem vai percorrendo o caminho a seu ritmo e com passos que não podemos controlar nem manipular.

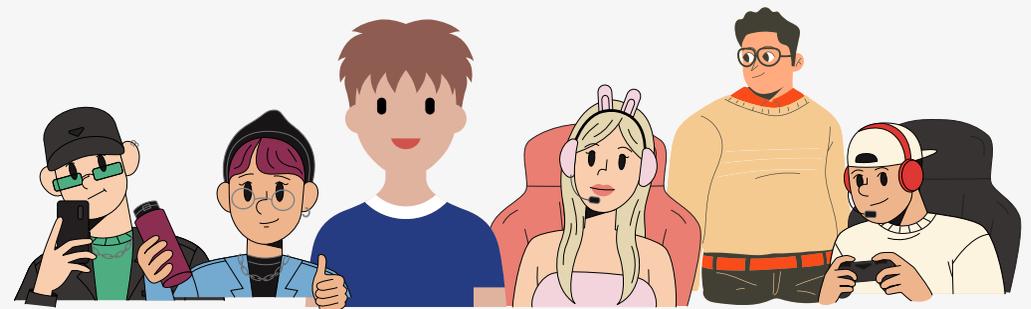
Daqui podemos tirar algumas conclusões com as quais terminamos:

- Que nossos processos devem incluir “experiências fortes”. Nossa PJV não se baseia nelas, porém devem estar presentes. No crescimento da fé sempre encontramos momentos que marcam um antes e um depois, que nos fazem dar um salto de qualidade e separar etapas. Estes momentos às vezes são

oferecidos pela própria vida com suas crises, suas perdas, suas surpresas. Outras vezes, estes momentos vêm facilitados por experiências pastorais vividas.

- Que muitos jovens não vão percorrer todas as etapas de nossos processos, porém vão adquirindo as peças necessárias para construir sua fé. Não necessariamente em nossa ordem nem nos momentos que desejamos, porém sim quando o diálogo entre cada um deles e Deus os vai tornando possível.

Elaboremos nossos processos, façamos tudo que está ao nosso alcance, porém não deixemos de viver uma conversão contínua à autêntica razão de nossa missão: fomos chamados pelo Senhor para fazer o que temos que fazer e isso é o que estamos fazendo. Mais além dos frutos, este é nosso motivo de alegria.





CONCLUSÃO



Com este caderno de "critérios e linhas de ação" para a pastoral claretiana com os jovens e as vocações, a equipe de líderes da PJV da FC quer compartilhar com todos aqueles que compõem esta família carismática na Igreja, o fruto de uma reflexão compartilhada e uma experiência de formação on-line que 320 agentes pastorais da juventude e das vocações de todos os ramos da FC, de todos os continentes, concluíram com sucesso entre 2018 e 2021.

Acreditamos que o curso como tal já completou um ciclo, embora continuemos a propô-lo para aqueles que estão iniciando esse ministério pastoral na FC uma vez por ano. No entanto, estamos mais interessados em dar a conhecer esses critérios e linhas de ação do que em propor um formato e, por isso, estamos fazendo circular esses conteúdos para que estejam à disposição de todos aqueles que desejem aproveitá-los da maneira que lhes pareça mais conveniente e adequada às suas realidades e possibilidades pastorais.

A leitura dos conteúdos que propomos aqui é complementada pela leitura dos anexos que acompanham este livreto.

É nossa intenção continuar aprofundando esta proposta formativa com outras publicações que ajudem

nosso serviço missionário e colaborem com o objetivo que estabelecemos para nossa tarefa: "Ir ao encontro dos jovens, especialmente nas periferias, caminhar com eles e fazer com que possam ouvir os apelos de Jesus".

EQUIPE DE CORDINAMENTO DA PJV DA FC



Participantes da reunião de fevereiro de 2018 em Roma





BIBLIOGRAFIA
E WEBSITES VISITADOS



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOCOS, A. Herencia y profecía. Madrid: Publicaciones Claretianas, 2006.
- CELAM. Bogotá, 2010. BARRIOS, T. H. Connotaciones Fundamentales del Discipulado en los Sinópticos. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá-Colombia, 2006.
- CELAM. Maestro, en tu Palabra, echaré las redes. En: II Congreso Continental Latinoamericano de Vocaciones. Documento Conclusivo. Bogotá: Centro de Publicaciones del CELAM, 2011, n. 105.
- CENCINI, AMEDEO. No cuentan los números. Construir una cultura vocacional. Ediciones Paulinas España, Madrid, 2012.
- FRANCISCO. Exhortación Apostólica Evangelii Gaudium. A los Obispos, a los Presbíteros y Diáconos, a las Personas Consagradas y a los Fieles Laicos sobre el Anuncio del Evangelio en el Mundo Actual. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013.
- HERNÁNDEZ MARTÍNEZ, J. M. Ex Abundantia Cordis. Estudio de la espiritualidad cordimariana de los Misioneros Claretianos. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1991.
- IME, N. G., UNWANA OBONG, D. U., Youth and Moral Values in a Changing Society. IOSR Journal of Humanities and Social Science, vol. 19, Issue 6, (2014), p. 43.
- JUAN PABLO II. Exhortación Apostólica Post-Sinodal Vita Consecrata. Al Episcopado y al Clero, a las Órdenes y Congregaciones Religiosas, a las Sociedades de Vida Apostólica, a los Institutos Seculares y a todos los Fieles, sobre la Vida Consagrada y su Misión en el Mundo. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1996.
- KARAN, W. K., Media Influences and Cultural Impact on Indian Youth, Paper Presented in Summit 2000, Toronto, p. 1-2.
- LOZANO, J. M. Un Místico de la Acción. San Antonio María Claret. Barcelona: Editorial Claret S. A., 1983.
- LOZANO, J. M. Una Vida al Servicio del Evangelio. Antonio María Claret. Barcelona: Editorial Claret S. A., 1985.
- LOZANO, J. M. San Antonio María Claret. Constituciones y Textos sobre la Congregación de Misioneros. Barcelona: Editorial Claret, 1972.
- MISIONEROS CLARETIANOS. “Hacer con Otros”. Taller sobre la Misión Compartida. Guatemala 2005. Buenos Aires:



Editorial Claretiana, 2006.

- MISIONEROS CLARETIANOS. Testigos-Mensajeros de la Alegría del Evangelio. Declaración del XXV Capítulo General. Roma, 2015.
- ROSEN, L. D. Rewired: Understanding the I Generation and the way they learn. Education Digest, 75(9) (2010), p. 20-22.
- ROSEN, L. D. Teaching the iGeneration. Educational Leadership, 68(5) (2011), p. 10-15.
- SÍNODO DE LOS OBISPOS. Los jóvenes, la fe y el discernimiento vocacional. Instrumentum Laboris. XXV Asamblea Ordinaria. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2018.
- SUÁREZ, L. M., Pastoral Vocacional: anunciar, proponer, discernir. La nueva juventud. Perspectivas y desafíos a la vida consagrada I. Vida Religiosa. Monográfico vol. 122. Publicaciones Claretianas. Madrid, 2017.
- TONELLI, R. Una pastoral juvenil al servicio de la vida y de la esperanza. Educación a la fe y la animación. Editorial CCS. Madrid, 2007.
- TWENGE, J. M., iGen. Why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy – and completely unprepared for adulthood. And what that means for the rest of us. Atria Books. New York, 2017.
- VERGA, C. Prefectura de Pastoral Juvenil – Vocacional. Annales Congregationis C. M. F. Volumen 72. Fasciculus 6. Vince-Rò. Roma, 2016. p. 825-833.
- VIÑAS, J. M. – BERMEJO, J. San Antonio María Claret. Escritos Autobiográficos. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid: La Editorial Católica S. A., 1981.

WEBSITES CONSULTADOS E CITADOS

- ASCD.ORG. EDUCATIONAL LEADERSHIP. LARRY D. ROSEN. Teaching the iGeneration. Disponible en: www.ascd.org/publications/educational-leadership/feb11/vol68/num05/Teaching-the-iGeneration.aspx - Acceso: 21 jul. 2018.
- CATHOLIC.NET. Dos negocios ligados: pornografía y explotación sexual. Disponible en: <http://es.catholic.net/op/articulos/14385/cat/558/dos-negocios-ligadospornofrafia-y-explotacion-sesual.html> - Acceso: 3 mar. 2018.



- CATHOLIC.NET. Mensaje del papa Francisco a jóvenes alumnos y exalumnos de colegios jesuitas. Disponible en: <http://es.catholic.net/op/articulos/19680/cat/763/es-deberdel-cristiano-involucrarse-en-politica-aunque-sea-demasiado-sucia-asegura-el-papa.html#>- Acceso: 21 mar. 2018.
- CJ. CRISTIANISME I JUSTÍCIA. VIVES, J. Vida Cristiana y discernimiento. Eides 40. Barcelona, 2004. Disponible en: <https://www.cristianismeijusticia.net/es/vidacristiana-y-discernimiento> - Acceso: 23 jul. 2018.
- CLARET.ORG. MARTOS, J. C. De la animación vocacional a la cultura vocacional, CIVCSVA. Año de la vida consagrada. Formados en el corazón de la Iglesia y del mundo. Coloquio internacional. Roma 2015. Disponible en: http://www.claret.org/sites/default/files/documentos-biblioteca/de_la_animacion_vocacional_a_la_cultura_vocacional.pdf - Acceso: 14 mar. 2018.
- CLARETIAN FORMATION. JOSÉ MARÍA VIÑAS. Formados en la Fragua del Espíritu y del Corazón de María. Disponible en: <http://www.claretianformation.com/biblioteca/cuadernos-cmf/7-formados-en-la-fragua-del-espiritu-y-del-corazon-de-maria> - Acceso: 18 mar. 2018.
- CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. Documento de Puebla. III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Disponible en: http://www.celam.org/doc_conferencias/Documento-Conclusivo_Puebla.pdf - Acceso: 22 jul. 2018.
- CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. SECCIÓN DE JUVENTUD. Civilización del Amor. Tarea y Esperanza. Orientaciones para una pastoral juvenil latinoamericana. Disponible en: https://www.pjlatinoamericana.org/documents/seccion_Juventud_CELAM/Civilización_del_amor_Tareas_y_esperanzas_SEJCELAM.pdf - Acceso: 22 jul. 2018.
- DINÁMICASGRUPALES. SWOT ANALYSIS. Disponible en: www.matrizfoda.com/dafo y <http://dinamicasgrupales.com.ar/tecnicas/de-analisis/analisis-foda> - Acceso: 24 mar.2018.
- GUINEA ECUATORIAL. PÁGINA INSTITUCIONAL. Centenario de la Fundación de las Misioneras de María Inmaculada. Disponible en: http://www.guineaecuatorialpress.com/noticia.php?id_158 - Acceso: 19 jul. 2018.
- INSTITUTO FILIACIÓN CORDIMARIANA. Filiación Cordimariana. Disponible en: <http://www.filiacioncordimariana.org> - Acceso: 19 jul. 2018.



- IOSR.ORG. IME, N. G., UYANGA, U. D. Youth and Moral Values in a Changing Society. Disponible en: <http://www.iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/vol19-issuey6/Version-1/G019614044.pdf> - Acceso: 21 jul. 2018.
- ISSUU. ROSEN, L. D., CARRIER, L. M., CHEEVER, N. A. Rewired: Understanding the I Generation and the way they learn. Palgrave Macmillan. New York, 2010. Disponible en: <https://issuu.com/soham1/docs/rewired> - Acceso: 21 jul. 2018.
- KAYODE, A. L. Youth activism, social media and nation building. Disponible en: <https://iiumgcya2011.files.wordpress.com/2011/05/paper1-lateef.pdf> - Acceso: 3 jul. 2018.
- KOINONIA. AGENDA LATINOAMERICANA 2008. BRECHT, B. El analfabeto político. Disponible en: <http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/obra.php?ncodigo=606> - Acceso: 22 jul. 2018.
- MISIONERAS CLARETIANAS RMI. Misioneras Claretianas RMI. Disponible en: www.claretianasrmi.org - Acceso: 19 jul. 2018.
- MISIONERAS CORDIMARIANAS. MCM Revitalizadas desde el Evangelio y Carisma. Disponible en: <http://www.miscordi.com.mx> - Acceso: 19 jul. 2018.
- MISIONERAS DE LA INSTITUCIÓN CLARETIANA. Misioneras de la Institución Claretiana. Disponible en: <http://mic-claretianas.blogspot.com.es> - Acceso: 19 jul. 2018.
- MISIONERAS DE SAN ANTONIO MARÍA CLARET. Bontá e Gioia, Missionarie di Sant'Antonio Maria Claret. Disponible en: <http://www.missionariesamclaret.it> - Acceso: 19 jul. 2018.
- PRACTICALPARTICIPATION.CO.UK. The Impact of Social Media. Disponible en: http://www.practicalparticipation.co.uk/yes/what/what_does_it_change - Acceso: 3 mar. 2018.
- PUROMARKETING.COM. Cómo internet está cambiando las experiencias de consumo y las relaciones entre marcas y consumidores. Disponible en: <https://www.puromarketing.com/88/24271/como-internet-esta-cambiando-experiencias-consumo-relacionesentre-marcas-consumidores.html> - Acceso: 3 mar. 2018.
- SYNOD2018.VA. videomensaje del Papa Francisco a los jóvenes en ocasión de la Jornada Mundial de la Juventud Panamá 2019. Disponible en: <http://www.synod2018.va/content/synod2018/es/el-papa-y-los-jovenes/el-papa-habla-a-los-jovenes/videomensaje-del-papa-francisco-a-los-jovenes-en-ocasion-de-la-j.html> - Acceso: 10 abr. 2019.
- UN. United Nations Department of Economic and Social Affairs (UNDESA). Definition of Youth. Disponible en:



- <http://www.un.org/esa/socdev/documents/youth/factsheets/youth-definition.pdf> - Acceso: 20 jul. 2018.
- UNIVERSITAT DE BARCELONA. VILLAR, F. Parte I: Fuentes conceptuales. Capítulo 12. Desarrollo adulto y envejecimiento desde un punto de vista sociocontextual, p. 756-764. Disponible en: <http://www.ub.edu/dppsed/fvillar> - Acceso: 3 mar. 2018.
 - VATICAN.VA. ARCHIVE. El libro del Pueblo de Dios. La Biblia (traducción argentina) 1990. Disponible en: https://www.vatican.va/archive/ESL0506/_INDEX.HTM - Acceso: 19 jul. 2018.
 - VATICAN.VA. FRANCISCO. Carta Encíclica LAUDATO SÍ sobre el cuidado de la casa común. Disponible en: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.pdf - Acceso: 20 jul 2018.
 - VATICAN.VA. FRANCISCO. Carta Encíclica LUMEN FIDEI a los obispos, a los presbíteros y a los diáconos, a las personas consagradas y a todos los fieles laicos sobre la fe. Roma, 2013. Disponible en: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html - Acceso: 23 jul. 2018.
 - VATICAN.VA. FRANCISCO. Exhortación apostólica EVANGELII GAUDIUM del Santo Padre Francisco a los obispos, a los presbíteros y diáconos, a las personas consagradas y a los fieles laicos sobre el anuncio del evangelio en el mundo actual. 2013. Disponible en: https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html - Acceso: 19 jul 2018.
 - VATICAN.VA. FRANCISCO. Exhortación apostólica postsinodal AMORIS LAETITIA del Santo Padre Francisco a los obispos, a los presbíteros y diáconos, a las personas consagradas, a los esposos cristianos y a todos los fieles laicos sobre el amor en la familia. 2016. Disponible en: https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html - Acceso: 23 jul. 2018.
 - VATICAN.VA. FRANCISCO. Exhortación Apostólica Postsinodal Christus Vivit del Santo Padre Francisco a los jóvenes y a todo el Pueblo de Dios. Disponible en: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html - Acceso: 10 abr. 2019.
 - VATICAN.VA. JUAN PABLO II. Carta Encíclica Redemptoris Missio del Sumo Pontífice Juan Pablo II sobre la permanente validez del mandato misionero. Disponible en: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptorismissio.html - Acceso: 21 jul. 2018.



- VATICAN.VA. OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE. Carta del Papa a los jóvenes con ocasión de la presentación del Documento Preparatorio de la XV Asamblea General Ordinaria del Sínodo de los Obispos. Disponible en: <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2017/01/13/carta.pdf> - Acceso: 19 jul 2018.
 - VATICAN.VA. OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE. Documento Preparatorio para la XV Asamblea General Ordinaria del Sínodo de los Obispos. Disponible en: <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2017/01/13/intro.pdf> - Acceso: 19 jul 2018.
 - VATICAN.VA. OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE. Documento Preparatorio para la XV Asamblea General Ordinaria del Sínodo de los Obispos. Disponible en: <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2017/01/13/intro.pdf> - Acceso: 19 jul 2018.
 - VATICAN.VA. PABLO VI. Carta Encíclica ECCLESIAM SUAM. El mandato de la Iglesia en el mundo contemporáneo. Roma, 1964. Disponible en: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964.html - Acceso: 23 jul. 2018.
 - VITAETPAX.ORG. PIKAZA, X. Las Bienaventuranzas de Mateo 5, 3-9: Un programa de paz. 2011. Disponible en: <http://www.vitaetpax.org/las-bienaventuranzas-de-mateo-53-9-unprograma-de-paz> - Acceso en: 22 mar. 2018.
 - YOSEOMARKETING.COM. Cibercrimitos: los delitos por internet o delitos informáticos. Disponible en: <https://www.yoseomarketing.com/blog/cibercrimitos-delitos-porinternet-informaticos> - Acceso: 3 mar. 2018.
 - YOUTUBE. I CLARET. Claret Joven. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=p6vsNSbqTsc> - Acceso: 20 jul. 2018.
-



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	3	mundo	30
Resumo dos conceitos-chave desta proposta de formação	7	4. Mudanças geracionais: Da Geração Y a Geração I	32
INTRODUÇÃO À PROPOSTA DE FORMAÇÃO	9	5. Traços e características da juventude atual	33
A. Os objetivos que pretendemos alcançar com esta introdução	12	6. Jovens com valores morais numa sociedade em mudança	35
B. Os conteúdos que lhe propomos aqui	12	7. Dilemas sociopsicológicos da juventude atual	37
1. Jesus “caminho-verdade-e-vida”. Uma imagem bíblica para contemplar e nos refletir	13	8. Outras problemáticas que afetam as e os jovens	39
2. Os chamados da igreja a PJV da FC	14	9. Os jovens e o continente digital	40
3. A opção de trabalhar a PJV como família claretiana	17	10. O Papa Francisco e os jovens	41
4. Características carismáticas comuns	21	11. Sete passos de uma espiritualidade pastoral com os jovens da <i>IGen</i> e seus animadores	44
5. Os discernimentos de nossos capítulos e assembleias gerais	20	Resumo final	46
Resumo final	21	CAPÍTULO DOIS:	
CAPÍTULO UM:	21	A PASTORAL DOS JOVENS E A PASTORAL DE VOCAÇÕES COMO PASTORAIS MISSIONÁRIAS ESPECÍFICAS DA FC	47
OS JOVENS E SUAS REALIDADES	23	A. Os objetivos que nos propomos a alcançar neste capítulo	49
A. Os objetivos que nos propomos a alcançar neste capítulo	26	B. Os conteúdos que propomos aqui	49
B. Os conteúdos que propomos aqui	26	C. Orientações sobre como tirar o máximo proveito deste capítulo	50
C. Orientações sobre como tirar o máximo proveito deste capítulo	27	1. Filipe se encontra com um funcionário etíope. Uma imagem bíblica para contemplar e nos refletir	51
1. Jesus fica em Jerusalém sem permissão. Uma imagem bíblica para contemplar e se refletir	27	2. A pastoral com jovens e a pastoral de vocações como pastorais missionárias da família claretiana	55
2. A experiência de Claret jovem em Barcelona	30	2.1. A pastoral claretiana “com jovens”: Definição e	
3. Os aspectos psicossociais da juventude em nosso			

características	55	1. Maria: Uma presença que atravessa as diferentes experiências de nossa espiritualidade e de nossa vida. A	
2.2. A pastoral claretiana “de vocações”: Definição e características	58	dimensão mariana na PJV da FC	77
2.3. Nível pedagógico do processo vocacional	61	2. Discípulos e discípulas missionários de Jesus Cristo.	
2.4. Três dinamismos de pedagogia vocacional	62	Dimensão do discipulado da PJV da FC	78
2.4.1. O acompanhamento pessoal	62	Excursus mariano: Maria unida ao destino de seu Filho	79
2.4.2. O projeto pessoal de vida	63	2.1. “Por causa de tua palavra lançarei a rede” (o	
2.4.3. O discernimento vocacional	63	pescador pescado). Uma imagem bíblica para contemplar e nos refletir	80
2.5. Condições do acompanhante e indicações operativas	64	2.2. Forjados na frágua do seu amor e misericórdia. Claret e a alegoria da frágua	82
3. Plataformas, contextos e interconexões para uma pastoral claretiana de jovens e vocações	66	2.3. Sonhar um discipulado missionário para jovens	84
3.1. 1.1. Uma resenha mais detalhada dos contextos	68	3. Ouvindo a Palavra. Dimensão bíblica da PJV da FC	86
3.1.1. Contextos juvenis	68	Excursus mariano: Maria, seguidora de Jesus pelo	
3.1.2. Contextos familiares	68	caminho do Servo	88
3.1.3. Contextos paroquiais e educativos	68	3.1. Jesus se encontra com uma mulher samaritana. Uma	
3.1.4. Contextos comunitários mais amplos	69	imagem bíblica para contemplar e nos refletir	89
Resumo final	70	3.2. Claret se encontra com Jesus lendo a sua Palavra	91
CAPÍTULO TRÊS:		3.3. Para que os jovens encontrem Jesus e escutem sua	
DIMENSÕES E CHAVES NECESSÁRIAS PARA A PJV DA FC	71	Palavra	92
A. Os objetivos que nos propomos a alcançar neste capítulo	74	4. Seguidores de Jesus em comunidade. Dimensão comunitária da PJV da FC	93
B. Os conteúdos que propomos aqui	75	4.1. “Venham e vejam”: Dois discípulos de Joao seguem a	
C. Orientações sobre como tirar o máximo proveito deste capítulo	76	Jesus. Uma imagem bíblica para contemplar em os refletir	94
		4.2. A “comunidade colmeia” de Claret em Cuba	96

4.3. Fomentar comunidades de jovens onde flua a vida	97	8. Em missão partilhada e em redes. A segunda chave de nossa ação pastoral	124
5. Desaprender a indiferença saindo para as periferias. Dimensão missionária de nossa pastoral	101	8.1. Jesus apresenta sua família. Uma imagem bíblica para contemplar e nos refletir	126
5.1. Ungido para levar boas novas aos pobres. Uma imagem bíblica para contemplar e nos refletir	103	8.2. “Fazer com outros”. A experiência evangelizadora de Claret	128
5.2. Claret ungido pelo Espírito para a missão	104	8.3. Uma pastoral com jovens e vocações em missão partilhada	128
5.3. A missão nas periferias como âmbito da manifestação de Deus na PJV da FC	106	Resumo final	129
6. Buscar a paz... Trabalhar pela justiça... E transformar o humano a partir da fé. A dimensão política de nossa pastoral	108	CAPÍTULO QUATRO: TEORIA E PRÁTICA DA PLANIFICAÇÃO CLARETIANA DA PASTORAL COM JOVENS E VOCAÇÕES	131
6.1. O programa de paz das Bem-aventuranças. Uma imagem bíblica para contemplar e nos refletir	109	A. Os objetivos que nos propomos a alcançar neste capítulo	134
6.2. Claret não se metia em política e, mesmo assim, morreu no desterro	111	B. Os conteúdos que propomos aqui	134
6.3. Articulação do compromisso político com a fé cristã na pastoral com jovens	114	C. Orientações sobre como tirar o máximo proveito deste capítulo	135
7. “Em diálogo profético”. A primeira chave de nossa ação pastoral	117	1. As fontes de inspiração para o planejamento de PJV claretiana	135
7.1. Ver como olhos novos”: A experiência de Paulo em Damasco	119	1.1. Jesus ressuscitado se revela a dois de seus discípulos. Uma imagem bíblica para contemplar e nos refletir	135
7.2. Discernir no desconcerto”. As encruzilhadas de Santo António Maria Claret	120	1.2. A presença do Espírito na missão de Claret	138
7.3. Companheiras e companheiros no caminho dos e das jovens	122	2. Aspectos teóricos da planificação segundo o método “ver-julgar-agir”	139
		2.1. Escutar e contemplar a realidade dos jovens com	

olhos de fé	139
2.2. Discernir o que Deus propõe a comunidade para esses jovens e com eles	141
2.3. Projetar a pastoral com jovens e vocações e levar a prática sua programação	143
3. Aspectos práticos da planificação pastoral. Seis passos para elaborar um projeto de PJV	146
3.1. Conhecer a realidade. Primeiro passo no planejamento	147
3.2. Fixar os critérios de nossa pastoral de jovens e vocações. Segundo passo no planejamento	148
3.3. Extrair desafios. Terceiro passo no planejamento	149
3.4. Assinalar o objetivo. Quarto passo no planejamento	150
3.5. Elaborar os programas e os meios. Quinto passo no planejamento	151
3.6. Garantir a avaliação e festejar o andamento obtido. Sexto passo no planejamento	152
Resumo final	153
CONCLUSÃO	155
BIBLIOGRAFIA E WEBSITES VISITADOS	159

ORAÇÃO APOSTÓLICA DE CLARET

**“Oh! Meu Deus e meu Pai,
fazei que vos conheça
e vos faça conhecido;
que vos ame
e vos faça amado;
que vos sirva
e faça com que vos sirvam;
que vos louve
e faça com
que todas as
criaturas vos louvem”
Amén**

